

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA
MESTRADO EM TEOLOGIA

RAQUEL MARIA DE PAOLA COLLETTA

A GAUDIUM ET SPES E A EVANGELII GAUDIUM:
UM ESTUDO COMPARATIVO NA PERSPECTIVA DA
CONVERSÃO PASTORAL

Porto Alegre

2015

RAQUEL MARIA DE PAOLA COLLETTA

***A GAUDIUM ET SPES E A EVANGELII GAUDIUM:*
UM ESTUDO COMPARATIVO NA PERSPECTIVA DA
CONVERSÃO PASTORAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito a obtenção do grau de Mestre em Teologia, Área de concentração em Teologia Sistemática e vinculado à linha de Pesquisa Teologia e Pensamento Contemporâneo.

Orientador: Prof. Dr. Leomar Antônio Brustolin

Porto Alegre

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C698g Colletto, Raquel Maria de Paola

A Gaudium et Spes e a Evangelii Gaudium : um estudo comparativo na perspectiva da conversão pastoral / Raquel Maria de Paola Colletto. – Porto Alegre, 2015.
145 p.

Dissertação (Mestrado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia – Faculdade de Teologia, PUCRS.
Orientador: Prof. Dr. Leomar Antônio Brustolin.

1. Nova evangelização. 2. Conversão pastoral. 3. Gaudium et Spes. 4. Evangelii Gaudium. 5. Missão. 6. Teologia. I. Brustolin, Leomar Antônio. II. Título.

CDD 262

**Ficha Catalográfica elaborada pela Bibliotecária
Débora Kraemer de Araujo
CRB 10/1191**

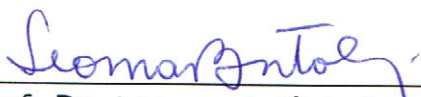
RAQUEL MARIA DE PAOLA COLLETTO

**"A GAUDIUM ET SPES E A EVANGELII GAUDIUM: UM ESTUDO COMPARATIVO NA
PERSPECTIVA DA CONVERSÃO PASTORAL"**


Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestra pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovado em 05 de março de 2015, pela Banca Examinadora.

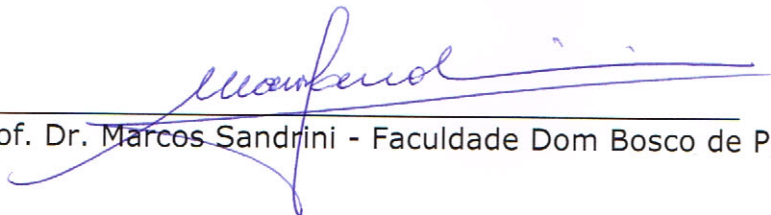
BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Leomar Antônio Brustolin - PUCRS
(Orientador)



Prof. Dr. Urbano Zilles - PUCRS



Prof. Dr. Marcos Sandrini - Faculdade Dom Bosco de Porto Alegre

Porto Alegre
2015

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por tudo que sou, amo e tenho e, também, pela oportunidade que tive de poder frequentar o Curso de Mestrado em Teologia.

Agradeço ao meu esposo Igino, pelo apoio que me deu durante toda a trajetória de estudos.

Agradeço a Thomás Henrique, meu filho, a Cidônea minha nora e a Mariana, minha neta, pelo estímulo nessa caminhada.

Agradeço ao Professor Leomar Brustolin, orientador dessa pesquisa, pelo empenho, dedicação e capacidade de partilhar tão bem seus conhecimentos com os alunos.

Agradeço ao Corpo Docente, pelo entusiasmo de cada um para que aumentássemos nossa bagagem de fé e razão.

Agradeço a Ir. Jurema Andreolla, pela atenção e disponibilidade.

Agradeço aos queridos colegas e funcionários do Curso de Mestrado de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, com os quais vivenciamos muitos momentos felizes.

RESUMO

A pesquisa volta-se para o atual contexto vivencial da Igreja, que sente grande dificuldade de transmitir a fé às novas gerações. Vive-se uma época de profundas mudanças. Constata-se que a crise na sociedade contemporânea e a crise eclesial não estão dicotomizadas, estão, na realidade, intimamente relacionadas. Encontra-se subjacente, nos documentos do Concílio Vaticano II, a necessidade de uma evangelização que conduza a um renovado empenho missionário. Esse processo está presente em toda trajetória pós-conciliar até os dias de hoje. Na América Latina, a relevância de uma nova evangelização se faz sentir à luz das Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano. O *Documento de Aparecida* enfatiza a seriedade do momento atual, convocando todos na Igreja a assumirem atitudes de permanente conversão pastoral, que implica discernir o que o “Espírito Santo está dizendo às Igrejas” (Ap 2,29). Nesse sentido, o Papa Francisco, na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, considera a necessidade de uma “renovação eclesial inadiável” (EG 27), destacando a renovação paroquial. O tema no Brasil é abordado nessa reflexão através dos documentos: *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil* e no documento *Comunidade de Comunidades: uma nova paróquia. A conversão pastoral da paróquia*. Nesse estudo procura-se responder como a constituição *Gaudium et Spes* e a exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, comparadas, podem orientar a transmissão da fé cristã no mundo contemporâneo. A análise é feita relacionando esses dois documentos provenientes de momentos históricos diferentes. Conclui-se sugerindo caminhos para a Igreja continuar transmitindo com alegria o Evangelho na perspectiva do Concílio Vaticano II.

Palavras-chave: Nova evangelização. Conversão pastoral. *Gaudium et Spes*. *Evangelii Gaudium*. Missão.

ABSTRACT

The research faces to the Church's present situation that feels very difficult to transmit the faith to new generations. It lives itself in a time of profound changes. It proves true that the crisis in contemporary society and ecclesiastical crisis are not dichotomized, but they are as a matter of fact inwardly related. It is underlying in the Vatican II Council's documents (1962-1965), the need evangelization that leads to a renewed missionary effort. That process is present throughout the post council context until today. In the Latin America, the relevance of a new evangelization inspires itself in the light of Latin America Episcopate's General Conference. The *Aparecida Document* emphasizes the seriousness of the moment, calling together all people in the Church to assume positions of pastoral conversion permanent, which it implies to discern what the "Holy Spirit is saying to the Churches". (Ap 2,29). Therein, the Pope Francisco's *Evangelii Gaudium* apostolic exhortation considers the need of an urgent ecclesial renewal (EG 27), detaching the parochial renewal. The theme in Brazil is above-mentioned in the documents: *Church's Evangelizing Action Guidelines* in Brazil and in the *Community of Communities: a new parish: the pastoral conversion of the parish*. In that study intends itself to answer as the *Gaudium et Spes* and the *Evangelii Gaudium* apostolic exhortation, compare, they can guide the Christian faith transmission in the contemporary world. The analysis is performed relating those two documents from different historical moments. It follows suggesting ways for the Church to continue transmitting with happiness the Gospel in the Vatican II Council perspective.

Keywords: New Evangelization. Pastoral conversion. *Gaudium et Spes*. *Evangelii Gaudium*. Mission.

LISTA DE SIGLAS

AA	Decreto <i>Apostolicam Actuositatem</i>
CCNP	Documento Comunidade de Comunidades: uma nova paróquia. A conversão pastoral da paróquia
CEB	Comunidade Eclesial de Base
CELAM	Conselho Episcopal Latino-Americano
ChL	Exortação Apostólica <i>Christifidelis Laici</i>
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
DA	Documento de Aparecida
DGAE	Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2011 – 2015)
DM	Documento de Medellín
DP	Documento de Puebla
DV	Constituição Dogmática <i>Dei Verbum</i>
EG	Exortação Apostólica <i>Evangelii Gaudium</i>
EN	Exortação Apostólica <i>Evangelii Nuntiandi</i>
ES	Encíclica <i>Ecclesiam Suam</i>
GD	Exortação Apostólica <i>Gaudete in Domino</i>
GS	Constituição Pastoral <i>Gaudium et Spes</i>
LG	Constituição Dogmática <i>Lumen Gentium</i>
NMI	Carta Apostólica <i>Novo Millennio Ineunte</i>
OT	Decreto <i>Optatam Totius</i>
PVD	Exortação Apostólica <i>Pastores dabo vobis</i>
SC	Constituição <i>Sacrosanctum Concilium</i>
SD	Documento de Santo Domingo
UR	Decreto <i>Unitatis Redintegratio</i>
UUS	Carta Encíclica <i>Ut unum sint</i>
VD	Exortação Apostólica <i>Verbum Domini</i>

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 A CONSTITUIÇÃO PASTORAL <i>GAUDIUM ET SPES</i>	13
1.1 A ORIGEM DO DOCUMENTO.....	13
1.1.1 Breve história do Concílio Vaticano II.....	15
1.1.2 Abertura à modernidade.....	17
1.2 A <i>GAUDIUM ET SPES</i> NO CONCÍLIO.....	20
1.3 AS FONTES	21
1.4 O TEXTO DO DOCUMENTO	23
1.4.1 Características do documento	24
1.4.2 Visão panorâmica sobre a <i>Gaudium et Spes</i>	25
1.5 A METODOLOGIA E A ESTRUTURA DO DOCUMENTO	26
1.5.1 Redescoberta da comunidade.....	30
1.5.2 Redescoberta do Espírito.....	30
1.6 A TEOLOGIA DA <i>GAUDIUM ET SPES</i>	31
1.6.1 Fundamento bíblico.....	32
1.6.2 Deus e a autonomia das realidades terrestres	34
1.6.3 O desígnio universal da salvação	35
1.6.4 Sinais dos tempos: ponto de partida	37
1.6.5 A eclesiologia da <i>Gaudium et Spes</i>	38
1.6.6 Temas relevantes na <i>Gaudium et Spes</i>.....	40
1.6.6.1 <i>Ser humano</i>	40
1.6.6.2 <i>O Povo de Deus</i>	41
1.6.6.3 <i>Serviço</i>	42
1.6.6.4 <i>A missão</i>	43
1.6.6.5 <i>Missão no mundo contemporâneo</i>	44
1.7 A RECEPÇÃO DA <i>GAUDIUM ET SPES</i>	46
1.7.1 A recepção da <i>Gaudium et Spes</i> na América Latina	48
1.7.2 A recepção no Brasil	50
2 EXORTAÇÃO APOSTÓLICA <i>EVANGELII GAUDIUM</i>	53
2.1 ORIGEM DO DOCUMENTO	53
2.1.1 Uma sociedade em crise	54
2.1.2 A crise da modernidade na Igreja	55
2.1.3 Sínodo dos Bispos de 2012	56
2.1.4 Novos sinais dos tempos	60
2.2 ESTRUTURA DO TEXTO DA <i>EVANGELII GAUDIUM</i>	61

2.3 AS FONTES	63
2.4 O DOCUMENTO.....	64
2.4.1 O autor.....	64
2.4.2 Características do documento	67
2.4.3 O estilo evangelizador da <i>Evangelii Gaudium</i>	69
2.4.4 Visão panorâmica	72
2.5 A METODOLOGIA	75
2.6 A TEOLOGIA DA <i>EVANGELII GAUDIUM</i>	76
2.6.1 Fundamentos bíblicos.....	79
2.6.2 A eclesiologia da <i>Evangelii Gaudium</i>.....	81
2.6.3 Temas relevantes da <i>Evangelii Gaudium</i>	85
2.7 RECEPÇÃO DA <i>EVANGELII GAUDIUM</i>	87
2.7.1 A recepção na América Latina.....	91
2.7.2 A recepção no Brasil	94
2.7.3 Questionamentos.....	95
3 A ALEGRIA DE TRANSMITIR A FÉ NO MUNDO CONTEMPORÂNEO.....	97
3.1 IGREJA E MUNDO CONTEMPORÂNEO A PARTIR DO CONCÍLIO VATICANO II... 97	
3.1.1 Novos contextos.....	100
3.1.2 Novos olhares	101
3.2 “AGGIORNARE” PARA EVANGELIZAR	102
3.2.1 A transmissão da fé na América Latina.....	105
3.2.2 A transmissão da fé no Brasil contemporâneo.....	109
3.3 A TRANSMISSÃO DA FÉ NA <i>EVANGELII GAUDIUM</i>	111
3.4 TAREFAS NA EVANGELIZAÇÃO CONTEMPORÂNEA	113
3.4.1 A nova evangelização.....	114
3.5 A CONVERSÃO PASTORAL.....	116
3.5.1 A conversão pastoral da paróquia.....	118
3.5.2 A conversão pastoral no Brasil	121
3.6 A <i>GAUDIUM</i> DA FÉ.....	123
CONCLUSÃO.....	127
REFERÊNCIAS	133

INTRODUÇÃO

O Sínodo dos Bispos de 2012 teve por tema “A nova evangelização para transmissão da fé cristã”. Foi constatado que os cenários social, cultural, econômico e religioso mudaram e exigem algo novo: viver a nossa experiência comunitária de fé de maneira renovada, anunciando-a através de uma evangelização que seja “nova em ardor, em seus métodos, em suas expressões”.¹

A Igreja, em nossos dias, experimenta grande dificuldade em transmitir a fé às novas gerações. Não se trata de um problema totalmente novo, já era sentido entre os participantes do Concílio Vaticano II, observados em textos de Paulo VI, como a exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*, ou de João Paulo II, como a encíclica *Redemptoris Missio*. Os papas que se seguiram, Bento XVI e o atual pontífice, Francisco, também se voltaram para esse tema. Falar da “nova evangelização” não é algo tão óbvio como pode parecer. A evangelização, como proclamação do querigma salvífico presente na mensagem e na vida de Jesus Cristo, é o que garante a identidade do Cristianismo.

A proclamação da fé se dirige a homens e mulheres que vivem numa época histórica e numa sociedade concretas. Logo, a mensagem cristã da salvação só será considerada como tal por uma geração que sinta que ela incide em seus anseios, em sua busca de sentido e de realização. Querer manter a mesma modalidade de pastoral evangelizadora, quando o cenário já é outro, pode ser uma solução cômoda, mas ineficaz, gerando uma crise na transmissão de fé.

A atual sociedade pluralista, diversificada, participativa, secularizada, dominada por uma racionalidade marcada pelo científico-experimental e econômico, acaba voltando-se para o pragmatismo e o utilitarismo, não se entusiasmando com o discurso cristão. Daí a importância de se rever a modalidade evangelizadora do passado, comparando-a com a dos dias de hoje. É importante considerar que a fé não pode ser mais pressuposta, porque é ela que está sendo questionada.

A pesquisa em pauta procura resposta à pergunta: Como a *Gaudium et Spes* (1965) e a *Evangelii Gaudium* (2013), relacionadas, podem orientar a transmissão da fé cristã no mundo contemporâneo?

A escolha por esses documentos originou-se da abordagem de ambos na abertura de diálogo com o mundo em momentos históricos bem diferentes. Mas a opção não se deu

¹ JOÃO PAULO II. *Discurso de abertura da XIX Assembleia do CELAM*. Porto Príncipe. Disponível em: <www.vatican.va/...ii/...1983/.../hf_ip-ii_spe_19830309_assemblea-celam_po.html>. Acesso em: 1º set. 2014.

somente por esse motivo. A constituição pastoral *Gaudium et Spes* é um documento que reflete, de maneira mais peculiar, o espírito do Concílio Vaticano II. Apresenta um pioneirismo como texto conciliar, e sua abordagem ocorre a partir de questões concretas do seu tempo. A *Gaudium et Spes* inaugura um novo gênero de documento, a *constituição pastoral*, inédito até então. Esse documento é tão inovador, que apresenta como razão de ser da Igreja o voltar-se para a sociedade a ser evangelizada, pois toda sua razão de ser é levar, ao longo da história, a salvação de Jesus Cristo à humanidade inteira. Ademais, apesar de novos desafios gerados pelas mudanças culturais e sociais dos últimos anos, seu humanismo e sua percepção dos sinais dos tempos são marcos referenciais à atual ação pastoral.

Esse documento não teve uma preparação pré-conciliar. O Concílio já estava em andamento quando foi aventada a necessidade de um pronunciamento sobre as relações da Igreja com o mundo contemporâneo. O texto só tomou forma na terceira e na quarta sessões, no início de 1965, sendo o último dos 16 documentos do Concílio Vaticano II a ser aprovado, em 7 de dezembro de 1965, pouco antes do encerramento do evento. Na sua origem, encontram-se duas subcomissões: uma de caráter mais doutrinal e outra mais voltada ao tema dos sinais dos tempos.

O subtítulo do documento é “A Igreja *no* mundo contemporâneo”, evidenciando a Igreja que assume uma postura bem diferente, se reconhece inserida no mundo. Conseqüentemente, a Igreja entra em união com toda família humana, tendo como núcleo de reflexão a referência ao ser humano.

Quanto à opção da exortação apostólica *Evangelii Gaudium* (2013) do Papa Francisco, além do diálogo com o mundo, há um grande interesse dos cristãos em conhecer a posição da Igreja na perspectiva da nova evangelização, nos dias de hoje. Trata-se de um documento esperado com grande expectativa por todos os membros da Igreja. No documento, o Papa Francisco faz inúmeras interpelações à Igreja, e a maior delas, base para entender as outras, é a necessidade de todos os batizados saírem da “zona de conforto”, aprimeirando-se, assumindo as turbulências da vida, à semelhança de Jesus Cristo. O principal critério da proposta da renovação eclesial não é uma teologia particular, nem alguma linha de pensamento pastoral, mas uma opção missionária, numa atitude de saída, capaz de transformar tudo em prol da nova evangelização.

A metodologia aplicada à esta pesquisa foi a de análise explicativa e comparativa feita com suporte na literatura específica que aborda a constituição pastoral *Gaudium et Spes* e a

exortação apostólica *Evangelii Gaudium*. Além da literatura concernente ao tema, foi dado ênfase aos documentos do Magistério da Igreja e a Sagrada Escritura.

Objetiva-se, neste estudo fazer uma análise sobre a *Gaudium et Spes* e a *Evangelii Gaudium*, investigando alguns elementos constitutivos da evangelização presentes nos dois documentos, relacionando-os com o atual momento da Igreja no Brasil.

A dissertação intitula-se *A Gaudium et Spes e a Evangelii Gaudium: um estudo comparativo na perspectiva da conversão pastoral*. A necessidade de uma nova evangelização se mantém diante do desafio de conservar sempre viva e atual a novidade do Evangelho. Para os dias atuais, a nova evangelização exige uma conversão pastoral em relação aos modelos do passado, o que significa passar de uma “pastoral de conservação”, com ênfase na sacramentalização (de cristandade) para uma “pastoral transformadora”, com ênfase na evangelização (de pós-cristandade). O *Documento de Aparecida* (2007), ao resgatar a categoria “conversão pastoral”, de Santo Domingo (1992), fornece indicações bem concretas nos quatro âmbitos: na consciência da comunidade eclesial; na práxis ou nas ações pessoais e comunitárias; nas relações de igualdade e autoridade; e nas estruturas da Igreja.²

A abordagem da pesquisa foi feita em três sessões. Na primeira, foi considerada a constituição pastoral *Gaudium et Spes*, a origem do documento, a análise histórica, as fontes e seus referenciais; a metodologia empregada; a situação do documento numa visão panorâmica no Concílio Vaticano II; a perspectiva teológica, algumas categorias mais importantes e a recepção do documento pela Igreja atual. Um dos assuntos de grande relevância é que nesse documento há o reconhecimento da justa autonomia das realidades terrestres. Os que pesquisam os segredos das realidades são conduzidos por Deus, e a verdade é uma só: não há incompatibilidade entre fé e ciência.

A segunda sessão aborda a exortação apostólica *Evangelii Gaudium* – A Alegria do Evangelho, escrita pelo Papa Francisco, promulgada em 24 de novembro de 2013, mantendo dentro do possível as mesmas propostas de análise aplicada à *Gaudium et Spes*.

Como todo pontificado reflete a personalidade de seu respectivo papa, procura-se conhecer melhor o autor da *Evangelii Gaudium*, para uma melhor interpretação de suas propostas. Para o Papa Francisco, o desafio primordial da evangelização é apresentar ao mundo um Jesus Cristo verdadeiro, que se fez carne e se comprometeu com a história humana.

² BRIGHENTI, A. Por uma evangelização realmente nova. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, ano 45, n. 125, p. 83, jan./abr. 2013.

Na terceira sessão, analisam-se os dois documentos, voltando-se para a dimensão pastoral na perspectiva de evangelizar no mundo de hoje, a partir dos seus desafios. Os documentos vão exprimir a ideia-base de como a Igreja deverá exercer sua prioritária missão de anunciar o Evangelho de forma renovada e eficaz. Ao longo do processo de recepção do Concílio, destaca-se o documento de Paulo VI, a *Evangelii Nuntiandi* (1975), que teve profundas consequências pastorais, principalmente na América Latina e nos países do Terceiro Mundo.

A recepção do Concílio na América Latina influenciou na tomada de posição em relação aos grandes problemas sociais que atingiram nosso povo. Nesse sentido, a pesquisa baseou-se nas Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano (CELAM). Um dos eixos fundamentais do *Documento de Medellín* (1968), foi a opção pelos pobres. Enfatizou-se o *Documento de Aparecida* por ter sido importante fonte inspiradora do Papa Francisco, na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*.

No Brasil, a expressão da atividade missionária está presente nas *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil* (2011-2015), aprovada na 49ª Assembleia dos Bispos e no documento *Comunidade de Comunidades: uma nova paróquia. A conversão pastoral da paróquia* (2014), aprovado na 52ª Assembleia dos Bispos. É destacada como o primeiro desafio para a conversão pastoral a situação atual da paróquia. O grande apelo para derrubar as estruturas caducas das paróquias consiste, inicialmente, em fomentar a mística do discípulo missionário.

Conclui-se a pesquisa apresentando alguns desafios a serem enfrentados com sugestões de caminhos pelos quais a Igreja deve continuar a anunciar com alegria o Evangelho na perspectiva do Concílio Vaticano II. Nesse passo, são elencados alguns aspectos de interesse para a nova evangelização, de forma que o leitor possa comparar como era apresentada a questão *ontem* (na *Gaudium et Spes*) e como é apresentado *hoje* (na *Evangelii Gaudium*).

1 A CONSTITUIÇÃO PASTORAL *GAUDIUM ET SPES*

A *Gaudium et Spes*, a constituição pastoral sobre a Igreja no mundo de hoje, “é o documento por excelência do Concílio Vaticano II”.³ A constituição, já em seu primeiro parágrafo, provoca uma revolução teológica e religiosa sem precedentes. Essa revolução possibilita movimentos renovadores na Igreja e na Teologia, nas últimas décadas; provoca controvérsias teológicas fundamentais e ainda é de importância fundamental para o futuro.⁴

1.1 A ORIGEM DO DOCUMENTO

Quanto maior e mais profunda for a memória do passado que o ser humano faz, tanto melhores condições terá para conhecer o presente e mais solidamente posicionar-se diante do futuro. Essa dinâmica também é válida para as sociedades. Ancorar-se em suas tradições dá condição de discernimento, força e vitalidade à comunidade.⁵

Nessa perspectiva, na abertura do Concílio Vaticano II (1962-1965), o Papa João XXIII, enfatiza: “Todos os concílios celebrados na história [...] testemunham claramente a vitalidade da Igreja Católica e constituem pontos luminosos de sua história”.⁶

Uma época nova foi marcada na vida da Igreja com a realização desse evento, mas, ao mesmo tempo, é notório como a assembleia conciliar muito auferiu das reflexões e experiências do período precedente. Na história da Igreja, ocorreram ao todo 21 Concílios Ecumênicos nos quais o “velho” e o “novo” encontram-se sempre entrelaçados.⁷ Além do Concílio de Jerusalém, presente no relato bíblico, considera-se que em Niceia, no ano 325, ocorreu o primeiro concílio. O último foi o Concílio Vaticano II, anunciado em 25 de janeiro de 1959, na Basílica de São Paulo, fora dos muros, em Roma, pelo Papa João XXIII. A convocação gerou grandes expectativas e esperanças, assim como ansiedade e preocupação.

Em 11 de outubro de 1962, o Papa fez seu discurso na inauguração da aula conciliar. No dia seguinte, dois cardeais: Lienard, de Lion (França); e Frings, de Colônia (Alemanha),

³ BORGMAN, E. *Gaudium et Spes*: o futuro esquecido de um documento revolucionário. *Concilium*, v. 312, p. 75-84, 2005-2004.

⁴ *Ibid.*, p. 75.

⁵ LOPES, G. *Gaudium et Spes*: texto e comentário, p. 13.

⁶ JOÃO XXIII. *Discurso de Abertura do Concílio Vaticano II*. 11 de outubro de 1962. Disponível em: <http://ww.w.vatican.va/...xxiii/.../hf_j.xxiii_spe_1921011_opening.council_p...>. Acesso em: 21 maio 2014.

⁷ SANTOS, M. A. Congresso Internacional sobre a atuação dos ensinamentos do Concílio Vaticano II. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 556, nov. 1970.

contestaram os planos curiais, não aceitando a comissão preparatória do concílio nem o resultado de seus trabalhos em preparação ao encontro. Dessa forma, percebe-se claramente o que deveria ser, a partir de então, o denominado espírito do concílio: “franqueza, diálogo, abertura às Igrejas cristãs separadas, às outras religiões do mundo moderno e também a renovação da Igreja Católica”,⁸ procurando recuperar as fontes bíblicas, litúrgicas, patrísticas e acolhendo os sinais dos tempos.

O período pós-conciliar sempre é um tempo difícil, assinalado de controvérsias. A História revela que, depois do Concílio de Niceia (325) e após o Concílio de Calcedônia (451), aconteceram períodos conturbados. Também aconteceu com o Concílio Vaticano II, quando se formaram duas facções que logo foram denominadas de conservadoras e progressistas. Esses termos tiveram, inicialmente, um significado diferente do que foi assumido no pós-concílio. Os considerados progressistas eram, na realidade, conservadores, que desejavam reafirmar a grande tradição (e a mais antiga) da Sagrada Escritura e dos padres da Igreja. E os conservadores eram aqueles que estavam fixados unilateralmente sobre a tradição dos últimos séculos, com acento na neoescolástica. No decorrer do concílio, para haver um consenso mais amplo possível, foi necessário que ambos os grupos assumissem fórmulas de compromisso, para aprovação dos textos.⁹

Conseqüentemente, a gama de 16 documentos conciliares, com suas quatro constituições, nove decretos e três declarações representam o resultado de um exaustivo compromisso, não privado de muitas tensões, sendo “necessário sacrificar algo e deixar insatisfeita certa expectativa. De qualquer forma, fomentaram um dinamismo surpreendente, marcando o início de uma grande mudança na Igreja”.¹⁰ Afinal, as expectativas eram muito grandes após a realização do concílio. Brotou dessa assembleia, em suas quatro sessões, de 1962 a 1965, um documento votado no último dia do concílio, a constituição pastoral *Gaudium et Spes*, que ocupa lugar de destaque no presente estudo. Sendo essa constituição considerada “antes que um documento, um capítulo do tomo conciliar”,¹¹ torna-se indispensável fazer uma breve abordagem do histórico do concílio.

⁸ BRUSTOLIN, L. A. (Org.). *50 anos do Concílio Vaticano II: recepção e interpretação*, p. 13.

⁹ *Ibid.*, p. 14.

¹⁰ *Id.*

¹¹ BARAÚNA, G. *A Igreja no mundo de hoje*, p. 9.

1.1.1 Breve história do Concílio Vaticano II

Desde o início do pontificado de João XXIII sopravam novos ares pentecostais, mas o clima de abertura não vinha somente da personalidade do papa; outros fatores históricos contribuíam para a realização de um evento do porte do concílio.

O mundo europeu presenciava um reerguimento de suas economias deflagradas na Segunda Guerra Mundial. Os primeiros-ministros da Alemanha, Itália, França, que conduziam o desenvolvimento, eram católicos. Assumia, nos Estados Unidos, o presidente J. F. Kennedy, também católico. Respirava-se na Europa um clima de distensão após os terríveis anos do stalinismo com Khrushchev.

Houve uma contribuição da Igreja neste clima por meio dos ensinamentos sociais e da diplomacia de João XXIII. Muito contribuíram no campo social duas encíclicas de sua autoria: *Mater et Magistra* (1961) e *Pacem in Terris* (1963) que abriram a mente da Igreja para o fenômeno da socialização e os grandes sinais dos tempos.¹²

No campo diplomático, o papa recebeu Alexei Adjubei, membro do Comitê Central do Partido Comunista Soviético e diretor do *Isvezstia*, com sua esposa Rada e a filha de Khrushchev. Observou-se a passagem do anátema da excomunhão dos comunistas no tempo do Papa Pio XII (1876 - 1958), para o diálogo.

Provavelmente, fora desse contexto, o concílio não teria decorrido numa crescente abertura. Ademais, João XXIII¹³ definiu claramente, no discurso de inauguração o rumo a ser dado ao XXI Concílio Ecumênico da história da Igreja. No discurso de abertura, que constituiu um marco para a história recente da Igreja, a tônica era a grande disposição de dialogar com o mundo. Destacam-se três palavras que traduzem a orientação do pontífice, ao declarar que o concílio devia ser *pastoral, ecumênico e aggiornamento* da Igreja.¹⁴

¹² LIBÂNIO, J. B. A trinta anos do Concílio Vaticano II: chaves de leitura. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, n. 73, p. 298, set./dez. 1995.

¹³ “O mundo, também o eclesiástico, foi tomado de surpresa, quando o Papa João XXIII, nem três meses depois de sua eleição, no dia 25 de janeiro de 1959, manifestou aos Cardeais, reunidos no mosteiro de São Paulo, seu desejo de convocar um Concílio Ecumênico [...]. Mais tarde, em numerosos documentos, o Papa falará duma ‘inspiração divina’”. Na solene bula *Humanae Salutis*, de 25-12-61, exprime-se nos termos: “Acolhendo como vinda do alto uma voz íntima de Nosso espírito, julgamos estar maduro o tempo para oferecermos à Igreja Católica e ao mundo o dom de um novo Concílio Ecumênico”. (KLOPPENBURG, B. *Concílio Vaticano II: documentário preconiliar*, v. I. Petrópolis: Vozes, 1962, p. 14).

¹⁴ LIBÂNIO, op. cit., p. 299. A palavra italiana *aggiornamento* soou nos lábios do Papa João XXIII. “Trata-se de uma questão de pensar e agir da Igreja. Tem íntima relação com a dimensão pastoral no sentido de diálogo com o mundo moderno a fim de superar a distância, o atraso, a desatualização da Igreja em relação à vida, à história, ao pensar e agir dos homens e das mulheres de nossos dias”. (Ibid., p. 72).

Falando do *punctum saliens*, João XXIII insistiu no fato de que não se trata de repetir o que já era conhecido, mas que se esperava “um progresso na penetração doutrinal e na formação das consciências”, articulando “fidelidade à doutrina autêntica” e “indagação e formulação literária do pensamento moderno”.¹⁵ Ou seja, interpretar para o mundo moderno a revelação tradicional: Escritura e Tradição. O diálogo da Igreja com a modernidade era o grande desafio pastoral. “Estava em jogo a renovação da Igreja que buscava concentrar-se no essencial para cumprir sua missão de sinal de salvação visível e perceptível para o mundo de hoje”.¹⁶

Estamos diante de um concílio que, diferentemente de todos os outros, não pretende assumir posições dogmáticas definitórias nem condenatórias, mas intensificar o diálogo com o homem de hoje, criando pontes para o mundo contemporâneo.

Na alocução de abertura, João XXIII apontou para o caminho do ecumenismo, reconhecendo que “infelizmente a família cristã, no seu conjunto, não chegou ainda a esta visível unidade na verdade”.¹⁷ A Igreja mostra-se disposta, diante dos erros, a “usar o remédio da misericórdia que o da severidade” e se mostrar “mãe amorosa de todos, benigna, paciente, cheia de misericórdia e bondade também com os filhos separados”.¹⁸ Esse deveria ser um concílio sem nenhum anátema.

João XXIII confere um caráter *pastoral* ao concílio, e “isso também significava entender com qual concepção os padres conciliares compreendiam o concílio. Como conciliar a doutrina é a própria dimensão pastoral”.¹⁹ Porém, o problema não estava exclusivamente na compreensão teológica da relação entre Igreja e mundo, mas também naquele histórico da relação com um mundo particular, isto é, com a modernidade.

O papa tinha discernimento de que a Igreja devia atualizar-se, dialogar, responder ao mundo moderno e caminhar na linha da paz, da unidade da humanidade. “A Igreja com o Vaticano II abriu-se para a modernidade, para um mundo religioso pluralista e para uma sociedade secular de cidadania civil”.²⁰

¹⁵ JOÃO XXIII. *Discurso de Abertura do Concílio Vaticano II*. 11 de outubro de 1962. Disponível em: <http://www.vatican.va/...xxiii/hf_j.xxiii_spe_1921011.opening-council_p...>. Acesso em: 21 maio 2014.

¹⁶ LIBÂNIO, J. B. *A trinta anos do Concílio Vaticano II*: chaves de leitura, p. 299.

¹⁷ JOÃO XXIII, op. cit.

¹⁸ Ibid., p. 300.

¹⁹ MANZINI, R. Igreja em diálogo com o mundo moderno. In: MANZINI, R.; MAÇANEIRO, M.; ALMEIDA, J. C. (Org.). *As janelas do Vaticano II*. A Igreja em diálogo com o mundo. Aparecida: Santuário, 2013, p. 215.

²⁰ LIBÂNIO, op. cit., p. 301.

1.1.2 Abertura à modernidade

Nesse contexto, faz-se mister enfatizar alguns pontos da modernidade que influenciaram diretamente nos documentos conciliares para que se entenda a caracterização da sua presença nos anos 60, (século XX).

Percebia-se, na época, um clima de otimismo que o neocapitalismo provocara no primeiro-mundo europeu. Esse espírito vai influenciar na compreensão positiva das realidades terrestres. As realidades *mundanas*, que, durante muito tempo, foram consideradas negativas no vocabulário ascético da pregação da Igreja, assumiam novo aspecto, cores alegres. Assim, não é em vão que o último documento discutido no concílio, passa ser conhecido por suas duas palavras iniciais *Gaudium et Spes* [Alegria e Esperança], reflexo do novo olhar da realidade. Mas as dores e angústias sobretudo dos pobres não serão esquecidas, ainda que essa dimensão será melhor considerada em contexto latino-americano, na Conferência de Medellín (1968).

A modernidade predispõe o homem também à “ruptura hermenêutica copernicana, ao passar-se de uma interpretação especular, ao modo de espelho, da Escritura, da Tradição, dos dogmas, da verdade, em geral, para uma interpretação existencial”.²¹ A proposta objetiva perde a centralidade absoluta e predispõe à entrada da subjetividade, da experiência, da intersubjetividade como mediações fundamentais.

Desse modo, a existência e a experiência tornam-se fonte de saber, de valor, de verdade, de compreensão da realidade e de decisão. Passa-se a reconhecer a dimensão histórica da verdade, quebra-se a rigidez da neoescolástica. Com essa hermenêutica, são revisados todos os documentos preparatórios que tinham sido elaborados na perspectiva anterior. Por essa razão, exceto o de Liturgia, os textos foram rejeitados logo de início, não sendo passíveis de emendas ou melhorias. Os documentos foram reescritos e discutidos pelos padres conciliares, assessorados por brilhante plêiade de teólogos,²² já imbuídos da modernidade hermenêutica.

A noção de modernidade é muito complexa, significa, ao mesmo tempo, um processo

²¹ LIBÂNIO, J. B. *A trinta anos do Concílio Vaticano II*, p. 302.

²² Dentre os teólogos atuantes no Concílio encontram-se vários deles que haviam sido censurados durante o magistério de Pio XII como Maritain, Congar, Chenu, De Lubac, Mazzolari, Milani e os padres operários franceses. (SOUZA, N. Antecedentes e evento histórico. In: MANZINI, R.; MAÇANEIRO, M.; ALMEIDA, J. C. (Org.). *As janelas do Vaticano II: a Igreja em diálogo com o mundo*. Aparecida: Santuário, 2013, p. 69).

histórico circunscrito no tempo e no espaço (no Ocidente vai do século XVI aos nossos dias) e uma retórica da mudança, do progresso e da vanguarda. Permeia todas as esferas da vida: a técnica, a arte, a política, os valores morais. Envolve uma ruptura com o passado, pois pretende trazer o novo e o progresso. Opõe-se à tradição, apresentando-se como o desenvolvimento da racionalidade.²³

No coração da modernidade, estão também a liberdade de pensar, de opinar e de agir, a autonomia das realidades terrestres e das ciências, a democracia, o pluralismo de posições, a valorização do indivíduo, os direitos da pessoa humana, os direitos sociais e o espaço para experiências novas nos diversos campos.

Em vista disso, o processo de modernidade de mais de quatro séculos não entrou de maneira repentina pelas portas da Basílica de São Pedro, abalando o concílio. Na realidade, a modernidade já se encontrava dentro da Igreja, porém de maneira conflitiva.

No campo político, ela foi entrando lentamente pela via da Doutrina Social da Igreja, de forma explícita, com a *Rerum Novarum* de Leão XIII (1891), ficando para trás as duras posições de Gregório XVI e Pio IX.

No campo dogmático, as incursões da modernidade não foram bem-acolhidas. No início do século XX, o modernismo tentou se aprumar, mas foi vigorosamente combatido por Pio X. No período entre-guerras, o movimento querigmático propôs reformas no ensino e na pregação da fé, mas teve dificuldades com a autoridade eclesiástica. Depois da Segunda Guerra, destacam-se, na França, efervescentes movimentos teológicos e pastorais. A Nova Teologia²⁴ com uma plataforma semelhante à do Concílio, sofreu restrições e condenações na *Humani Generis* (1950) e na *Mystici Corporis* (1950).²⁵ O teólogo Teilhard de Chardin, considerado um dos inspiradores da Nova Teologia,²⁶ teve seus escritos censurados em Roma. Seu livro *O fenômeno humano* acabou sendo impresso em 1955, após sua morte, numa editora não católica.²⁷ Houve muito problema na linha de um diálogo aberto com o pensamento científico evolucionista. A atitude de Pio XII tendia para uma prudência exagerada, e diante de uma Igreja envolvida num mundo de agitações e tensões revolucionárias, começou a

²³ LATOURELLE, R.; FISICHELLA, R. *Dicionário de teologia fundamental*, p. 668.

²⁴ Em abril de 1946, Jean Danielou publica um artigo onde projeta as diretrizes do pensamento cristão, logo após a guerra. A Nova Teologia propunha-se: 1. Voltar às fontes fundamentais do pensamento cristão; 2. contato com as correntes do pensamento contemporâneo; 3. contatar com a vida. (ZILLES, U. *História da Teologia Cristã*, p. 145).

²⁵ SOUZA, N. *Antecedentes e evento histórico*, p. 69.

²⁶ ZILLES, op. cit., p. 145.

²⁷ Ibid., p. 70.

concentrar o governo em suas mãos.²⁸

Em relação ao campo pastoral, destaca-se a inserção, no mundo operário, de padres operários. Em 1953, essa experiência contou com cerca de 90 sacerdotes, que foi interrompida em 1959, pela intervenção romana, considerando incompatível o trabalho prático-teórico com a natureza do sacerdócio.²⁹

Na formação da Ação Católica, o movimento dos leigos produziu uma importante virada introduzindo a modernidade na Igreja. Outras “portas” importantes da modernidade foram os movimentos: bíblico, litúrgico-ecumênico e o teológico. Havia outros movimentos que fermentavam na época pré-conciliar, como: o missionário, o eclesiológico, o patrístico, entre outros. Cada um deles incorporava elementos dessa difusa modernidade. A constatação da força desses movimentos ajuda a perceber que o concílio não prescindiu da caminhada anterior da Igreja e não provocou uma ruptura com ela; muito pelo contrário, valorizou esses movimentos, tornando-se estuário de todos eles, inclusive recolhendo a preciosa contribuição que deram à Igreja.³⁰

Considera-se que a Igreja Católica, na época do concílio, estava madura para realizá-lo. Faltava uma faísca para desencadear o “fogo” do Espírito, que foi provocada pela coragem profética e livre de João XXIII.³¹ Na beatificação desse pontífice, no dia 3 de setembro de 2000, João Paulo II afirmou: “A *rajada de novidade* dada por ele não se referia decerto à doutrina, mas ao modo de expô-la; era novo o estilo de falar e de agir, era nova a carga de simpatia com que se dirigia às pessoas comuns e aos poderosos da terra”.³²

Ao falar dessa *rajada de novidade*, o papa refere-se a uma figura que resume o espírito que João XXIII auferiu ao concílio: “Abrir as janelas da Igreja para que entrasse novos ares no diálogo com o mundo”.³³

A metáfora das janelas induz a identificar cada documento do concílio como uma dessas janelas que se abrem para a entrada de ares renovados na Igreja. Nessa perspectiva a

²⁸ ZILLES, U. *História da Teologia Cristã*, p. 69.

²⁹ LIBÂNIO, J. B. *A trinta anos do Concílio Vaticano II*, p. 304.

³⁰ VALENTINI, D. O processo conciliar do Vaticano II e sua continuidade na vida da Igreja. In: BRUSTOLIN, L. A. (Org.). *50 Anos do Concílio Vaticano II*. Porto Alegre: Edipucrs, 2012, p. 28.

³¹ LIBÂNIO, op. cit., p. 304.

³² JOÃO PAULO II. *Homilia do Rito de Beatificação Solene de João XXIII*. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/homilies/2000/documents/hf_ip-ii_hom_20000903_beatification_po.html>. Acesso em: 12 abr. 2014.

³³ MANZINI, R.; MAÇANEIRO, M.; ALMEIDA, J. C. *As janelas do Vaticano II: a Igreja em diálogo com o mundo*, p. 24.

reflexão em pauta, é carregada de uma rajada de alegrias e esperanças – *Gaudium et Spes* – o documento que mais retrata o sonho de João XXIII.³⁴ Um documento que conduz ao velho desafio de estar-no-mundo sem ser do mundo (cf. Jo 17, 11-18).

1.2 A GAUDIUM ET SPES NO CONCÍLIO

Dos 16 textos promulgados pelo Vaticano II, nenhum teve evolução tão lenta, tão longa e tão diversificada como aquele que se achava, em janeiro de 1963, em último lugar da lista da ordem do dia da comissão coordenadora, chamando-se por isso de esquema 17. Mais tarde, em 1964, passou a ser esquema 13, mas sempre em último lugar na lista. Havia uma incerteza em relação ao nome que seria dado a tal documento.³⁵ Esse fato revela a falta de maturidade de um vasto projeto, que, oportunamente, será denunciado e explorado pelos adversários de sua execução.³⁶

A Constituição Pastoral GS é dividida em duas partes e diversos capítulos. A primeira parte versa sobre a Igreja e a vocação do homem, e é dividida em quatro capítulos, finalizando com a “função da Igreja no mundo de hoje”. A segunda parte está voltada para “alguns problemas mais urgentes”, entre esses “a dignidade do matrimônio e da família”; “a conveniente promoção da cultura”; “a vida econômico-social; finalizando com uma análise e recomendações concernentes à construção da paz”. Em sua conclusão a Constituição aborda três problemas básicos: o dever de cada fiel e das igrejas particulares; o diálogo entre todos os homens e como construir o mundo e levá-lo ao seu fim. A idéia deste documento foi do Cardeal Suenens, apresentada em um discurso do dia 4 de dezembro de 1962.³⁷

Em janeiro de 1963, a comissão coordenadora dos trabalhos conciliares determinou que a Comissão Teológica e a Comissão para o Apostolado dos Leigos trabalhassem junto com a comissão mista para elaborar um esquema: *De praesentia Ecclesiae in mundo hodierno*. Em maio de 1963, estava pronto um primeiro esboço, com seis capítulos. Em julho, a comissão coordenadora rejeitou o texto e estabeleceu normas mais concretas. Elaborou-se,

³⁴ LIBÂNIO, J. B. *Concílio Vaticano II: em busca de uma primeira compreensão*, p. 94.

³⁵ “Eis alguns exemplos dessas tentativas: *De praesentia ecclesiae in mundo hodierno* (Urbani), *De ecclesiae principii et actione ad bonum societatis promovendum* (versão oficial de Cicognani em janeiro de 1963), *De ecclesiae praesentia et actione in mundo moderno* (nome oficial em maio de 1963), *De ecclesiae relate ad personam humanam* (Suenens), *De praesentia efficaci ecclesiae in mundo hodierno* (nome oficial em junho de 1963), *De activa praesentia ecclesiae in mundo aedificando* (setembro de 1963). A oposição ao esquema também pode-se expressar na escolha do título; é o caso de Tromp que, no final de abril de 1963, após quatro meses de trabalho na Comissão, teimava em chamá-lo *De ordine sociali et internationali*, esforçando-se para assim manter filiação com os esquemas preparatórios”. *Relatio* 21.II.1963 – 13.III.1966, Pars IV, p. 29s. (ALBERIGO, G. (Dir.); BEOZZO, J. O. (Coord.). *História do Concílio Vaticano II: vol. II. A formação da consciência conciliar. O primeiro período e a primeira intercessão* (outubro de 1962), p. 376.

³⁶ *Ibid.*, p. 375.

³⁷ SCHLESINGER, H.; PORTO, H. *Dicionário enciclopédico das religiões*, p. 1.147.

então, em Lovaina, sob a direção do Cardeal Suenens, uma *Adumbratio de activa praesentia Ecclesiae in mundo aedificando*. Em novembro de 1963, foi constituída uma subcomissão especial para tentar redigir um esquema mais definitivo, que foi enviado aos bispos em junho de 1964 e debatido durante a III Sessão. Seguiu-se novo estudo, e nova redação foi remetida aos bispos em julho de 1965. Durante a IV Sessão, houve 162 discursos na Aula Conciliar e outras centenas de intervenções escritas. O texto foi novamente revisto, emendado e entregue aos padres no dia 12 de novembro de 1965, para ser votado, vindo então, 3.497 votos modificativos.³⁸

Afinal, depois desse processo de emendas, surgiu, no dia 2 de dezembro de 1965, o texto definitivo, votado e aprovado, capítulo por capítulo, no dia 4 de dezembro de 1965. No dia 6 de dezembro, foi feita a votação do conjunto: 2.111 *placet*, 251 *non placet* e 11 nulos. No dia seguinte, em sessão pública, o documento recebeu a aprovação de 2.309 votantes, contra 75 votos negativos e 7 nulos.³⁹

Durante esse longo tempo de execução do documento, aparecem certos pontos fixados desde o início: a Igreja não está ligada de maneira indissolúvel a nenhuma forma de cultura; a Igreja civiliza evangelizando; a autonomia da cultura e sua ordem; a necessidade de proteger as minorias culturais; a rejeição de todas as discriminações; enfim, o nexos entre este capítulo e as partes dogmáticas, assinalado no tema do homem criado à imagem de Deus.

Entre os pontos que foram sofrendo evolução, destaca-se uma visão mais concreta sobre o fato de a miséria atingir dois terços dos homens que estão impossibilitados de acessar os bens fundamentais da cultura. Do ponto de vista teológico, enfatiza-se o manutenção de uma cosmologia bíblica, porém o desaparecimento progressivo da Escatologia. No que tange ao título, em princípio foram justapostas cultura e técnica, para, depois, integrar-se esta naquela.

1.3 AS FONTES

A partir da preocupação pastoral do Concílio, que o Papa João XXIII chamou de “pastoralidade”, se deram dois movimentos importantes: a atualização (*aggiornamento*, em italiano, termo cunhado pelo próprio papa) e a refontalização (*ressourcement*, em francês,

³⁸ Os padres conciliares muitas vezes se manifestaram em relação à redação do texto, que deveria “ser simples, concreto e partir dos fatos e verdades também pelos que não creem na Revelação”, conforme está escrito na Relação oficial no número 89. (KLOPPENBURG, B. *Concílio Vaticano II*, v. V).

³⁹ SCHLESINGER, H.; PORTO, H. *Dicionário enciclopédico das religiões*, p. 1.147.

vindo da Nova Teologia).⁴⁰ Um bom exemplo desses dois movimentos foi a renovação litúrgica, mas o significado da volta às fontes, é o retorno à Escritura, à Palavra de Deus como “alma” não só da Teologia como de toda a Igreja. A *Dei Verbum* “significa um dos veios mais preciosos do concílio, a melhor forma de realizar a volta às fontes e às raízes”.⁴¹

No que tange à constituição *Gaudium et Spes*, em relação a Palavra de Deus, o documento apresenta 187 citações bíblicas⁴² entre textos e notas,⁴³ sendo que a *Lumen Gentium* contém 399 citações. Alberigo, neste sentido, diz que: “a distribuição dessas mesmas citações da Bíblia revela um método muito rudimentar, e, sobretudo uma escassa preocupação de partir da Revelação para construir a ossatura e determinar os conteúdos principais da Constituição”.⁴⁴

Segundo Hackmann, apesar dessa consideração acima citada, “não faltaram citações das fontes fundamentais, como a Bíblia, os Padres, o Magistério e o próprio Vaticano II”.⁴⁵ Esse fenômeno é explicado pela prevalência da corrente conciliar que desejava um documento que se tornasse capaz de dialogar com o mundo de hoje e ser “receptível por ele, mesmo se estranho ao cristianismo”,⁴⁶ razão pela qual predominou no documento um tom “sociológico-descritivo”,⁴⁷ pois essa corrente insistiu, que, para tal objetivo, as citações da Revelação fossem limitadas.

Nesse sentido, é que a maioria dos teólogos é unânime em considerar que a constituição representa a expressão particularmente significativa de uma atitude da Igreja, a partir do Vaticano II, em relação ao mundo contemporâneo.⁴⁸

⁴⁰ SUSIN, L. C. A Igreja e os 50 anos do Concílio Vaticano II. In: BRUSTOLIN, L. A. (Org.). *50 anos do Concílio Vaticano II*. Porto Alegre: Edipucrs, 2012, p. 36.

⁴¹ Ibid., p. 36.

⁴² Algumas das citações bíblicas serão vistas mais adiante neste estudo, quando forem abordados os fundamentos bíblicos e teológicos da *Gaudium et Spes*.

⁴³ “O Antigo Testamento é citado 40 vezes, o Novo 147 vezes, assim subdivididas: os Evangelhos 48, Atos 4, Cartas paulinas 81, Cartas apostólicas e Apocalipse 14. A Constituição “*Gaudium et Spes*” no quadro do Concílio Vaticano II. (BARAÚNA, G. *A Igreja no mundo de hoje*, p. 178).

⁴⁴ ALBERIGO, G. A Constituição *Gaudium et Spes* no quadro do Concílio Vaticano II. In: BARAÚNA, G. *A Igreja no mundo de hoje*. Petrópolis: Vozes, 1967. p. 179.

⁴⁵ HACKMANN, G. L. B. A Igreja da *Lumen Gentium* e a Igreja da *Gaudium et Spes*. *Teocomunicação*, v. 35, n. 150, p. 657-676, dez. 2005.

⁴⁶ ALBERIGO, G. A Constituição *Gaudium et Spes* no quadro do Concílio Vaticano II. In: BARAÚNA, G. *A Igreja no mundo de hoje*. Petrópolis: Vozes, 1967, p. 179.

⁴⁷ É expressão usada por Lionnet. (LYONNET, S. Il dialogo tra la Chiesa e il mondo: rileggendo la costituzione *Gaudium et Spes*. *La Civiltà Cattolica* 133 (1982/3), p. 105. In: HACKMANN, G. L. B. A Igreja da *Lumen Gentium* e a Igreja da *Gaudium et Spes*. *Teocomunicação*, v. 35, n. 150, p. 669, dez. 2005.

⁴⁸ SCOLA, A. *Gaudium et Spes*: dialogo e discernimento nella testimonianza della verità. In: FISICHELLA, R. *Concilio Vaticano II: recezione e attualità Alla luce Del Giubileo*. Cinisello Balsamo: San Paola, 2000, p. 83.

O documento mais citado na *Gaudium et Spes* é a constituição dogmática *Lumen Gentium*. Na realidade, tal concentração enfatiza como a estrutura e a linha de desenvolvimento escolhidas para a constituição pastoral são diferenciadas do documento doutrinal ao qual ela quer mais diretamente ligar-se.

A conclusão da investigação feita por Alberigo às fontes cristãs fundamentais da *Gaudium et Spes*: Bíblia, Padres, Magistério e ao próprio Vaticano II, é de que “resulta quantitativamente falha e qualitativamente dominada por um certo desprendimento a respeito das próprias fontes”,⁴⁹ ficando delegadas às margens do discurso, não exercendo, portanto, influência direta e eficaz sobre suas linhas centrais.

1.4 O TEXTO DO DOCUMENTO

Muitos eram os esquemas preparatórios elaborados para o concílio (cerca de 70) que, após um intervalo entre a primeira e a segunda sessões, foi decidido que haveria uma redução drástica, passando inicialmente para 17 e mais tarde para 13.⁵⁰ Isso foi possível porque, no final da primeira sessão, na análise do esquema sobre a Igreja, os bispos perceberam que haviam chegado ao tema central, em torno do qual poderiam se aglutinar todos os outros. “Esse seria um concílio claramente ‘eclesiológico’, enquanto os primeiros concílios da Igreja tivessem sido claramente ‘cristológicos’”.⁵¹

A tarefa do Concílio estava definida: apresentar a verdadeira identidade da Igreja, na sua natureza e na missão, no contexto do mundo de hoje. Uma Igreja inspirada no Evangelho de Jesus Cristo e na Igreja Primitiva, comprometida com a renovação, voltada à causa da unidade dos cristãos e inserida na sociedade, com a qual se solidarizava na busca de justiça, fraternidade e paz. Atingir esse objetivo envolve um considerável tempo para que seja implantado.⁵²

O título da constituição reflete sua atualidade. Trata da Igreja no mundo de hoje, não o mundo moderno dos últimos séculos, mas o mundo de hoje, aquele em que vivemos neste momento. O qualificativo *constituição pastoral*, dado ao documento, traz em si seu próprio

In: HACKMANN, G. L. B. A Igreja da *Lumen Gentium* e a Igreja da *Gaudium et Spes*. *Teocomunicação*, v. 35, n. 150, p. 669, dez. 2005.

⁴⁹ ALBERIGO, G. A Constituição *Gaudium et Spes* no quadro do Concílio Vaticano II. In: BARAÚNA, G. *A Igreja no mundo de hoje*. Petrópolis: Vozes, 1967, p. 182-183.

⁵⁰ VENTURINI, D. O processo conciliar do Vaticano II e sua continuidade na vida da Igreja. In: BRUSTOLIN, L. A. *50 anos do Vaticano II: recepção e interpretação*. Porto Alegre: Edipucrs, 2012, p. 25.

⁵¹ *Ibid.*, p. 25.

⁵² *Id.*, p. 25.

objetivo e natureza. É um documento doutrinal, “tanto na parte doutrinal propriamente dita, como nas aplicações da doutrina à nossa atual situação”.⁵³ Seu objetivo é pastoral, pois “se dirige à ação, à ação dos cristãos, segundo a orientação e o espírito de Cristo, para o serviço do mundo e em diálogo e cooperação com todos os homens de boa-vontade”.⁵⁴

1.4.1 Características do documento

A *Gaudium et Spes* é um documento original, porque, entre outras características, é o documento mais longo de toda a história conciliar da Igreja; é o primeiro documento no qual o Magistério se exprime sobre os aspectos diretamente pastorais da vida cristã. O método de proceder no documento é novo, apoiando-se numa descrição humana no mundo de hoje. O mundo ao qual a constituição se dirige é o homem em sua totalidade: “indivíduo e a sociedade, matéria e espírito, inserido numa sociedade indefinida”.⁵⁵ Esse homem é o indivíduo e a sociedade, porém, é o homem contemporâneo no mundo de hoje na busca do sentido da condição humana. Essa é exatamente a perspectiva da Teologia Fundamental renovada.

Preliminarmente a constituição é uma descrição do atual estado da coletividade humana (GS 4-10). O homem, sem dúvida, caminhou a passos largos para o progresso. Com isso, ocorreu uma reviravolta na imagem do mundo, e o homem foi o primeiro que sofreu o contragolpe dessa mudança acelerada.

Nesse cenário, cabe à Igreja tomar consciência da dimensão da evolução e do impacto que promove na coletividade. Ela tem que ser mais humana, para ser mais cristã, pois o homem é lugar de encontro dos homens, das religiões, das políticas. Esse é o ponto-base da *Gaudium et Spes*, por isso, começa deliberadamente pela condição humana.

A Igreja – que perscruta os sinais dos tempos – se interessa pelo homem mais do que o próprio homem e existe unicamente para sua salvação. Sua fenomenologia está voltada a uma Antropologia que é inspirada por uma visão do homem em Jesus Cristo, o homem novo. Os ns. de 12 a 18 propõem, a seguir, as grandes linhas da Antropologia cristã. Depois de ter abordado os que rejeitam uma relação íntima e vital do homem com Deus (ateísmo), apresenta, de forma elaborada (GS 22), o Cristo, o homem novo, como a verdadeira resposta no mistério do homem.

⁵³ McRRATH, M. Notas históricas sobre a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. In: BARAÚNA, G. *A Igreja no mundo de hoje*. Petrópolis: Vozes, 1967, p. 152.

⁵⁴ *Ibid.*, p. 153.

⁵⁵ LATOURELLE, R.; FISICHELLA, R. *Dicionário de teologia fundamental*, p. 335.

No n. 22, é “o mistério de Cristo que, afinal, revela o homem ao homem. A verdade do homem é a de ser filho, chamado a entrar na vida trinitária. A revelação, bem longe de ser estranha ao homem”,⁵⁶ está intimamente ligada ao seu mistério que o homem não pode identificar-se a si mesmo sem ela. Daí, se a Revelação aparecesse ao homem como uma realidade da história, distinguidos por vestígios e sinais, “o homem deveria interrogar a história e sobretudo interrogar-se a si mesmo para descobrir se Deus não o interpelou”.⁵⁷

1.4.2 Visão panorâmica sobre a *Gaudium et Spes*

O documento não trata de uma condenação do mundo⁵⁸ moderno, e sim, de uma visão objetiva e global do nosso tempo. Pode-se dizer que a autonomia da Igreja, em face do Estado, encontra sua consagração perfeita no concílio: “A comunidade política e a Igreja, cada uma em seu próprio campo, são independentes e autônomas uma da outra” (GS 76). A Igreja é colocada não em face do mundo, nem contra ele, mas no meio dele, participando em todos os aspectos, como Cristo determinou a seus membros.

Surge, pois, a imagem dinâmica da Igreja, não como obstáculo às transformações da sociedade, mas como estímulo a elas, em tudo que represente um passo no sentido do verdadeiro progresso social.⁵⁹

Não se trata de uma divisão do mundo em zonas hostis, mas de uma superação das antíteses. A *Gaudium et Spes* não considera o mundo dividido entre bons e maus, o mundo moderno é tratado como um todo. As divisões ameaçam levar a humanidade a uma total destruição (GS 4). O Capítulo V é todo dedicado à proposta de lançar pontes e laços de união entre todos os homens. “Para construir a paz é antes de tudo indispensável extirpar as causas de desentendimentos entre os homens” (GS 83).

Não se trata de uma proclamação de anátemas, mas de uma convocação de todos os homens e nações com seus respectivos direitos e deveres.

A constituição ressalta um dos pontos capitais do concílio: convocação de todos para

⁵⁶ LATOURELLE, R.; FISICHELLA, R. *Dicionário de teologia fundamental*, p. 337.

⁵⁷ Ibid.

⁵⁸ Nos documentos pontifícios do século XIX, a palavra *mundo* era considerada numa visão unilateral e pessimista da concepção joanina do mundo. Na constituição esse termo é usado no sentido próprio e positivo. Paulo VI compara a visão de mundo, pelo Concílio, à de Deus após a criação, quando a considerou boa. (LIMA, A. A. Visão panorâmica sobre a Constituição *Gaudium et Spes*. In: BARAÚNA, G. *A Igreja no mundo de hoje*. Petrópolis: Vozes, 1967, p. 155).

⁵⁹ Ibid., p. 154-156.

uma obra comum numa Igreja ativa no mundo. É preciso um esforço comunitário diante das exigências urgentes de nossa época. (GS 92) Trata-se de uma convocação coletiva de fiéis e não fiéis, na base do que têm em comum em sua natureza humana e para um fim comum de progresso universal da humanidade como um todo.

Ainda não se trata de uma defesa do *status quo* social, mas de uma projeção para o futuro, já que todo o documento parte da observação do presente (sinais dos tempos), não para recomendar a defesa da situação existente, nem a volta a condições do passado, mas para recomendar a construção de um mundo novo. O trabalho por uma idade nova não significa confundir as duas realidades – o Reino de Deus e o Progresso Social –, mas a busca desse sem prejuízo daquele (GS 46). É para essa sociedade em mudança, para essa história dinâmica, que a Igreja se volta.

Não implica uma aliança com qualquer cultura ou regime político, mas de sua independência e supereminência de todos pela prioridade do espírito. A função específica da Igreja é de ordem religiosa e não política ou econômica. Sua missão é pregar a primazia dos valores espirituais, sem, contudo, isolar-se das realidades terrenas. A Igreja enfatiza uma sociedade baseada na justiça e na liberdade (GS 42).

Em hipótese alguma é uma reivindicação de privilégios ou de uma apologética da Igreja, mas um prestar contas à humanidade. Assim como Cristo não reclamou para si privilégio algum, a Igreja não reclama privilégios, mas justiça; não aspira a qualquer poder temporal, mas a um poder espiritual, livremente aceito. A Igreja não só ensina à sociedade, mas recebe lições do próprio mundo,⁶⁰ daí porque surge uma Igreja sem caráter triunfalista ou apologético (GS 44), uma Igreja que anseia por unidade.

1.5 A METODOLOGIA E A ESTRUTURA DO DOCUMENTO

A Teologia anterior à *Gaudium et Spes* era dualista, refletia separadamente corpo e alma, terra e céu, mundo e Igreja, profano e sagrado, natureza e graça. A *Gaudium et Spes* abandonou essa postura para afirmar que Deus e o mundo não são rivais, uma vez que o mundo é obra de Deus, que Deus é o mistério último do mundo, o mundo é sacramento de Deus e o mundano é constitutivo do cristão e da Igreja, logo, existe apenas uma história da salvação.

⁶⁰ LIMA, A. L. Visão panorâmica sobre a Constituição *Gaudium et Spes*. In: BARAÚNA, G. *A Igreja no mundo de hoje*. Petrópolis: Vozes, 1967, p. 156.

Assim o Concílio Vaticano II inicia um novo método teológico, o indutivo;⁶¹ é a chamada doutrina dos sinais dos tempos (cf. GS 4,11,44).⁶² O concílio “inicia uma teologia pastoral, que não é simples aplicação do dogma à prática; ao contrário, vê o âmbito pastoral como constitutivo da própria Teologia, como ponto de partida e de chegada”.⁶³

A *Gaudium et Spes* para refletir à luz cristã a própria realidade humana, precisa primeiramente conhecê-la. Para isso, na forma de descrições coloca o homem diante da sociedade daquele tempo. A realidade é confrontada com a visão cristã e, devidamente avaliada, chegando às orientações pastorais adequadas e pertinentes.⁶⁴

O concílio, adotando uma nova metodologia, apresenta a constituição com uma parte introdutória que descreve a condição da pessoa humana no mundo moderno, indicando as mudanças profundas, ora experimentadas pela humanidade. Em seguida, expõe as aspirações e interrogações mais profundas do gênero humano. (GS 4-10). A introdução é seguida por duas partes que constituem a constituição pastoral propriamente dita. Na primeira, é apresentada a Antropologia cristã subjacente a todo o texto, principalmente o que vem afirmado numa segunda parte dedicada a alguns problemas urgentes. A Antropologia cristã vem exposta em três capítulos: o Capítulo 1 se refere à dignidade da pessoa “acentuando sua vocação última, sua fragilidade devido ao pecado, sua natureza espiritual e corpórea, sua inteligência, sua consciência moral e, sobretudo, sua liberdade, “sinal eminente da imagem de Deus” (GS 17).

O Capítulo 2 versa sobre a comunidade humana, abordando a índole comunitária da pessoa humana no desígnio divino (GS 24), afirmando a mútua dependência que há entre indivíduo e sociedade (GS 25), cada vez maior e que deveria servir ao bem comum (GS 26), à justiça social (GS 29), à superação de uma ética individualista (GS 30) em favor de uma ética de responsabilidade com a participação de todos (GS 31).

A abordagem do Capítulo 3, se centra no sentido da atividade humana no mundo e apresenta as afirmações características dos padres conciliares fundamentadas em conquistas teológicas anteriores ao concílio. Nesse compasso, tem-se uma adequada noção do Reino de

⁶¹ A novidade própria do método está relacionada à perspectiva da constituição: “A inseparabilidade, mais ainda, a mútua relação entre a doutrina e a sua significação para os homens aos quais se dirige. É o que a nota introdutória chama de preocupação pastoral da doutrina e de embasamento doutrinário da pastoral, numa interação viva”. (PALÁCIO, C. O. O legado da *Gaudium Spes*: riscos e exigências de uma “nova condição cristã”. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, n. 73, p. 339, set./dez. 1995).

⁶² CODINA, V. O Vaticano II, um concílio em processo de recepção. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, n. 37, p. 94, 2005.

⁶³ *Ibid.*, p. 94.

⁶⁴ MIRANDA, M. F. Igreja e sociedade na *Gaudium et Spes*. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis: Vozes, v. LXVI, p. 95, 2006.

Deus, corrigindo uma concepção espiritualista da salvação cristã, igualmente aborda uma Teologia cristocêntrica da criação, conferindo “densidade teológica à realidade criada, uma concepção unitária de natureza e graça que dá sentido cristão a qualquer ação humana não sujeita ao egoísmo”.⁶⁵

Reconhecendo o enorme esforço de homens e mulheres em suas atividades, mesmo as cotidianas da vida familiar e profissional, diz a constituição, que corresponde ao desígnio de Deus. Conclui dizendo que “a mensagem cristã não desvia os homens da construção do mundo nem os leva a negligenciar o bem de seus semelhantes, mas antes os obriga mais estritamente por dever a realizar tais coisas” (GS 34).

O concílio também reconhece a justa autonomia das realidades terrestres, “as coisas criadas e as próprias sociedades gozam de leis e valores próprios” (GS 36), que devem ser respeitados e que não podem se opor à fé, pois têm origem no mesmo Deus. Ademais, os que pesquisam os segredos da realidade são conduzidos por Deus, pois a verdade é uma só em não havendo incompatibilidade entre fé e ciência. E o Espírito Santo “anima, purifica e fortalece” as aspirações da família humana que se esforça “por tornar mais humana sua própria existência” (GS 38). As conquistas humanas, ao longo da história, não consistem somente de ações salvíficas para seus autores, mas em si mesmas contribuem para a realização definitiva do Reino de Deus (GS 39).

O Capítulo 4 volta-se à tarefa da Igreja no mundo atual. Há aqui uma clara mudança de paradigma. Não é apresentada a mais uma relação descrita em termos de poder e de subordinação, como até então, mas de diálogo, de mútua colaboração e responsabilidade. A Igreja não entra em competição com o mundo, pois “ela existe neste mundo e com ele vive e age” (GS 40).

A Igreja é, assim, apresentada, não ao lado da sociedade, por ter uma finalidade própria. Sua missão específica é de cunho religioso, e não político, econômico ou social, porém sua ação evangélica repercute na organização e no fortalecimento da comunidade humana (GS 42).

Há uma mudança de enfoque nas relações Igreja-sociedade e um esclarecimento da ênfase da ação eclesial através dos leigos cristãos; ela está firmemente persuadida “de que pode receber preciosa e diversificada ajuda do mundo” (GS 40), essa nova afirmação implica

⁶⁵ MIRANDA, M. F. Igreja e sociedade na *Gaudium et Spes*. Revista *Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis: Vozes, v. LXVI, p. 96, 2006.

pressupostos e consequências. No final do Capítulo 4, são enumerados os auxílios que a sociedade presta à Igreja, configurando sua identidade teológica em formas mais aptas à sua missão salvífica.

A segunda parte da constituição trata de problemas mais urgentes como: família, cultura, economia, paz, comunidade internacional e comunidade política. Aqui se destaca o bem comum como a única razão da existência da sociedade política e sua estrutura jurídica (GS 74).

O pressuposto fundamental de toda a vida política é o respeito à liberdade individual. “Embora sem expressá-lo explicitamente, o concílio implicitamente defende o regime democrático”, condenando regimes ditatoriais ou totalitários (GS 75). Citando um discurso de Pio XI, a constituição refere-se ao que ele chamou de “caridade política”, como domínio da forma mais ampla de caridade.

Nessa perspectiva, a constituição em estudo apresenta uma valorização positiva de toda criação, da pessoa humana (GS 12-17), do trabalho (GS 33-36), da cultura (GS 53-62), afirmando que os bens da Terra destinam-se a todo mundo (GS 69). Dentro dessa valorização da pessoa, há uma afirmação inovadora, que é o respeito à liberdade religiosa.⁶⁶

Ademais, o Concílio Vaticano II condena tudo o que destrói a dignidade da criação, o pecado que escraviza a pessoa humana (GS 13-14), o ateísmo (GS 19-21), a discriminação racial, cultural e sexual (GS 29), o egoísmo que degrada o trabalho humano (GS 37) e a cultura (GS 56), as desigualdades econômicas (GS 66), o totalitarismo e a ditadura (GS 75), a tortura e a guerra (GS 82). “E tudo isto se fundamenta em Cristo, o homem novo” (GS 22, 45).⁶⁷

Assim sendo, a missão da Igreja não está restrita a ser simplesmente religiosa e espiritualista, ela é integral e pode levar sua palavra evangélica à sociedade sempre que o bem das pessoas o exija (GS 7, 6).

⁶⁶ A liberdade religiosa foi denominada, um século antes, em 1832, pelo Papa Gregório XVI de delírio e erro pestilento, no documento *Mirari vos*. O documento conciliar *Dignitatis humane* é consagrado à defesa religiosa. (CODINA, V. O Vaticano II: um concílio em processo de recepção. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, n. 37, p. 94, 2005).

⁶⁷ *Ibid.*

1.5.1 Redescoberta da comunidade

Diante de uma situação marcada pelos individualismos econômico, social, político e religioso, surge a importância da dimensão comunitária, haja vista que o ser humano é social (GS 12), que a família é a primeira comunidade humana (GS 47-52), que a vida humana está voltada à comunidade, formando uma única família, à imagem da Trindade, buscando o bem comum de todos (GS 23-32). Nessa comunidade econômico-social, os bens servem a todos (GS 63-72), pois uma comunidade política respeita os direitos de todos e busca o bem comum (GS 73-76), uma comunidade internacional, em paz, com colaboração e justiça (GS 77-91).

O fundamento de tudo isso é Cristo, que quer formar uma comunidade de filhos de Deus (GS 32), que quer salvar a todos em comunidade, formando um único povo do qual a Igreja é germe (LG 9-17); tem na Eucaristia sua expressão sacramental e litúrgica (SC 1-13), e na Trindade sua fonte e modelo (LG 1-4).

A eclesiologia da *Lumen Gentium*, centrando-se no Povo de Deus, na Igreja local e na colegialidade episcopal, será, primeiramente, uma eclesiologia de comunhão.⁶⁸ Daí resulta uma atitude de diálogo com todas as pessoas de boa-vontade, com todas as religiões,⁶⁹ com todos os batizados,⁷⁰ caminhando rumo à unidade de toda a humanidade.

Nesse cenário, o espírito comunitário refletir-se-á mais tarde nas conferências episcopais, nos sínodos, nos conselhos pastorais, na preocupação com a paz do mundo, nos diversos diálogos.⁷¹

1.5.2 Redescoberta do Espírito

João XXIII considerava o concílio um sopro do Espírito na Igreja, como um verdadeiro Pentecostes. Esse Espírito foi redescoberto pelo Vaticano II, pois, até então, estava

⁶⁸ CODINA, V. O Vaticano II: um concílio em processo de recepção. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, n. 37, p. 95, 2005.

⁶⁹ O diálogo com as religiões é considerado no documento conciliar *Nostra Aetate*. (KLOPPENBURG, B. *Compêndio do Vaticano II*).

⁷⁰ O diálogo com os batizados está proposto no documento conciliar sobre o ecumenismo, *Unitatis Redintegratio*. (Ibid.).

⁷¹ Paulo VI, em 1964, dedicou sua primeira encíclica, *Ecclesiam suam*, ao diálogo. “A Igreja deve entrar em diálogo com o mundo em que vive. A Igreja faz-se palavra, faz-se mensagem, faz-se colóquio” (ES 38). (VATICANO. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy...vi/.../hf_p-vi_enc_06081964_ecclesiam_po.html>. Acesso em: 18 jun. 2014).

amplamente esquecido pela Teologia e pela Igreja.⁷² Muito contribuiu, nesse sentido, a presença, no concílio, dos observadores ortodoxos, que reprovavam nos católicos a pouca sensibilidade ao Espírito.⁷³

Nos documentos conciliares, o Espírito atua no mundo, no *Antigo Testamento*, nos profetas, em Jesus, na Igreja (LG 4). O Espírito inspira as Escrituras, que devem ser lidas à luz do mesmo Espírito (DV 7,9,12,18,21). O Espírito atua nos sacramentos da Igreja (SC 6, 43). O Espírito unge os fiéis (LG 12), derrama seus dons e carismas nos batizados (LG 12) e transfigura a história e o mundo rumo à plenitude escatológica do Reino (GS 37-38). A vida cristã é, portanto, uma vida segundo o Espírito.⁷⁴

1.6 A TEOLOGIA DA *GAUDIUM ET SPES*

Antropologia, Cosmologia, senhorio de Cristo, correspondem aos três eixos da *Gaudium et Spes* que se reencontram aqui.⁷⁵

A primeira ideia teológica é antropológica.⁷⁶ Procurando dar respostas que fossem, ao mesmo tempo, orientações para as pessoas deste mundo em mudança, a constituição colocou a criatura humana no centro de suas atenções. Os três primeiros capítulos da primeira parte

⁷² CODINA, V. O Vaticano II: um concílio em processo de recepção. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, n. 37, p. 95-96, 2005.

⁷³ Para maior aprofundamento sobre a contribuição dos padres das Igrejas Orientais consultar: CHENU, M.-D. A missão da Igreja no mundo de hoje. In: BARAÚNA, G. *A Igreja no mundo de hoje*. Petrópolis: Vozes, 1967, p. 337-356.

⁷⁴ CODINA, op. cit., p. 96.

⁷⁵ CHENU, M.-D. A missão da Igreja no mundo de hoje. In: BARAÚNA, G. *A Igreja no mundo de hoje*. Petrópolis: Vozes, 1967, p. 338.

⁷⁶ Segundo Schillebeeckx, uma “concepção antropológica dualista, levou no passado, os cristãos a conceber a graça e a redenção como uma tarefa entre Deus e a alma do homem, e provocou a idéia de que toda a vida terrestre e a responsabilidade humana para o progresso terrestre da humanidade pareciam estar à margem do cristianismo [...]. É fácil ver aí uma das numerosas causas pelas quais a Igreja institucional se alienou dos homens”. (SCHILLEBEECKX, E. *L’Église et le monde*. Documentation hollandaise du Concile, n. 42, 16 set. 1964, apud CHENU, M.-D. A missão da Igreja no mundo de hoje. In: BARAÚNA, G. *A Igreja no mundo de hoje*. Petrópolis: Vozes, 1967, p. 347). Nesta linha, os redatores do texto deliberadamente eliminaram o vocabulário corrente da distinção entre natural e sobrenatural, entre natureza e graça, pois essas categorias ameaçavam dividir a unidade fundamental da existência cristã. Sendo assim, é inexato, em boa exegese, comentar este texto conciliar, partindo duma “presença do sobrenatural” na vida e na história humanas. Da mesma forma, será necessário cuidar para não exagerar na distinção, frequente no vocabulário francês, entre evangelização e animação cristã do temporal, fruto de um certo “cristianismo social”. Deliberadamente, eliminou-se a palavra *evangelização* neste dualismo ambíguo. Segundo Mons. Haubtmann, essa perspectiva era dispensável porque ela diz respeito à missão específica da Igreja e, portanto, à missão do Povo de Deus, sem nenhuma exceção. Critica, então, a péssima distinção entre leigo (temporal) e clero (espiritual), recomendando que fosse lido o parágrafo n. 43 da *Gaudium et Spes*, a respeito dos leigos. (CHENU, M.-D. A missão da Igreja no mundo de hoje. In: BARAÚNA, G. *A Igreja no mundo de hoje*. Petrópolis: Vozes, 1967, p. 347-348).

versam sobre Antropologia cristã, que é bíblica e patrística.

A Antropologia bíblica implica uma Cosmologia, não somente porque a Gênese repete “e Deus viu que era bom”, mas também porque o homem foi criado à imagem de Deus, ou seja, a sua vocação é dominar o universo, submetê-lo a si, tornando-o humano.⁷⁷ É um texto que apresenta a centralidade da pessoa de Jesus Cristo (GS 3, 10, 22, 32, 39, 52, 58, 73, 83).⁷⁸ Cristo é apresentado como o caminho decisivo para compreensão do sujeito humano. Isso fica evidenciado nos números de 10 a 45 da constituição. “O número 22 identifica a pessoa a partir de Cristo: o homem novo. O número 32 define a pessoa como relação e a compreende a partir do Verbo feito em sua relação solidária com a comunidade humana”.⁷⁹ O número 38 apresenta a atividade humana elevada à perfeição no mistério da Páscoa, e o número 39 avalia essa atividade humana sob o critério de novos Céus e da nova Terra. Mas a importante chave antropológica encontra-se no número 22 que apresenta Cristo como o Novo Adão, permitindo “ao ser humano compreender sua altíssima vocação no desígnio de Deus. Afinal, em Cristo, evidencia-se o sentido e o futuro da história humana e da criação”.⁸⁰

O novo humanismo apresentado pelo concílio expõe, em síntese, as propostas: a concepção integral do sujeito humano: corpo e alma formam um todo e são inseparáveis; uma visão cristocêntrica: todo ser humano encontra em Cristo sua plena verdade; a vocação dos seres humanos de se tornarem filhos no Filho; o valor da consciência moral no encontro entre Deus e o sujeito humano; e a semelhança com Deus.⁸¹

1.6.1 Fundamento bíblico

Lembra o texto que “o homem desde o início da história, abusou da própria liberdade, desejando atingir seu fim fora de Deus” (GS 13), quando é revelado então, o pecado de Adão (Gn 3). A constituição serve-se ainda de uma passagem de Paulo sobre o “pecado dos pagãos” (Rm 1, 21-25), destacando que o pecado “entrou no mundo em consequência do orgulho humano” (Sab 14, 12-14). Acrescenta que, por esse pecado, “o homem destruiu a sua

⁷⁷ CHENU, M. -D. A missão da Igreja no mundo de hoje. In: BARAÚNA, G. *A Igreja no mundo de hoje*. Petrópolis: Vozes, 1967, p. 388.

⁷⁸ A *Gaudium et Spes* soube colher os frutos de tantas sementes plantadas a partir das atividades de professores da Sagrada Escritura e teólogos. Dentre esses citam-se: Bea, Martini, Ranher, Kasper, Schillebeeckx... (LOPES, G. *Gaudium et Spes*: texto e comentário, p. 15).

⁷⁹ BRUSTOLIN, L. A. *50 anos do Vaticano II: recepção e interpretação*, p. 127.

⁸⁰ *Ibid.*, p. 128.

⁸¹ *Id.*

harmonia consigo mesmo, com os outros homens e as coisas criadas” (GS 13). Mas “o homem, inclinado ao mal por nascença, encontra em seguida novos estímulos para o pecado” (GS 25) e “não os saberá vencer senão com esforços diligentes e o auxílio da graça” (GS 25). Ensina-nos a constituição que “as atividades humanas, diariamente desviadas pela soberba e amor desordenado de si mesmo, devem ser purificadas pela cruz e ressurreição de Cristo” (GS 37). O homem é um ser “decaído” (GS 58), mas “redimido” (GS 41).

Dando continuidade aos ensinamentos dos textos de Paulo, conclui-se que no pensamento desse Apóstolo, “mesmo após o pecado e independentemente da graça de Cristo, se acha normalmente o homem de posse de uma consciência moral, apta por si mesma a discernir o bem e o mal”,⁸² ainda que seja incapaz de realizar o primeiro e evitar o segundo, sem Cristo. Depois de formular o conteúdo da lei que “o homem descobre na intimidade da consciência, chamando-o sempre a amar e fazer o bem e evitar o mal”, ela especifica que “aquela lei se cumpre no amor de Deus e do próximo” (Mt 7,12) porque “toda a lei se encerra nesta palavra: amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Gal 5,14).

Quanto ao mistério do homem, “só se torna claro verdadeiramente no mistério do Verbo encarnado (GS 22), ou que “todo aquele que segue Cristo, o homem perfeito, torna-se ele também mais homem” (GS 41). A Revelação, que é essencialmente revelação do Deus de amor, ensina ao homem até que ponto a “regra de ouro é a lei de sua natureza e sua lei única”. Nela, somente nela, sua natureza encontrará a realização. Esse é um dos ensinamentos fundamentais da constituição, particularmente no n. 24.

Seguindo São João, descobre-se a “chave do mistério do homem: no mistério da Santíssima Trindade”.⁸³ Quando o Senhor Jesus pede a seu Pai que todos sejam um [...] como nós somos um (cf. Jo 17, 21-22), ele abre perspectivas inacessíveis à razão e nos sugere que há uma certa semelhança entre a união das pessoas divinas e a união dos filhos de Deus na verdade e no amor. Assim como as pessoas da Trindade são definidas por suas relações, assim também o homem, criado à imagem de Deus trinitário, será definido por sua relação com o próximo. Ele será homem na medida em que, longe de ordenar a si o próximo e Deus, ele se ordenará aos outros e a Deus.⁸⁴

O cristão, em virtude da Revelação, deve não somente conhecer melhor o significado

⁸² BRUSTOLIN, L. A. *50 anos do Vaticano II: recepção e interpretação*, p. 202.

⁸³ LYONNET, S. Os fundamentos bíblicos da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. In: BARAÚNA, G. A. *Igreja no mundo de hoje*. Petrópolis: Vozes, 1967, p. 212.

⁸⁴ Id.

de *amar*, “mas a quem a mesma Revelação comunicou uma participação no amor com que Deus nos ama, incumbe mais que a qualquer outro”⁸⁵ a tarefa de “construir um mundo mais fraternal” (GS 38, 39, 91), onde o homem possa realmente se amar. Logo, o Evangelho não inspira uma evasão do mundo em que Deus o colocou, mas o cristão, segundo a constituição tem um “dever mais estrito” de ser o fermento deste mundo (GS 34, 43, 93).

Em relação ao universo material, o cristão não está destinado a cair no nada, mas a uma misteriosa *transformação*. Ademais, ele não é apenas exortado a não limitar sua esperança na salvação de sua alma, pois seu corpo faz parte dessa salvação. O eixo de toda explanação é “o homem considerado em sua unidade e totalidade, corpo e alma”, diz expressamente o documento desde o início (GS 3).⁸⁶

1.6.2 Deus e a autonomia das realidades terrestres

A *Dei Verbum* ensina que a Revelação de Deus acontece na história (DV 2). Revelando-se na história, indica uma proximidade com Deus, a quem Jesus anuncia como Pai amoroso, chegando a fazer-se Deus conosco para nos conduzir até seu Reino. Há, aqui, uma valorização da realidade da Encarnação, uma vez que se entende a história de Jesus como a história do Verbo entre nós. Ocorre, então, passar de uma perspectiva mais estática e metafísica para uma mais histórica e dinâmica, como afirma a GS 5.

Tal perspectiva predispõe à valorização das realidades do mundo, e o mundo é visto como o lugar da Revelação, da presença e ação de Deus. E neste lugar está a comunidade crente, a Igreja, vivendo sua fidelidade a Deus na construção do Seu Reino.⁸⁷ “A história não é vista apenas como *locus theologicus*, mas também como *locus salvationis*”.⁸⁸

É nesse sentido que a *Gaudium et Spes* desenvolve toda a sua reflexão. “Agindo no mundo, os cristãos vão fazer com que nele permaneça o ideal vivido e anunciado por Jesus, antecipando na fé aquilo que esperam realizar-se escatologicamente”.⁸⁹ É no interior da história humana, no interior da criação, que o ser humano é chamado a encontrar-se com Deus (GS 19). Para esse encontro não há que se fugir do mundo; há sim, que identificar os “sinais

⁸⁵ LYONNET, S. Os fundamentos bíblicos da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. In: BARAÚNA, G. A *Igreja no mundo de hoje*. Petrópolis: Vozes, 1967, p. 213.

⁸⁶ Ibid., p. 214.

⁸⁷ Id., p. 81.

⁸⁸ GESCHÈ, A. *O cosmo*, p. 21.

⁸⁹ MANZATTO, A. Fundamentos teológicos da *Gaudium et Spes*. *Revista de Cultura Teológica*, v. 17, p. 81, jul./dez. 2009.

dos tempos”, para discernir a presença salvadora de Deus.

A visão positiva da criação e da história está presente quando se afirma a “autonomia das realidades terrestres” (GS 36). Essa afirmação corresponde a um reconhecimento do valor das realidades humanas, já que não se quer manter as atividades humanas sob tutela, mas enxergando nelas a presença de Deus, já que “tanto as realidades profanas quanto as da fé originam-se do mesmo Deus” (GS 36).⁹⁰

Deus se faz presente no mundo não como força dominadora, mas como presença de amor, propondo à criatura um relacionamento de amor salvífico. É dessa forma que a Igreja quer fazer-se presente no mundo, não para dominá-lo, mas para evangelizá-lo, havendo uma advertência: “Sem o Criador a criatura se reduz a nada” (GS 36). O Capítulo 4 retoma o princípio do Capítulo 3 sobre “a justa autonomia das realidades terrenas (GS 36; cf. 41: “contra todas as aparências da falsa autonomia”). Este princípio é aplicado aos três domínios: vida pessoal, vida social e construção do mundo e constituem hoje “uma preparação do Evangelho” (GS 44). A constituição em tela enfatiza um dualismo existente entre a fé professada e a vida cotidiana, o que “deve ser enumerado entre os erros mais graves do nosso tempo” (GS 43). Paulo VI retomará essa abordagem na exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi* sobre a evangelização no mundo contemporâneo.⁹¹

1.6.3 O desígnio universal da salvação

A ação e a presença de Deus na história humana têm um único objetivo, que é de proporcionar-lhe a salvação. O Concílio, incluindo a *Gaudium et Spes*, fala do humano em sentido geral, não esquecendo de precisá-lo na concretude da história, que é o que a constituição quer fazer (cf. GS 4, 6, 10, 63). O Concílio não se refere à salvação do “homem genérico”, mas do homem concreto, histórico, inserido em seu contexto. Por isso, “quer falar a todos, para esclarecer o mistério do ser humano e cooperar na busca de uma solução para as

⁹⁰ Segundo Kloppenburg, em vários textos conciliares percebe-se “uma viva e profunda inquietação do concílio diante dos rumos secularizantes que as coisas vão tomando [...]. O concílio não vê nas coisas temporais [...] nenhum vestígio daquela ‘força ou potência’ especial que tornavam ‘sacros’ certos lugares, tempos, pessoas ou coisas; mas o concílio também não leva a consistência e a autonomia das coisas e dos homens a tal ponto de já não terem nenhuma referência ao Criador e ao Redentor”. Várias vezes o Vaticano II denuncia uma espécie de “falsa autonomia”, que leva a ponto “de levantar dificuldades contra qualquer dependência de Deus” (GS 20; 255), apresentando “grave perigo para a vida cristã” (AA 1b). (KLOPPENBURG, B. *O cristão secularizado*, p. 29-30).

⁹¹ Paulo VI considera que “a evangelização não seria completa se ela não tomasse em consideração a interpelação recíproca que se fazem constantemente o Evangelho e a vida concreta, pessoal e social, dos homens” (EN 29).

principais questões do nosso tempo” (GS 10).

A *Gaudium et Spes* evidencia que a salvação não se destina apenas à alma humana, mas a toda a sua realidade (GS 34). E mais: não é endereçada apenas aos indivíduos isolados, mas constituídos em um povo (GS 32), pois o humano não foi criado para a solidão, mas para a comunidade. Compreende-se, então, que a mensagem de Jesus, simbolizada na imagem do Reino de Deus, resumida no novo mandamento do amor a Deus e ao próximo (Mc 12, 29-31), não pode ser reduzida ao individual ou espiritual, mas a todos que formam o novo Povo de Deus (GS 25, 34, 78). Uma visão privatizante de fé não pode ser concebida como profundamente relacionada ao concreto da existência humana (GS 43).

Como o Capítulo 4 é a chave de toda a constituição, assim o último parágrafo deste capítulo “Cristo, o alfa e o ômega” (GS 45) o é também de todo o capítulo o seu ponto conclusivo.⁹²

Segundo Chenu, para atribuir ao mistério toda a dimensão cósmica, é necessário voltar ao último parágrafo do capítulo (GS 39), cuja ascensão cristológica do universo para “uma nova terra e um novo céu” é descrita por Paulo (Rm 8,18-21) sobre a libertação de toda a criação. Na economia divina, não há dois mistérios, separados e sobrepostos: um mistério da criação (ordem natural) e um mistério de redenção (ordem sobrenatural). Não há construção do mundo sem interesse ou valor para o Reino, nem Reino de Deus sem interesse nem contribuição na construção do mundo. Criação e encarnação são compreendidas numa involução recíproca. A encarnação redentora se completou nesta total recapitulação de toda verdade, de todo bem, de todos os valores humanos, em germes na criação. Afirma a constituição:

Ainda que o mesmo Deus Criador seja Salvador e igualmente Senhor, tanto da história humana como também da história da salvação, contudo, esta mesma ordem divina, longe de suprir a autonomia justa da criatura e principalmente do homem, antes a restabelece e confirma em sua dignidade. (GS 41).

Considera-se insistentemente no concílio, que, na história, se realiza o mistério, na história humana e na história da salvação, uma encaixada na outra, como sendo uma mesma coisa, criação e redenção. A Igreja, com seu fim escatológico, já está presente “na história do gênero humano” (GS 40), tornando-a “mais humana” (GS 40), “assim como é do interesse do

⁹² CHENU, M.-D. A missão da Igreja no mundo de hoje. In: BARAÚNA, G. *A Igreja no mundo de hoje*. Petrópolis: Vozes, 1967, p. 340.

mundo admitir a Igreja como realidade social da história e da evolução da humanidade” (GS 44). “Isto contribui, não pouco, para dar a toda constituição o caráter realista e existencial”.⁹³

1.6.4 Sinais dos tempos: ponto de partida

Encontramos na *Gaudium et Spes* uma relação da visão cristã com a realidade histórica da vida, através, por exemplo, da leitura dos “sinais dos tempos” ou ao reconhecer que se está diante de uma “nova era da história do gênero humano” (GS 4).

Essa perspectiva histórica da constituição funda-se em dois aspectos: primeiro, considera que a história tem um sentido; segundo, que tudo é guiado pela Providência Divina, que interpela o ser humano em sua liberdade e responsabilidade.⁹⁴

A expressão *sinais dos tempos*, conduz a algo bem profundo, para um dado da fé. Deus deu sua palavra última e decisiva em Cristo. No sentido estrito, a Revelação da Palavra foi encerrada com o tempo apostólico, mas, como todo acontecimento é conservado em movimento pela Palavra de Deus e dirigido a Cristo, a história é, a seu modo, um lugar teológico [*locus theologicus*]. Deus continua a manifestar sua vontade nos fatos da história, não de forma separada, mas ao lado da Revelação em Cristo, em união com ela.⁹⁵

Tal afirmação da categoria “sinais dos tempos” veio enriquecer de novos conteúdos a interpretação teológica do mundo e da história. Essa reflexão foi herdada da *Pacem in Terris*, quando volta o olhar no sentido de encontrar, na história e no mundo, através de sinais especiais, a presença ativa da graça. “Assim se expressava a continuidade do mistério da encarnação na vida do mundo das pessoas”.⁹⁶ O mundo não era mais uma expressão do pecado, que esperava a realização da redenção; a compreensão é outra, visto que passa a ser entendido como lugar já redimido, capaz de acolher os sinais da graça divina. Nessa linha, a Igreja não está compreendida como alternativa ao mundo, “mas solidária a ele e à história, partícipe do destino comum da salvação”.⁹⁷

Não foi fácil utilizar essa categoria teológica. Admitir “sinais da graça na história fora

⁹³ CHENU, M.-D. A missão da Igreja no mundo de hoje. In: BARAÚNA, G. *A Igreja no mundo de hoje*. Petrópolis: Vozes, 1967, p. 342.

⁹⁴ BRUSTOLIN, L. A. *50 anos do Vaticano II: recepção e interpretação*, p. 129.

⁹⁵ HARING, B. Vistas e perspectivas novas que a Constituição abre para o futuro. In: BARAÚNA, G. *A Igreja no mundo de hoje*. Petrópolis: Vozes, 1967, p. 623.

⁹⁶ BRUSTOLIN, op. cit., p. 129.

⁹⁷ Ibid.

da Igreja implicava o risco de colocar em discussão o significado da Igreja na história da salvação, redimensionando seu papel e sua importância”.⁹⁸ Apesar dos problemas e das adversidades, a *Gaudium et Spes* tem uma unidade espiritual, e uma das linhas decisivas de uniformidade é justamente a atenção aos “sinais do tempo”, “a aproximação ao homem de hoje conscientemente procurada, em vista da História da Salvação”.⁹⁹

1.6.5 A eclesiologia da *Gaudium et Spes*

Sendo um dos últimos documentos do Concílio Vaticano II, é normal que a *Gaudium et Spes* se baseie nos documentos precedentes. Falando da Igreja no mundo contemporâneo, é natural que leve em consideração o que foi afirmado sobre a Igreja na constituição dogmática *Lumen Gentium*, que foi aprovada um ano antes e promulgada em 21 de novembro de 1964. “A eclesiologia da *Gaudium et Spes* segue a mesma linha da *Lumen Gentium* e a concretiza e atualiza como presença no mundo atual”.¹⁰⁰ Sendo assim, os elementos que se destacam da eclesiologia da *Gaudium et Spes* apresentam-se da mesma forma relacionados com a *Lumen Gentium*.

Sendo discípula de Jesus, a Igreja quer dele aprender como viver. A vida de Jesus apresenta-se narrada nos Evangelhos, mostrando-o em ação. Assim, a Igreja se define no seguimento de Jesus, e o seguimento de Jesus compreende o comportamento histórico de seus seguidores, em situações nas quais se situam, inspirados pelo ensinamento, pelo exemplo e pela vida daquele que professam como o Cristo de Deus. Esse Concílio pode, então, pensar um documento que fale “sobre a Igreja no mundo contemporâneo”.

Discípula de Cristo, a Igreja se considera não como a única destinatária da salvação, mas, como mediação para que ela alcance toda a humanidade. Esse ponto eclesiológico permite encontrar uma Igreja voltada e aberta ao mundo de hoje. A Igreja compreende-se dentro do mundo, sinal de salvação, “Sacramento do Reino”, procurando conduzi-lo ao encontro com seu Criador. Por essa razão, a exemplo de Jesus, ela não está preocupada em condenar, mas em salvar, em seu poder, mas a serviço (cf. GS 3).

Deixa-se de lado a Igreja como *sociedade perfeita* e se afirma uma Igreja a serviço do

⁹⁸ BRUSTOLIN, L. A. *50 anos do Vaticano II: recepção e interpretação*, p. 129.

⁹⁹ HARING, *Vistas e perspectivas novas que a constituição abre para o futuro*, p. 626.

¹⁰⁰ MANZATO, A. Fundamentos teológicos da *Gaudium et Spes*. *Revista de Cultura Teológica*, Petrópolis: Vozes, v. 17, n. 68, p. 86, jul./dez. 2009.

mundo. A Igreja passa a ser concebida a partir de sua relação com o mundo que a cerca, sendo o lugar de sua autorrealização e de sua missão. Sua visão é de colocar-se a seu serviço. Sua missão é a de agir para que o mundo conheça a salvação que vem de Deus.¹⁰¹

Mas a categoria que se tornou a chave eclesiológica do Concílio foi a de *Povo de Deus*. A Igreja não é mais pensada preferencialmente como instituição, embora também o seja, porém como acontecimento salvífico da Graça de Deus em Cristo. No centro dessa eclesiológica, encontram-se os bens do Reino aos quais todos os cristãos são chamados: a fé, a busca da santidade, a missão no mundo, a comunhão com Deus, em Cristo e pelo Espírito. Ou seja, todos são chamados a serem sujeitos no grande sujeito, que é a Igreja, Povo de Deus a caminho do Reino.¹⁰²

Ser Povo de Deus hoje, implica: entendê-lo como a unidade de todos que receberam o Batismo; todos os cristãos são Povo de Deus por chamado divino, vivendo na comunhão [*koinonia*]; o participar desse povo por decisão humana, com exclusão de uma divinização ou voluntarismo (ativismo); o reconhecimento de sua historicidade, com a consequente exclusão do abstracionismo e da idealização da Igreja. Consequentemente, os membros do Povo de Deus participam, igualmente, dos três múnus de Jesus Cristo.¹⁰³

A Igreja é compreendida dentro de suas características missionárias, e sua missão é sua própria razão de ser. A Igreja não é enviada a si mesma, e sua missão não se esgota no anúncio da Palavra do Evangelho aos que creem. Ela é enviada ao mundo: “Ide, então, fazer discípulos todas as nações, batizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo...” (Mt, 28,19a). Ir em direção ao mundo significa valorizar a situação local, exatamente na mesma perspectiva que a *Gaudium et Spes* enfatiza.¹⁰⁴ No seu conjunto, a constituição em pauta especifica o seu objeto formal em termos de missão.

Ainda no sentido de melhor compreensão dessa constituição, considera-se no estudo em tela, algumas palavras representativas do significado do Concílio.

¹⁰¹ MANZATO, A. Fundamentos teológicos da *Gaudium et Spes*. *Revista de Cultura Teológica*, Petrópolis: Vozes, v. 17, n. 68, p. 88, jul./dez. 2009.

¹⁰² *Ibid.*, p. 88.

¹⁰³ HACKMANN, G. L. B. *A amada Igreja de Jesus Cristo*, p. 167.

¹⁰⁴ MANZATO, op. cit., p. 89-90.

1.6.6 Temas relevantes na *Gaudium et Spes*

Esse evento realizou-se no final de uma época histórica. Logo depois de seu término, apareceu uma nova sociedade, diante da qual, até hoje, a Igreja não reagiu, ou seja, na realidade procurou impedir a evolução dessa sociedade, como se ainda tivesse audiência por parte da mesma. Mesmo assim, é possível ressaltar o que pode ser útil ainda hoje das mensagens do Vaticano II.¹⁰⁵ Elencam-se algumas das palavras-chave do Concílio, presentes na *Gaudium et Spes*.

1.6.6.1 *Ser humano*

Os documentos do concílio foram escritos em latim; nesse vernáculo, a palavra *homo* [homem] refere-se ao ser humano. Em português, o sentido da palavra que prevalece corresponde a homem, motivo que dificulta o seu entendimento. *Homo* deve ser traduzido por “ser humano”. O sentido aqui considerado corresponde à humanidade inteira.

O Papa Paulo VI foi muito marcado pela constituição *Gaudium et Spes* ao preparar o discurso conclusivo, quando destacou os pontos fundamentais da sua mensagem; deu grande ênfase ao tema *homem*. Para ele, esse tinha sido o assunto fundamental, dirigido ao ser humano contemporâneo. De fato, a preocupação com a humanidade esteve subjacente em todos os documentos, com interesse de apresentar as realidades da Igreja como resposta às necessidades do homem moderno. Porém, o assunto foi explicitado na constituição *Gaudium et Spes*.

A partir de então, o homem mudou muito, e a sua situação, hoje, é bem diferente daquela que vivia na época do término do concílio. As soluções então apresentadas, são, na atualidade, obsoletas. Hoje, se a Igreja quiser ser ouvida no mundo, se não ficar fechada num gueto, como está acontecendo, terá que fazer mudanças muito mais radicais. Mas o fato é que o Vaticano II rompeu com a série de concílios da cristandade – o que é um mérito inegável e grandioso.

Outro termo vizinho da palavra *homem é mundo*, bastante destacada também pelo Vaticano II. Na época do evento conciliar, os problemas ecológicos ainda não haviam surgido, e o significado de mundo estava relacionado à humanidade em toda sua complexidade, com todos os aspectos da vida humana.

1.6.6.2 *O Povo de Deus*

¹⁰⁵ COMBLIN, J. As sete palavras-chave do Concílio Vaticano II. *Vida Pastoral*, n. 295, p. 17-22, jul./ago. 2005.

Conforme já referido anteriormente, esse concílio destacou o tema do Povo de Deus, como prioritário para expressar a realidade da Igreja. Temas como Corpo de Cristo ou templo do Espírito Santo já estavam integrados na eclesiologia tradicional, que definia a Igreja pela sua estrutura hierárquica. A Igreja era definida pelos seus poderes; os leigos eram receptivos ou simplesmente passivos, e tal eclesiologia já estava superada, em contradição com os movimentos apostólicos do século XX.

Os padres conciliares queriam a superação dessa eclesiologia tradicional, queriam afirmar o papel ativo de todos os batizados, particularmente dos leigos. Ademais, os leigos têm participação ativa em todas as obras de evangelização, como refere Comblin:

Não são cristãos de segunda categoria, pois são chamados à mesma santidade, todos têm vocação missionária. Todos os cristãos são iguais, embora haja diversidade de ministérios entre eles. A missão dos leigos consiste em dar testemunho do Reino de Deus no meio do mundo e trabalhar para transformá-lo, para que se torne presente nele o fermento do Reino.¹⁰⁶

A *Gaudium et Spes* proclama que não se trata de participação dos leigos nos ministérios da hierarquia, mas de vocação própria. Acontece que tal reconhecimento não foi seguido de mudanças estruturais, posto que poucos são os direitos dos leigos reconhecidos no novo direito eclesiástico. Até hoje as afirmações teóricas neste assunto não têm aplicações práticas concretas.

A promoção dos leigos encontrou, na prática, muita oposição na hierarquia. João Paulo II “conseguiu restaurar quase por completo a imagem tradicional do bispo”,¹⁰⁷ preservando sua autoridade e impedindo que os leigos tomem iniciativas relevantes.

A partir de 1985,¹⁰⁸ a Cúria romana suprimiu de seu vocabulário a expressão *Povo de Deus*, também procurou eliminar a expressão *Comunidade Eclesial*. Essas expressões eram consideradas perigosas, e presentes no documento sinodal da América. A Cúria continua

¹⁰⁶ COMBLIN, J. As sete palavras-chave do Concílio Vaticano II. *Vida Pastoral*, n. 296, p. 17-25, maio/jun. 2014.

¹⁰⁷ *Ibid.*, p. 18.

¹⁰⁸ “Momento de central importância no pós-concílio foram os debates no Sínodo Episcopal de 1985, que teria como objetivo, intentado por João Paulo II, de demonstrar os limites da recepção do Vaticano II. A Igreja do Sínodo seria assinalada pela visão de João Paulo II e sua interpretação do concílio: ‘Um claro desenvolvimento na questão *ad extra* (ensino social, ecumenismo, diálogo inter-religioso) e uma abordagem mais conservadora às questões *ad intra*’. Tal complexidade torna-se aparente no final de 1983, com o Código do Direito Canônico, “que uniu com grande ‘ambiguidade’ dois elementos diferentes, ou seja, a eclesiologia principalmente tridentina e jurídica da *societas* e a eclesiologia mais teológica da *communio*”. (CALDEIRA, C. R. *Vaticano II: a batalha pelo significado*. Disponível em: <http://www.ihuonline.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4620&secao=401>. Acesso em: 16 nov. 2014).

lutando para que esse conceito não esteja presente nos documentos oficiais. “Continua falando dos leigos, mas com insistência na participação deles na missão do clero”,¹⁰⁹ ou seja, que eles não tenham nenhum poder decisório. Vai havendo, assim, a percepção de que a novidade conciliar fica esvaziada.

1.6.6.3 Serviço

A Igreja pré-conciliar se definia como um sistema de poderes: o poder de *dizer e ensinar* a verdade por meio do magistério; o poder de *santificar* por meio dos sacramentos; e o poder de *governar* por meio de um conjunto de leis obrigatórias. Todos os poderes da Igreja eram mantidos nas mãos do papa; se a Igreja era poder, o papa era a Igreja.

Tal eclesiologia podia fazer sentido na época em que vigorava uma relação da Igreja no mundo através de uma luta entre o poder do papa e o poder do imperador ou dos reis católicos. Mas com a concepção de Igreja, como *Povo de Deus*, ficou bem diferente. Com o retorno à Bíblia, ficou bem claro que na linguagem do *Novo Testamento* prevalece o vocabulário do serviço.¹¹⁰

Pelo *Novo Testamento* entende-se que para a autoridade da Igreja ser legítima, seu exercício tem que ocorrer com a participação ativa da comunidade. “O ministro não pode pretender monopolizar todos os dons e serviços que pertencem à comunidade. Ele não pode sufocar o protagonismo da comunidade”.¹¹¹ Paulo, em sua primeira Carta aos Coríntios, falando dos carismas e da variedade de dons, deixa claro que, embora alguns sobressaíam (cf. 1 Cor 12, 28), a nenhum é dado o direito do monopólio da missão que é de todos.

Assim, a autoridade dos ministérios eclesiais origina-se na graça de Deus, “representam e agem como delegados da autoridade de Cristo. A autoridade de Cristo foi reconhecida pelo povo como sendo diferente daquela exercida pelos senhores dos palácios” (cf. Lc 20, 1-8; Mc 1,21-22; Mt 7,28-29).¹¹² Essa autoridade de Cristo ele a transmite a quem escolhe (cf. Mt 28,16-19; Lc 9,1-6). E a atitude do discípulo deve ser idêntica ao do Mestre. A proposta de Jesus é contra qualquer costume referente ao exercício da autoridade. Certamente, tal atitude era difícil para o entendimento dos discípulos, pois não eram

¹⁰⁹ COMBLIN, J. As sete palavras-chave do Concílio Vaticano II. *Vida Pastoral*, n. 296, p. 19, maio/jun. 2014.

¹¹⁰ *Ibid.*, p. 21.

¹¹¹ DALLA COSTA, A. A. *Os ministérios leigos: contribuição histórico-teológica na formação e acompanhamento dos ministros leigos*, p. 94.

¹¹² *Ibid.*, p. 88-89.

diferentes dos demais homens. Jesus, ciente de tal dificuldade, insiste constantemente para que descubram o sentido de sua proposta de se colocar a serviço.¹¹³

Conforme o Vaticano II, a Igreja existe para servir e não para ser servida. Ela não reivindica para si nenhuma autoridade que não seja a de servir seus irmãos. A autoridade na Igreja deve ser exercida em espírito de serviço, e toda vez que a autoridade de um ministro torna-se dominação ao invés de serviço, “esse ministro acaba desligando-se da autoridade de Cristo e torna-se apenas algo puramente humano. Perder a dimensão de serviço significa perder o dom do Espírito”.¹¹⁴

1.6.6.4 A missão

Até esse concílio, prevalecia uma visão tradicional de Igreja que fazia das missões uma parte marginal da Igreja. “Na prática, a obra missionária consistia em reproduzir em todos os territórios do mundo a estrutura do catolicismo europeu”.¹¹⁵ A preocupação estava voltada a salvar almas. Junto dessa finalidade principal, havia também a finalidade de *civilizar* os povos não europeus.¹¹⁶

A missão da Igreja era considerada em termos religiosos, daí não ser fácil “captar a densidade e a coerência da teologia da missão que percorre a *Gaudium et Spes*”.¹¹⁷ Ela não está explicitada em todos os seus pressupostos, ela é insinuada. “Essa teologia decorre da premissa inicial: feita de homem, a Igreja é para os homens. Esse *ser para* descentra a Igreja de si mesma”.¹¹⁸ Esse deslocamento é muito importante para entender a missão, visto que a Igreja é, antes de tudo, sinal, diz a constituição, citando a *Lumen Gentium* n. 1 (GS 42). Sinal desse *excesso* que é o ser humano, denominado na *Gaudium et Spes* de “vocação integral”. “Algo que é mais do que o humano, mas que se revela no humano: a marca do homem imagem de Deus, pensado, querido e criado em Cristo”.¹¹⁹

Nesse compasso a constituição está diante de duas dimensões irredutíveis e

¹¹³ DALLA COSTA, A. A. *Os ministérios leigos: contribuição histórico-teológica na formação e acompanhamento dos ministros leigos*, p. 89.

¹¹⁴ *Ibid.*, p. 90.

¹¹⁵ COMBLIN, J. As sete palavras-chave do Concílio Vaticano II. *Vida Pastoral*, n. 296, p. 22, maio/jun. 2014.

¹¹⁶ Vários missionários precursores lutaram desde o início do século XX por uma Igreja local, inserida nas culturas locais. Com bastante dificuldade, conseguiram a ordenação de bispos e sacerdotes locais. (*Ibid.*, p. 23).

¹¹⁷ PALÁCIO, C. O legado da *Gaudium et Spes*: riscos e exigências de uma nova “condição cristã”. *Perspectiva Teológica*, São Paulo: Loyola, n. 73, p. 343, set./dez. 1995.

¹¹⁸ *Ibid.*

¹¹⁹ *Id.*

inseparáveis: imanência mútua vista a partir do humano, como encarnação, sem que o humano ameace o divino e sem que o divino esvazie o humano. A missão é única, como é única a história na qual se realiza.¹²⁰

A GS não esconde que exista uma *tensão* entre estas duas dimensões. Só que a maneira de proteger a diferença não está na separação ou na fuga para o espiritual, mas em abrir a *história humana* à esperança *escatológica* que a habita desde a sua origem. O *último* é certamente o Reino de Deus na sua plenitude, mas a ele só podemos chegar *através da história e com a história humana* (45,2). A missão da Igreja é estar a serviço dessa experiência única. Ela é sinal e instrumento na medida em que manifesta e realiza esse mistério (45,1).¹²¹

Essa nova forma de entender a missão traz como consequência a mudança de atitude, a conversão do poder ao serviço. É uma “Igreja que pode buscar com os homens”, apesar de “não ter respostas prontas para tudo. Essa é a sua maneira de ser sal, luz, fermento, alma do mundo” (GS 40,2). Ademais, o “compromisso da Igreja com a missão não é gratuito ou fruto de mera decisão apostólica, mas brota da consciência de que o Evangelho, proclamado por Jesus Cristo, deve ser anunciado”.¹²² Hoje, a Igreja diante dos desafios da evangelização, não poderá renunciar, em hipótese alguma [...] à missão de proclamar a todos os povos, até ao final dos tempos, o Evangelho de Jesus Cristo (cf. Mt 28, 18-20). A Igreja, gradativamente vem tomando consciência de que sua missão primordial é a evangelização.¹²³

1.6.6.5 Missão no mundo contemporâneo

“O texto central sobre a ação missionária da Igreja no mundo se encontra na Constituição *Gaudium et Spes*. A Igreja se constitui na relevância e responsabilidade de sua missão pastoral”,¹²⁴ com ênfase para o mundo em transformação e responsabilidade social para a humanidade. Todavia, pastoral e missão da Igreja não são os braços seculares de uma

¹²⁰ É o que a GS denomina “compenetração da cidade terrestre e da cidade eterna”, concepção que só pode ser captada à luz da fé. “A partir daí a GS pode afirmar: a missão da Igreja, o seu fim próprio, é salvífico (*salutare*), e consiste em que a vida divina comunicada ao homem humanize cada vez mais a família humana e a sua história (cf. GS 40,3)”. (PALÁCIO, C. O legado da *Gaudium et Spes*: riscos e exigências de uma nova “condição cristã”. *Perspectiva Teológica*, São Paulo: Loyola, n. 73, p. 344, set./dez. 1995).

¹²¹ *Ibid.*, p. 344.

¹²² HACKMANN, G. L. B. *A amada Igreja de Jesus Cristo*, p. 313.

¹²³ Paulo VI afirma: “Evangelizar constitui, de fato, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade. Ela existe para evangelizar, ou seja, para pregar e ensinar, ser canal do dom da graça, reconciliar os pecadores com Deus e perpetuar o sacrifício de Cristo na Missa, que é o memorial de sua Morte e gloriosa Ressurreição” (EN 14).

¹²⁴ SUESS, P. A “virada popular” inibida: a proposta missionária do Vaticano II no cinquentenário de sua abertura à luz da pastoral latino-americana. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis: Vozes, n. 288, p. 842, out. 2012.

Igreja em si espiritual. “O que é verdadeiramente religioso é sempre profundamente humano e concreto”.¹²⁵ A constituição pastoral, mais do que outros documentos conciliares, assume um discurso indutivo que parte desta concretude,¹²⁶ já que a razão de ser da Igreja volta-se à sociedade a ser evangelizada, pois toda sua razão de ser é levar, ao longo da história, a salvação de Jesus Cristo à humanidade inteira.¹²⁷ Logo, a “nova evangelização” é a missão fundamental da Igreja,¹²⁸ e todos os batizados constituem a comunidade eclesial, todos são missionários.

A nova evangelização não tem o significado de uma reevangelização, mas uma evangelização nova em ardor, com novas expressões, novos métodos, como caracterizou João Paulo II no discurso ao Episcopado Latino-Americano, em 1983.¹²⁹ A nova evangelização¹³⁰ “significa assim uma resposta às necessidades dos nossos contemporâneos, à cultura atual, aos novos cenários”.¹³¹ Tais cenários pedem mais profundamente uma nova configuração eclesial,¹³² “questionam práticas consolidadas, enfraquecem percursos habituais e já padronizados”.¹³³ Ademais,

o problema da falta de fecundidade da evangelização hodierna é um problema eclesiológico, que diz respeito à capacidade de a Igreja se configurar, ou não com uma comunidade real, como uma verdadeira fraternidade, como um corpo e não

¹²⁵ Ibid., p. 842.

¹²⁶ Id., p. 843.

¹²⁷ Segundo Paulo VI: “Evangelizar constitui, de fato, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade. Ela existe para evangelizar” (EN 13). Nessa mesma perspectiva, considera Kloppenburg que “a evangelização ou o aumento do Reino de Deus ou a realização da vocação sobrenatural do homem é a missão própria da Igreja. O concílio é bastante incisivo quando declara que ‘a missão própria que Cristo confiou à sua Igreja não é de ordem política, econômica ou social; sua finalidade fixada por Cristo é de ordem religiosa’” (GS 42b). (KLOPPENBURG, B. *A eclesiologia do Vaticano II*, p. 90-91).

¹²⁸ LINEAMENTA. Sínodo dos Bispos. XIII Assembleia Geral Ordinária. *A nova evangelização para a transmissão da fé cristã*, n. 10 Disponível em: <www.vatican.va/rc_synod_doc_20110202_lineamenta-xiii-assembly_>. Acesso em: 19 nov. 2014.

¹²⁹ MIRANDA, F. M. Conjuntura Eclesial e Sínodo para uma nova evangelização. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis: Vozes, n. 283, p. 684, jul. 2011.

¹³⁰ Para desempenhar a tarefa de evangelizar de modo adequado no mundo de hoje, os Lineamenta recordam “que se trata de um empenho feito próprio e promovido pelos Pontífices Paulo VI, João Paulo II – ao qual se deve a expressão “nova evangelização”, utilizada pela primeira vez a 9 de julho de 1979, durante a missa celebrada em Mogila, na Polônia – e atualmente Bento XVI”. Esse termo até então era “usado sem qualquer ênfase e quase não deixando pressagiar o papel que depois assumiria”. (LINEAMENTA. Sínodo dos Bispos. XIII Assembleia Geral Ordinária. *A nova evangelização para a transmissão da fé cristã*. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/synod/docum>. Acesso em: 25 jun. 2014).

¹³¹ Ibid., n. 23.

¹³² Id., n. 9.

¹³³ Id., n. 3.

como uma máquina ou uma empresa.¹³⁴

1.7 A RECEPÇÃO DA *GAUDIUM ET SPES*

Havia várias tendências eclesiológicas no concílio que se defrontavam e, com isso não se chegou a uma síntese clara de tais tendências. Assim, terminado o evento, começou a luta por sua interpretação,¹³⁵ em busca da síntese que ele não conseguiu fazer.¹³⁶

Logo após o concílio, ocorreram várias reformas pastorais, litúrgicas e canônicas, que introduziram uma visão teológica de renovação espiritual de ação bíblica e patrística. A *Gaudium et Spes* teve grande influência no plano prático. Nesse sentido, a alocução sobre a paz feita por Paulo VI, na ONU, em 4 de outubro de 1965, e as mensagens enviadas aos cientistas e intelectuais, aos artistas, aos trabalhadores, às mulheres, aos pobres e aos que sofrem, são reflexo de uma nova postura da Igreja diante do mundo. Era a expressão do diálogo que a Igreja propunha a respeito dos problemas mundiais da época (segunda metade da década de 60, do século passado).

Porém, é preciso destacar que a *Gaudium et Spes* é uma obra inacabada, visto que esse documento inaugurou um novo método que era, ao mesmo tempo, um caminho a ser percorrido e uma postura inédita com relação ao mundo. O caminho e a atitude em relação ao mundo “exigiam uma verdadeira transposição da totalidade da existência cristã em categorias teológicas novas, porque é disso que se tratava”.¹³⁷ A Igreja não poderia situar-se e entrar no mundo de outra forma, sem deixar que o mundo entrasse nela de maneira constitutiva. Há uma grande diferença entre existir-no-mundo e ser-no-mundo.¹³⁸

“No período pós-conciliar, contudo, não se chegou a um renovado *Pentecostes* nem à

¹³⁴ MIRANDA, F. M. Conjuntura Eclesial e Sínodo para uma nova evangelização. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis: Vozes, n. 283, p. 684, jul. 2011.

¹³⁵ Recentemente, distingue-se uma tríplice fonte interpretativa para o Vaticano II: a hermenêutica dos autores, do texto e dos receptores. “A intencionalidade dos autores vai emergir das discussões prévias à constituição do próprio texto, tais como aparecem em atas do Concílio”. Em relação aos textos, ao serem estudados, é preciso levar em consideração a multitextualidade, confrontando-o com os outros textos conciliares. Quanto à história da interpretação desse evento, nesses 50 anos, pertence diversas reações de seus receptores. (MIRANDA, M. F. *Uma Igreja em processo de renovação*, p. 371-372).

¹³⁶ CALIMAN, C. A eclesiologia do Concílio Vaticano II e a Igreja no Brasil. In: GONÇALVES, P. S. L. BOMBONATTO, V. I. (Org.). *Concílio Vaticano II: análise e perspectivas*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 239.

¹³⁷ PALÁCIO, C. O legado da “*Gaudium et Spes*”. *Riscos e exigências de uma nova “condição cristã”*. *Perspectiva Teológica*, São Paulo: Loyola, n. 73, p. 341, set./dez. 1995.

¹³⁸ Id.

esperada primavera espiritual”.¹³⁹ O problema não se situava nas discussões sobre a interpretação do Concílio; havia uma decadência da vida religiosa, e um registrado enorme da queda no número de vocações sacerdotais e religiosas e uma diminuição da fé. Não ocorreu o esperado impulso missionário, pois no período pós-conciliar, foram constadas luzes e sombras. As causas são muitas conforme já foi considerado e, por isso, explicações “monocausais são insuficientes, como também juízos e condenações sumárias”.¹⁴⁰ Mas fica evidenciado que com o Concílio, novas ondas de secularização daquele tempo foram freadas e trouxeram novos desafios à humanidade.

Após o desaparecimento da neoescolástica e seu suporte filosófico, entrou na Teologia um modo de pensamento histórico, não muito aprofundado, o que permitiu o positivismo bíblicista e histórico, deixando uma lacuna para a dimensão da fé. “Em razão disso, muitos impulsos do concílio foram sufocados ou manipulados de forma abusiva numa concepção liberal e *iluminada* de Igreja”.¹⁴¹ Por outro lado, surgiram conflitos desagradáveis com forças que queriam retomar ao tempo pré-conciliar.¹⁴²

Paralelamente, em vários locais, houve um comportamento de pastoral puramente pragmática, e também, um grupo que desenvolveu uma forma de pensamento ligado unicamente aos princípios, distante da realidade, sem qualquer vínculo com a piedade e o amor. Ocorreu um verdadeiro cisma entre os princípios “do alto” que foram inculcados solidamente, e a práxis de baixo, que muitas vezes, de maneira aleatória, seguiu seus próprios caminhos.

Entre diferentes interpretações e recepções, foi travado um duelo entre progressistas e conservadores, que procuravam ganhar o tempo perdido. Os progressistas queriam maior abertura, enquanto os conservadores desejavam o retorno de antigas *práxis*. Cada um dos lados culpa o outro pela situação atual.

¹³⁹ BRUSTOLIN, L. A. *Gaudium et Spes* e a pastoralidade do Concílio Vaticano II. In: _____. *50 anos do Vaticano II: recepção e interpretação*. Porto Alegre: Edipucrs, 2012, p. 130.

¹⁴⁰ *Ibid.*, p. 131.

¹⁴¹ *Id.*, p. 131.

¹⁴² Existem determinados segmentos da Igreja que procuram diminuir a abrangência e profundidade da renovação do Vaticano II, considerando a existência de duas hermenêuticas do Concílio: uma equivocada, segundo eles, - a hermenêutica “da descontinuidade e da ruptura” - e outra, supostamente correta - a hermenêutica “da reforma, da renovação na continuidade”. A acusação de que o Vaticano II rompeu com a tradição da Igreja foi levantada por M. Lefebvre e atualmente é assumida pela Fraternidade Sacerdotal São Pio X, integristas ligados a Roma. Mas, na realidade, os que supostamente fazem uma hermenêutica do Concílio de “descontinuidade e ruptura”, não estão pondo em evidência ruptura em relação à tradição da Igreja, mas à cristandade e à neocristandade, ao eclesiocentrismo, a teocracia medieval, em resumo, à larga e esclerosada era constantiniana, que se prolongou na Igreja até meados do século XX. (BRIGHENTI, A. Por uma evangelização realmente nova. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, ano 45, n. 125, p. 83-106, jan./abr. 2013).

O que não foi percebido é que, na atualidade, “a orientação transcendente e religiosa não é óbvia; trata-se apenas de uma opção ao lado de tantas outras”.¹⁴³ Também não é a mais simples. A grande massa não se congrega mais por ideologias, utopias ou grandes causas. Para muitos, a arte substitui a religião no sentido de encontrar um sentido para a realidade.

Ademais, no Ocidente, foi feita, a opção por um humanismo presumidamente autossuficiente, e muitos são os que vivem sem referência a transcendência, numa total imanência. Nesse norte, há muitas pessoas que são responsáveis, éticas e respeitadas que vivem dicotomizadas da fé. Há outras que vivem de forma mais radical, como os fundamentalistas e aqueles que são ateus.

O que se coloca em destaque não é a questão sobre a Igreja, mas a questão de Deus. Não é o desejo de um retorno ao passado nem o desejo de uma nova Igreja. “Nem saudade, nem utopia. Trata-se muito mais de inserir de modo crítico e construtivo, na nova realidade, tudo aquilo que é permanente e precioso na tradição cristã”.¹⁴⁴

Atualmente, constituem importantes componentes do nosso horizonte de compreensão, as tensões e turbulências que se seguiram ao Vaticano II, as profundas transformações sociais, as intervenções do magistério eclesial. Mas, ainda que devam ser seriamente consideradas, “não podem impedir que o processo continue e que no futuro nos vejam como uma etapa da história pós-conciliar ainda em andamento”.¹⁴⁵

1.7.1 A recepção da *Gaudium et Spes* na América Latina

Seguindo as linhas-mestras da Cristologia presente no Vaticano II, “a teologia latino-americana aproximará a ideia de salvação do movimento de libertação das populações dominadas e fundamentará sua ação em favor dessa libertação dos pobres”,¹⁴⁶ segundo a prática histórica de Jesus e sua pregação do Reino.

Haverá uma preocupação muito grande na interpretação das libertações históricas à luz da fé, com ações de Deus em favor de seu povo, sem esgotar o significado maior e transcendente da salvação definitiva que, através da ação de Deus, libertará o homem do

¹⁴³ BRUSTOLIN, L. A. *50 anos do Vaticano II: recepção e interpretação*, p. 131.

¹⁴⁴ *Ibid.*, p. 132.

¹⁴⁵ MIRANDA, M. F. *Uma Igreja em processo de renovação*, p. 374.

¹⁴⁶ MANZATTO, A. O paradigma cristológico do Vaticano II e sua incidência na cristologia latino-americana. In: GONÇALVES, P. S.; BOMBONATTO, V. *Concílio Vaticano II: análise e prospectivas*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 224.

pecado e da morte. Será enfatizada a ação concreta de Jesus em benefício dos pobres de seu tempo. Essas são as vigas mestras da construção teológica na América Latina.¹⁴⁷

Nesse sentido, os anos pós-conciliares trouxeram uma “lufada de ar fresco” para o conjunto da Igreja latino-americana através do trabalho das Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano.

Na II Conferência, em Medellín (1968), na Colômbia, ocupou um lugar central a situação de pobreza e de injustiça¹⁴⁸ da maioria da população, a necessidade de uma Igreja servidora, toda ela comprometida e comunitária com os pobres e sua libertação.¹⁴⁹

Na III Conferência, em Puebla (1979), no México, ocorreu a aplicação do documento de Paulo VI, *Evangelii Nuntiandi*,¹⁵⁰ que abordou os temas da *evangelização e libertação*, relacionando-os com os temas da *cultura e religiosidade popular*. A identidade latino-americana recebeu um enfoque histórico, cultural e antropológico.¹⁵¹

A IV Conferência, em Santo Domingo (1992), no Caribe destacou o protagonismo dos leigos, em particular dos jovens, voltada a uma nova evangelização inculturada aos indígenas, afro-americanos, mestiços e nos meios de comunicação de massa, na moderna cultura urbana. Todos esses fatores entrelaçados com uma promoção humana partindo de uma evangélica e renovada opção pelos pobres.

A V Conferência, em Aparecida, São Paulo (2007), no Brasil, aconteceu num quadro

¹⁴⁷ MANZATTO, A. O paradigma cristológico do Vaticano II e sua incidência na cristologia latino-americana. In: GONÇALVES, P. S.; BOMBONATTO, V. *Concílio Vaticano II: análise e prospectivas*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 224-225.

¹⁴⁸ Vários padres conciliares captaram que para a maioria estava distante uma igreja voltada para os pobres, em pobreza e sem poder, ela mesma pobre. Um grupo de 40 padres conciliares, poucos dias antes do encerramento do Concílio, reuniram-se, celebraram a Eucaristia nas catacumbas de Santa *Domitilia* e se comprometeram com a causa da pobreza através do pacto das catacumbas: uma Igreja “servidora e pobre”. A ideia foi acolhida por Medellín no capítulo: “Pobreza da Igreja”, no qual os bispos se questionavam por sua própria pobreza e pela de suas Igrejas. Iniciam suas reflexões com dois documentos intitulados “justiça” e “paz”. Trata-se da expressão da liberdade que a Igreja deverá promover. (SOBRINO, J. A Igreja dos pobres não prosperou no Vaticano II. Promovida em Medellín, historizou elementos essenciais do concílio. *Concilium*, Petrópolis: Vozes, v. 346, p. 80, 2012/3).

¹⁴⁹ BEOZZO, J. O. Vaticano II: 50 anos depois na América Latina e no Caribe. *Concilium*, Petrópolis: Vozes, v. 346, p. 116-122, 2012-2013.

¹⁵⁰ “Puebla é a aplicação da *Evangelii Nuntiandi* para a América Latina. Por essa razão, o documento chama-se “A evangelização no presente e no futuro da América Latina [...]. O documento pode ser compreendido a partir do método ver, julgar e agir [...]. As linhas de força e as grandes orientações são a realidade; o primado da evangelização; a constatação da violação dos direitos humanos no continente, seguida de uma reflexão antropológica e de uma fundamentação bíblica, que mostram a dignidade humana; a opção pelos pobres e por uma evangelização libertadora; a cultura e as culturas na América Latina e a sua evangelização; a necessidade de espiritualidade própria para a evangelização e evangelizadores da América Latina”. (HACKMANN, G. B. *A Igreja Amada de Jesus Cristo*, p. 61-62).

¹⁵¹ *Ibid.*, p. 61.

de globalização excludente e de grave crise ambiental, reafirmando as linhas da caminhada do Povo de Deus latino-americano, marcada pelo sangue de muitos mártires e “propondo uma retomada das comunidades de base e do compromisso libertador”.¹⁵² Convocou todos os batizados à conversão, tornando-se discípulos-missionários de Cristo, “num grande esforço de evangelização e de promoção humana integral”.¹⁵³

Essas conferências, eclesialmente, representam “um exercício mais pleno e deliberativo da colegialidade episcopal, com seu próprio magistério, frente à forma apequenada e apenas consultiva dos sínodos dos bispos”.¹⁵⁴

1.7.2 A recepção no Brasil

Para falar em recepção do Concílio Vaticano II pela Igreja no Brasil, é necessário voltar-se para seu próprio conceito. A reflexão da recepção na Teologia é relativamente nova. Considerando que receber é um ato ativo, em que um sujeito acolhe o que o outro lhe coloca à disposição, pode-se dizer que “toda história do surgimento das Escrituras é um longo processo de recepção de palavras e textos em comunidades distintas até se tornarem referenciais normativos e vinculantes”.¹⁵⁵ Esse processo de recepção produz um sistema de normas em que o que vai ser recebido não é previsível. Consequentemente, nasce, nos processos de recepção das Escrituras, a imprevisibilidade. O que vai ser recebido não pode ser antecipadamente determinado. Assim, se fala em recepção no Brasil de forma imprópria, pois os bispos brasileiros participaram do concílio como representantes. Nessa seara, serve de exemplo o tema *opção pelos pobres*, pois originariamente, era um grande sonho acalentado pelo Papa João XXIII, expressado desde a convocação do concílio para que se definisse a Igreja como *Igreja dos Pobres*. Mas seu eco se ouviu adequadamente em 1979, em Puebla.

No Brasil, o termo *recepção* pode ser usado como expressão dos aspectos mais desenvolvidos e no sentido de interpretação. Conforme já referido, os documentos, ainda que expressem formulações consensuais, mantêm as tensões internas no que tange às maneiras diferentes de compreender a tradição cristã. A Igreja no Brasil operou uma identidade seletiva

¹⁵² BEOZZO, J. O. Vaticano II: 50 anos depois na América Latina e no Caribe. *Concilium*, Petrópolis: Vozes, v. 346, p. 118, 2012-2013.

¹⁵³ *Ibid.*, p. 116-122.

¹⁵⁴ *Id.*, p. 118.

¹⁵⁵ HAMMES, É. Recepção e atualidade do Concílio Vaticano II no Brasil. In: BRUSTOLIN, L. A.(Org.). *50 anos do Concílio Vaticano II: recepção e interpretação*. Porto Alegre: Edipucrs, 2012, p. 179-180.

e diferenciada conforme os sujeitos de recepção. Não houve unanimidade nesse sentido, inclusive pelos próprios bispos com suas histórias, experiências e teologias diferentes.¹⁵⁶

Nessa perspectiva, é importante lembrar que o Concílio Vaticano II foi um concílio de cunho europeu,¹⁵⁷ influenciando a maneira de recepção nesse continente. Em relação aos formadores de Teologia no Brasil, em sua maioria, formados em Roma na Pontifícia Universidade Gregoriana, participaram de correntes divergentes: uma veterogregoriana e outra, neogregoriana,¹⁵⁸ advindo desse fato que os estudantes brasileiros, ao chegarem em seu país, tenderiam a reproduzir essas divergências no modo de pensamento de seus alunos.

Um dos aspectos mais desenvolvidos no Brasil foi a colegialidade na Conferência Episcopal, afinal, “a Igreja no Brasil já possuía certas tendências na linha do que o concílio havia proposto”.¹⁵⁹ Destacam-se na Igreja pós-conciliar brasileira, a atuação dos leigos e os temas sociais, temas esses lançados nos documentos que serviram para apoiar os impulsos de transformação. Associando-se a tais dimensões, o “incremento das CEBs, a leitura popular da Bíblia (com a ajuda de especialistas em ciências bíblicas), a pesquisa histórica e a reflexão pastoral”¹⁶⁰ que influenciaram na recepção do Concílio Vaticano II no Brasil.

Cabe lembrar que o episcopado brasileiro é muito sensível à luta por uma sociedade mais justa e fraterna. Dentre as inúmeras iniciativas concretas que se voltam para sensibilizar a população brasileira para as distorções presentes na sociedade, tem-se: o *Movimento de Educação de Base*, as *Pastorais Sociais*, as *Campanhas da Fraternidade*, o *Mutirão Nacional da Miséria e da Fome*, as *Comissões Justiça e Paz*, as *Escolas de Fé e Política*, as *Comunidades Eclesiais de Base* e as *Semanas Sociais*. Encontra-se aí “a perseverante denúncia das violações dos direitos humanos, das condições desumanas de vida, das políticas neoliberais, das desiguais repartições de recursos, da corrupção em diversos níveis”.¹⁶¹ Nasce, então, o questionamento para explicar como, diante do esforço da hierarquia a favor dos excluídos, a luta não resultou em ações transformadoras tão urgentes em nosso país? Muitas

¹⁵⁶ HAMMES, É. Recepção e atualidade do Concílio Vaticano II no Brasil. In: BRUSTOLIN, L. A. (Org.). *50 anos do Concílio Vaticano II: recepção e interpretação*. Porto Alegre: Edipucrs, 2012, p. 183.

¹⁵⁷ MAIER, M. Impulsos do Concílio Vaticano II para a Igreja na Europa. *Concilium*, Petrópolis: Vozes, v. 346, p. 130, 2012/3.

¹⁵⁸ Na mesma universidade, conviviam, lado a lado, “as linhas predominantes da Teologia que formulou os esquemas iniciais do Concílio Vaticano II e os que estavam ou passaram ao lado dos esquemas finais reescritos”. (HAMMES, É. Recepção e atualidade do Concílio Vaticano II no Brasil. In: BRUSTOLIN, L. A. (Org.). *50 anos do Concílio Vaticano II: recepção e interpretação*. Porto Alegre: Edipucrs, 2012, p. 183).

¹⁵⁹ *Ibid.*, p. 184.

¹⁶⁰ *Id.*

¹⁶¹ MIRANDA, M. F. Igreja e sociedade na *Gaudium et Spes* e sua incidência no Brasil. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis: Vozes, v. LXVI, p. 113, 2006.

são as razões que poderia apontar na própria sociedade brasileira, mas não cabe, no estudo em pauta, tal aprofundamento. O assunto é muito complexo e envolve o fato de uma frágil democracia, do nível de educação do povo, da área extensa de um país-continente, de problemas políticos voltados à gerência de recursos, da corrupção, da apatia do católico diante da política.

Outro aspecto a ser destacado diz respeito “à formação de um laicato adulto que possa entrar no debate público, oferecendo reflexões, estratégias e opções no campo político, a partir da fé cristã”.¹⁶² Em nossos dias, não se vê o papel do laicato na Igreja, conforme enfatizado na constituição *Gaudium et Spes*. Para tanto, há necessidade de que os leigos tenham liberdade para se expressar, debater, que sofram críticas de outros leigos, que desvelem todas as dimensões e problemáticas, antes de se tornarem objeto de intervenção hierárquica.

Uma terceira consequência, ligada intimamente à precedente, concerne à formação cristã e política dos leigos. Constata-se, em todas as classes sociais, a incidência do que se chama de “individualismo religioso”,¹⁶³ com um cunho fortemente emotivo em nossos dias. Quanto à formação teológica do laicato, apesar de ela já estar experimentando um futuro promissor em nosso país, precisa ser seguida de uma formação política em todas as classes sociais visando às urgentes e tão necessárias transformações sociais.

¹⁶² MIRANDA, M. F. Igreja e sociedade na *Gaudium et Spes* e sua incidência no Brasil. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis: Vozes, v. LXVI, p. 113, 2006.

¹⁶³ *Ibid.*, p. 114.

2 EXORTAÇÃO APOSTÓLICA *EVANGELII GAUDIUM*

A renúncia do Papa Bento XVI foi muito mais do que um gesto pessoal e pontual, levando à eleição de outro papa. Havia chegado “a hora urgente e ingente de mudanças”¹⁶⁴, sinalizadas pelo Papa Francisco na *Evangelii Gaudium*: mudança de ótica e de rumos; reformas institucionais; “conversão pastoral” da Igreja como um todo, retomando a renovação do Vaticano II e da tradição da Igreja na América Latina.¹⁶⁵

A *Evangelii Gaudium* é um documento abrangente e programático para a vida eclesial nesse período histórico. Uma exortação que traz a marca da colegialidade, da confiança na presença de Deus junto com seu povo e da liberdade, diversidade, pluralidade e multiplicidade dos fiéis que se deixam conduzir pelo Espírito Santo e nele encontram a unidade (cf. EG 131).

Neste segundo capítulo, considerando que os assuntos abordados na exortação apresentam-se interligados, fez-se uma análise numa perspectiva de conjunto. Foram selecionados temas mais pertinentes ao enfoque da conversão pastoral, deixando outros assuntos sem serem considerados, ainda que importantes, como: ecumenismo, diálogo inter-religioso, família, paz e ecologia, em razão da finalidade e extensão a que se propõe a presente pesquisa.

2.1 ORIGEM DO DOCUMENTO

Nas sessões de trabalho da Congregação dos Cardeais, que antecederam ao conclave da eleição do novo papa, o então Cardeal Bergoglio, num contundente pronunciamento, apontou “para a miséria de uma Igreja fechada sobre si mesma, ‘autorreferencial’, e a necessidade de ‘sair para as ruas’”,¹⁶⁶ delineando, assim, o perfil do novo papa como “um homem que, desde a contemplação e a adoração de Jesus Cristo, ajude a Igreja a sair de si em direção às periferias existenciais; que ajude a Igreja a ser mãe fecunda, que vive a doce e confortadora alegria de evangelizar”.¹⁶⁷

¹⁶⁴ BRIGHENTI, A. Perfil pastoral da Igreja que o Papa Francisco sonha. In: SILVA, J. M. *Papa Francisco: perspectivas e expectativas de um papado*. Petrópolis: Vozes, 2014.

¹⁶⁵ *Ibid.*, p. 13.

¹⁶⁶ *Id.*, p. 14.

¹⁶⁷ *Id.*

2.1.1 Uma sociedade em crise

Pode-se dizer que a crise da Igreja é um reflexo da crise da sociedade. Vivemos num tempo mais de *mudança de época* do que *época de mudança*, considerando a atual crise da modernidade, da razão técnico-instrumental e seu projeto histórico.¹⁶⁸

Segundo Baumann, vivemos na *modernidade líquida*, uma vez que, no nosso contexto, há o derretimento dos sólidos. Anteriormente eram sólidos: as crenças, as instituições, os valores e as normas. Hoje, esses elementos se liquefizeram, daí sociedade líquida, emergindo os relativismos e os ceticismos. “A modernidade imediata é leve e infinitamente mais dinâmica do que a modernidade sólida que foi suplantada, tudo isso exige uma nova compreensão das formas das relações sociais”.¹⁶⁹

A passagem daquela realidade para essa trouxe profundas mudanças em todos os aspectos da vida humana com graves consequências. Observam-se vários elementos menos valorizados em detrimento de outros. Existem valores que estão se liquefazendo: a instituição, a tradição, o sonho e a utopia, o perene, o eterno, o definitivo e a ética. Outros são os valores assimilados e que regem as relações e as decisões humanas: o individual, a mudança de rumos, a novidade, a palpabilidade, o momentâneo e a estética.¹⁷⁰ Nessa perspectiva, evidenciam-se alguns fatos marcantes na realidade contemporânea:

- a) o individualismo, onde cada um faz sua própria lei; tal paradigma leva tensão às relações sociais;
- b) crescente desenvolvimento tecnológico na informática e na genética;
- c) o capitalismo que transforma desejos em necessidades, desenfreado o consumismo;
- d) a ideologia central do prazer, em que a vida é compreendida como gozo, imediatismo, que valoriza o presente e despreza o passado e o futuro;
- e) ênfase no subjetivismo com esquecimento das dimensões sociais;
- f) exploração tecnológica que visa ao poder e ao controle de recursos; e

¹⁶⁸ BRIGHENTI, A. *Os desafios para a Igreja no século XXI*. In: SEMINÁRIO LATINO-AMERICANO DE TEOLOGIA. Conselho Nacional do Laicato do Brasil – CNLB. Pindamonhangaba, 19 de maio de 2007. Disponível em: <www.cefep.org.br>. Acesso em: 18 jul. 2014.

¹⁶⁹ BAUMANN, Z. *Modernidade líquida*, p. 25.

¹⁷⁰ NENTWIG, R. *Iniciação à comunidade cristã a relação entre a comunidade evangelizadora e o catecumenato de adultos*, p. 20.

g) a falta de preservação da natureza e do Planeta, colocando em risco a vida do ser humano.¹⁷¹

Segundo Brighenti, na esteira da *crise da modernidade*, apresentam-se várias outras formas como a *crise dos metarrelatos* (a razão fria que desconhece as razões do coração, apoiada em Pascal); e o *pensamento light* ou *cultura do vazio*¹⁷² que acenam para a *razão débil*.¹⁷³ Todos passam por uma espécie de *sentimento de orfandade*, “marcado pela instabilidade, a insegurança e, em muitos casos, o medo e o apocalitismo”.¹⁷⁴

2.1.2 A crise da modernidade na Igreja

Há um entrelaçamento da crise eclesial e da crise da sociedade ao que se remetem mutuamente. O Concílio, particularmente a *Gaudium et Spes*, ajudou na tomada de consciência de que o mundo é constitutivo da Igreja. A *Lumen Gentium* frisou que o Povo de Deus peregrina na história, e que o destino da humanidade peregrinante, do Povo de Deus, não é diferente do destino de toda a humanidade. Está muito claro, no espírito e na perspectiva apresentadas pela *Gaudium et Spes* (GS 1). “Nada do que é humano é alheio ao divino e, em consequência, ao ser e ao fazer da Igreja”.¹⁷⁵

A *modernidade eclesial*, ocorreu cinco séculos mais tarde em relação à modernidade ocidental com o Concílio Vaticano II, que hoje não deixa de apresentar seus desencantos.¹⁷⁶ Ainda assim, a Igreja, mesmo assumindo a crise, pouco fez, de fato, para sair dela, ficando a renovação do Vaticano II no meio do caminho.¹⁷⁷ Houve, por parte de determinados segmentos da Igreja, heroicos esforços em prol de uma renovação e de uma presença cristã no

¹⁷¹ BRUSTOLINI, L. A. Catequese: novos tempos, novos caminhos. In: MINCATO, R. (Org.). *Catequese renovada: esperança e transformação*. Porto Alegre: EST, 2008, p. 21-49.

¹⁷² BRIGHENTI, A. Uma instituição em crise em uma sociedade em crise. In: PASSOS, J. D.; SOARES, A. M. L. (Org.). *Francisco: renasce a esperança*. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 28-45.

¹⁷³ No que tange às ciências, no último século, estiveram “muito mais próximas do poder do que da verdade” (Thomas Khun). Os ideais sociais parecem acenar para “o fim da história” (Fukuyama). Restou o sabor amargo do presente, o “triunfo do indivíduo solitário” (González Faus). O único setor triunfante, ao que parece, é a técnica, mas “é a responsável, no entanto, por um planeta enfermo, em que estão ameaçados a “vida e seus ecossistemas” (L. Boff). (Ibid., p. 30).

¹⁷⁴ Id.

¹⁷⁵ Id., p. 34.

¹⁷⁶ Segundo Brighenti, a prova de tal desencanto com o concílio “são suas diferentes hermenêuticas, algumas até antagônicas. Parece que, definitivamente, mergulhamos na sociedade dos ‘pós’- de uma sociedade pós-moderna, pós-religiosa, pós-industrial, pós-cristã etc.”. (Id., p. 30).

¹⁷⁷ Sobre o silêncio da Igreja, afirma o Cardeal Walter Kasper: “As grandes conquistas da modernidade se deram fora da Igreja, contra a Igreja, mas fundadas em valores evangélicos”. Onde estava a instituição eclesial? “Refugiou-se em seu castelo, suspendeu as pontes elevadiças e excomungou em bloco, o mundo moderno” (Id., p. 35).

mundo, de forma transformadora e profética.

No cinquentenário da realização do Concílio Vaticano II, foi constatado que a renovação idealizada por João XXIII e fielmente assumida por Paulo VI, pouco pôde avançar. Nas décadas de 70 e 80 (século XX), em todos os continentes, mas, sobretudo na América Latina, segmentos da Igreja arriscaram-se e avançaram em vários campos da vida eclesial, mas foram confrontados com inumeráveis entraves eclesiásticos.

2.1.3 Sínodo dos Bispos de 2012

O Papa Bento XVI anunciou, no término da Assembleia Especial para o Oriente Médio, o Sínodo dos Bispos que se realizaria de 7 a 28 de outubro de 2012, com o tema “A nova evangelização para a transmissão da fé cristã”.

A convocação dessa assembleia ocorreu num momento significativo para a Igreja Católica, pois durante sua realização foram comemorados o quinquagésimo aniversário da abertura do Concílio Vaticano II, o vigésimo aniversário da publicação do *Catecismo da Igreja Católica*, e a abertura do “Ano da Fé”, proclamado pelo Papa Bento XVI.¹⁷⁸

Todos os pareceres e as reflexões alcançados foram recolhidos e sintetizados no *Instrumentum Laboris*, em quatro capítulos. O primeiro capítulo é dedicado à redescoberta do coração da evangelização, ou da experiência da fé cristã: encontro com Jesus Cristo; o segundo capítulo desenvolve uma reflexão sobre as transformações que interessam à forma de viver a fé, que influenciam as comunidades e o conceito de nova evangelização; no terceiro capítulo é feita uma análise dos lugares fundamentais em que a fé cristã é transmitida: na liturgia, na catequese e na caridade. O último capítulo aborda os setores da ação pastoral especificamente dedicados ao anúncio do Evangelho.¹⁷⁹ No final da assembleia, os bispos sinodais elaboraram uma mensagem dirigida à Igreja.

Destacou ela que, como Jesus junto ao poço de Sicar, a Igreja em nossos dias se sente obrigada a sentar ao lado de homens e mulheres. Insistiu que “a nova evangelização responde a uma pergunta que a Igreja deve ter coragem de se colocar, para ousar um recomeço da sua

¹⁷⁸ SÍNODO DOS BISPOS. XIII Assembleia Geral Ordinária. A nova evangelização para a transmissão da fé cristã. *Instrumento Laboris*, n. 2, 2012.

¹⁷⁹ *Ibid.*, n. 17.

vocação espiritual e missionária”.¹⁸⁰ Não se trata de uma questão de começar de novo, mas “de entrar no longo caminho do anúncio do Evangelho a coragem apostólica de Paulo, que iria tão longe a ponto de dizer: ‘Ai de mim se eu não anunciar o Evangelho’ (1 Cor 9,16)”.¹⁸¹

Constatou que os cenários social, cultural, econômico e religioso mudaram e exigem algo novo: viver a nossa experiência comunitária de fé de uma maneira renovada, anunciando-a através de uma evangelização que é “nova em ardor, em seus métodos, em suas expressões”.¹⁸²

Afirmou que “toda pessoa tem o direito de ouvir o Evangelho de Deus para o homem, que é Jesus Cristo” e sugeriu que “toda atividade da Igreja tenha uma marca evangelizadora essencial e nunca deva ser separada do compromisso de a todos ajudar a encontrar Cristo na fé”.¹⁸³

Convidou-nos a não nos assustarmos com os fenômenos da globalização, mas torná-los uma oportunidade de ampliar a presença do Evangelho.

Dentre os agentes da transmissão da fé, foi dado amplo destaque à figura da família, dada a sua capacidade profética de viver os valores fundamentais da experiência cristã: “dignidade e complementariedade do homem e da mulher, criados à imagem e semelhança de Deus (cf. Gn 1,27), abertura à vida, partilha e comunhão, [...] atenção à educação, confiança em Deus, fonte do amor que os une”.¹⁸⁴

Tratou do papel da paróquia que surge, acima de tudo, como presença da Igreja, em que homens e mulheres vivem “a fonte da aldeia”, como João XXIII gostava de chamá-lo.¹⁸⁵ Faz-se necessário, portanto, “uma revisão do programa pastoral e o estabelecimento de uma cooperação para uma Igreja particular mais comunitária”.¹⁸⁶

Recordou, também, que a doutrina social da Igreja é parte integrante dos caminhos da nova evangelização.

Um dos redatores da mensagem final do sínodo, Dom Sérgio da Rocha, Arcebispo de Brasília (DF), divulgou um resumo da mensagem que focou em três grandes pontos: a ênfase

¹⁸⁰ SÍNODO DOS BISPOS. XIII Assembleia Geral Ordinária. A nova evangelização para a transmissão da fé cristã. *Instrumento Laboris*, n. 46. São Paulo: Paulinas, 2012.

¹⁸¹ LIMA, L. A. *Íntegra da mensagem final do sínodo*. Disponível em: <<http://www.cnbb.org.br/imprensa/noticias/10747-integra-da-mensagem-final-do-sinodo>>. Acesso em: 11 jul. 2014.

¹⁸² JOÃO PAULO II. *Discurso de Abertura da XIX Assembléia do CELAM*, Porto Príncipe. Disponível em: <www.vatican.va/...ii/.../1983/.../hf_ip-_spe_19830309_assemblea-celam_po.html>. Acesso em: 01 set. 2014.

¹⁸³ SÍNODO DOS BISPOS. XIII Assembleia Geral Ordinária. A nova evangelização para a transmissão da fé cristã. *Instrumentum Laboris*, n. 34. São Paulo: Paulinas, 2012.

¹⁸⁴ Id.

¹⁸⁵ LIMA, op. cit.

¹⁸⁶ SÍNODO DOS BISPOS. Assembleia Geral Ordinária. A nova evangelização para a transmissão da fé cristã. *Instrumentum Laboris*, n. 80. São Paulo: Paulinas, 2012.

no encontro com Jesus Cristo; a missão da Igreja; e a novidade de ter uma palavra específica para cada continente.¹⁸⁷

Para Rocha os temas refletem a relevância, a amplitude e a complexidade do tema geral; sublinhou alguns deles e que receberam nova acentuação, dentre outros: o reconhecimento do “ministério” do catequista; a ordem dos sacramentos de iniciação cristã em perspectiva pastoral; a “via da beleza” como caminho de evangelização; a “conversão pastoral” segundo o espírito de Aparecida; o papel dos teólogos na nova evangelização.¹⁸⁸

Nicolás, padre-geral dos jesuítas, participante do sínodo, fez uma sucinta análise da assembleia, apresentando alguns aspectos positivos em três categorias e outros insuficientes. Dentre os aspectos positivos foram citados:

- a) contribuições geográficas. Os bispos de países como do Oriente Médio, da África ou da Ásia, tiveram a possibilidade de apresentar o sofrimento de seus povos. A possibilidade de troca de experiências e pensamento;
- b) o envolvimento de leigos e de movimentos, de maneira comprometida, nos projetos de cooperação, trabalho em rede e intercâmbio em nível internacional; e
- c) reflexões sobre os fundamentos, as dimensões e o significado da nova evangelização.

Dentre os aspectos considerados insuficientes, foram elencados:

- a) trata-se de um Sínodo de Bispos, não havendo espaço nem voz para o Povo de Deus. Os leigos, especialistas e observadores (auditores) não tiveram espaço;
- b) era uma reunião de “homens da Igreja, que reafirmavam a Igreja”, havendo o perigo de produzir sempre a mesma coisa;
- c) falta de reflexão sobre a Primeira Evangelização. A história passada tem muito a ensinar acerca de aspectos positivos e negativos;
- d) a vida religiosa foi praticamente ignorada; e

¹⁸⁷ ROCHA, S. *Bispo que ajudou a escrever mensagem do sínodo dá detalhes do texto*. 27 de outubro de 2012. Disponível em: <<https://novaevangelizacao.wordpress.com/category/sinodo-dos-bispos-2/>>. Acesso em: 23 jul. 2014.

¹⁸⁸ ROCHA, S. *Sínodo dos Bispos: como terminou?* 29 de outubro de 2013. Disponível em: <<http://www.cnbb.org.br/articulistas/dom-sergio-da-rocha-/10698-sinodo-dos-bispos-como>>. Acesso em: 23 jul. 2014.

e) o aspecto mais fraco do sínodo foi a metodologia seguida.¹⁸⁹

No decorrer do mesmo, sobre a nova evangelização, prevaleceram acentos autocríticos por parte de vários bispos sinodais. Dom Rino Fisichela, presidente do Pontifício Conselho para a Nova Evangelização, disse: “Encerramo-nos em nós mesmos. Mostramos uma autossuficiência que impede que nos aproximemos como uma comunidade viva e fecunda, que gera vocações, de tanto que burocratizamos a vida de fé e sacramental”.¹⁹⁰

O arcebispo filipino Sócrates Villegas foi mais duro: “Por que no mundo há uma forte onda de secularização [...] e simplesmente indiferença com relação à Igreja? O Evangelho não pode prosperar no orgulho”.¹⁹¹ Acrescentando: “A evangelização foi ferida e continua sendo obstaculizada pela arrogância dos seus agentes. A hierarquia deve punir aqueles que erram entre nós”.¹⁹²

Timothy Dolan, presidente da Conferência dos Bispos dos EUA, considerou: “o que há de errado com o mundo? [...] Como escreveu Chesterton, ‘a resposta à pergunta o que dá de errado no mundo’ são duas palavras: sou eu”.¹⁹³

Após o sínodo, Suess, em suas críticas, argumentou que

é sabido que o trabalho do Vaticano II começou com a rejeição dos instrumentos de trabalho preparados pela Cúria Romana. Os Sínodos representam a recuperação metodológica pré-conciliar. Roma prepara um texto e envia às Igrejas locais. Essas opinam. Roma resume e filtra os textos enviados pelas bases diocesanas e faz um documento ou toma uma decisão.¹⁹⁴

No final de seu artigo, considerou que no “retrovisor histórico pode-se dizer que a XIII Assembléia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos foi uma assembléia *ad intra*, de uma Igreja em busca de sua identidade no passado”¹⁹⁵ Parece que não precisamos mudar nada, “basicamente, a

¹⁸⁹ NICOLÁS, A. *Sínodo sobre a nova evangelização: luzes e sombras*. Entrevista com Adolfo Nicolás em 28 de outubro de 2013. Disponível em: <<http://www.unisinos.br/noticias/515073-sinodo-sobre-a-nova-evangelizacao-luzes-e-sombras-entrevista...>>. Acesso em: 26 jul. 2014.

¹⁹⁰ ANSALDO, M. O *mea culpa* dos bispos no Sínodo. *Jornal La Repubblica*, 12 de outubro de 2012. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/514518-o-mea-culpa-dos-bispos-no-sinodo>>. Acesso em: 26 jul. 2014.

¹⁹¹ Ibid.

¹⁹² Id.

¹⁹³ Id.

¹⁹⁴ SUESS, P. *A nova evangelização blindada pelo Catecismo Universal: proposições do Sínodo sobre evangelização e transmissão da fé*. Disponível em: <<file:///C:/User/AppData/Local/Temp/Low/9AE4U6ZV.htm>>. Acesso em: 23 jul. 2012.

¹⁹⁵ Ibid.

paróquia missionária é a solução”.¹⁹⁶ Questiona, então, se não precisamos mudar o rumo.

2.1.4 Novos sinais dos tempos

No dia 11 de fevereiro de 2013, Bento XVI renunciou ao seu cargo de bispo de Roma. A perplexidade tomou conta de corações e mentes do mundo afora. Muitas das razões a respeito do corajoso gesto do papa passaram a ser especuladas. Muitas conjeturas foram feitas sobre quem iria chegar à cátedra de Pedro. A situação era inédita.¹⁹⁷

Os olhos do mundo inteiro voltaram-se para Roma. Tomava-se conhecimento das sombras que se haviam abatido sobre a instituição, “que é a mais antiga da história da humanidade e que parecia a muitos inatingível”.¹⁹⁸ Fatos dolorosos e obscuros vieram à tona trazidos pela mídia promovendo extrema desolação entre católicos do mundo inteiro, além de muita insegurança. Havia interesse também por parte da sociedade secular, e o clima era de perguntas, espanto e expectativa.¹⁹⁹

O espanto era natural, visto que a renúncia não consistia num ato qualquer, mas de um ato de governo de grande alcance, um ato singular de “magistério espiritual”.²⁰⁰ Essa atitude chegou a provocar irritação na ala conservadora da Igreja. Trata-se de um ato que carrega consigo um significado preciso de *dessacralização* de um cargo considerado vitalício e de visualização de seu limite. É um gesto significativo na Igreja Católica no que diz respeito ao modo de estruturação de seu governo central, “abrindo também espaço para sinalizar os limites da própria instituição”,²⁰¹ além de convocar “ao desafio de reinvenção da Igreja, de um novo tónus espiritual, fundado na convocação evangélica”.²⁰²

Mas, seguindo os ensinamentos e pegadas de Jesus, cheio de esperança, o povo de Deus abriu-se para o novo ciclo na Igreja Católica. Uma nova etapa que iniciou na tarde de 13 de março de 2013, quando, na abarrotada Praça de São Pedro, a multidão vinda de diferentes lugares, presencia as primeiras palavras e os primeiros gestos do papa “vindo do fim do

¹⁹⁶ SUESS, P. *A nova evangelização blindada pelo Catecismo Universal*: proposições do Sínodo sobre evangelização e transmissão da fé. Disponível em: <file:///C:/User/AppData/Local/Temp/Low/9AE4U6ZV.htm>. Acesso em: 23 jul. 2012.

¹⁹⁷ BINGEMER, M. C. L. Esperança de futuro para a Igreja. In: PASSOS, J. D.; SOARES, M. L. A. (Org.). *Francisco: renasce a esperança*. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 238-250.

¹⁹⁸ *Ibid.*, p. 238.

¹⁹⁹ *Id.*, p. 239.

²⁰⁰ *Id.*

²⁰¹ *Id.*, p. 83.

²⁰² *Id.*

mundo”. “Com sua simplicidade, sua transparência e sua espontaneidade, Francisco instaurava na Igreja a era da ‘normalidade’”.²⁰³

No dia 24 de novembro de 2013, o Papa Francisco publicou a exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, sobre a nova evangelização, um texto com o léxico do Papa Bergoglio, o primeiro produzido integralmente por ele,²⁰⁴ expressando logo, nas primeiras palavras, simultaneamente, uma boa-nova de alegria e fé: “A alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus” (EG 1).

Tais palavras caem como orvalho em meio a um mundo mergulhado em crise civilizacional sem precedentes, mais predisposto a receber “bombas”. Na realidade, representam uma negativa radical diante de muitas atitudes de derrotismo, pessimismo e fatalidade diante das circunstâncias econômicas e sociais. São palavras que expressam um convite para não andar cabisbaixo, mas andar decidido.

A exortação apostólica foi recebida com grande expectativa, pois se tratava da devolução à comunidade eclesial das reflexões feitas no final de 2012, no Sínodo dos Bispos sobre a Nova Evangelização, convocado e realizado ainda sob o pontificado de Bento XVI.²⁰⁵

2.2 ESTRUTURA DO TEXTO DA *EVANGELII GAUDIUM*

O texto da exortação é muito longo, com abordagem de uma miríade de assuntos, ainda que focada na temática da nova evangelização. As análises da *Evangelii Gaudium* estão em andamento e, certamente, levarão um bom tempo para se conseguir uma visão mais ampla e menos conjuntural sobre seu significado. O texto compreende cinco capítulos e uma introdução. Na introdução, o Papa denuncia a tendência de isolamento que a sociedade atual proporciona e convida os católicos a uma renovada experiência de encontro com Cristo. Cita

²⁰³ VIDAL, J. M.; BASTANTE, J. As mudanças (presentes e futuras) da primavera de Francisco. In: SILVA, J. M. (Org.). *Papa Francisco: perspectivas e expectativas de um papado*. Petrópolis: Vozes, 2014.

²⁰⁴ No dia 5 de julho de 2013, foi publicada a encíclica *Lumen Fidei* sobre a fé. O próprio Papa Francisco disse que a encíclica é fruto do trabalho “a quatro mãos”, pois o documento inicialmente foi trabalhado por Bento XVI durante vários meses antes de renunciar. Alegou o atual pontífice que tem a intenção de reconhecer no papel, a contribuição de seu predecessor. (TORNIELLI, A. *Vatican Insider*, 13 jun. 2013). “Sairá uma encíclica a quatro mãos”, afirma o Papa Francisco. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/520989-saira-uma-enciclica-a-quatro-maos-afirma-o-papa-francisco>>. Acesso em: 30 jul. 2014).

²⁰⁵ SANSON, C.; LANGER, A. Conjuntura da semana: *Evangelii Gaudium*: o programa de um pontificado. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/cepat/cepat-conjuntura/526592-conjuntura-da-semana-evangelii-gaudium-o-pontificado>>. Acesso em: 8 jul. 2014.

várias passagens bíblicas deixando transparecer a alegria e a sublimidade da tarefa evangelizadora.

O Capítulo 1, intitulado: “A transformação missionária da Igreja”, entra “em cheio” no tema *conversão pastoral*, que no fundo é a busca da Igreja para viver a fidelidade à própria vocação.²⁰⁶ Nesse capítulo, o Papa Francisco faz a defesa da paróquia, afirmando que ela não é uma estrutura caduca, pois tem muita capacidade de adaptação.

No Capítulo 2, foi abordado o tema *crise do compromisso comunitário*. O papa inicia denunciando a idolatria do capital que tende a subverter a ordem natural das coisas, se colocando no centro em vez de estar a serviço da pessoa humana e da justiça entre os povos. Apresenta algumas tentações dos agentes pastorais, e a primeira tentação é a do fascínio do gnosticismo, promovendo uma fé fechada no subjetivismo e que busca somente experiências prazerosas, mas que é incapaz de se expressar através do ardor missionário ou do empenho pela transformação do mundo. Uma segunda tentação relaciona-se ao *comodismo egoísta*, com fechamento para um empenho na atividade apostólica. Outra tentação é a do *neopelagianismo* autorreferencial que se fecha ao primado da graça, considerando os frutos apenas da capacidade humana e não da atuação divina. Por último, o papa discorre sobre a tentação de dividir que enfraquece a ação evangelizadora, pois priva a missão do testemunho da comunhão.

O Capítulo 3, intitula-se: “O anúncio do Evangelho” e traz vários aspectos sobre a atividade evangelizadora da Igreja. O papa volta-se à Igreja que se apresenta como a totalidade dos Batizados, e todos são chamados, a partir de seu próprio carisma, a evangelizar que tem no *querigma* seu alicerce. E, para que a Igreja se componha de discípulos missionários, o *querigma* precisa ser aprofundado por meio da catequese. Há destaque para o empenho da dimensão da inculturação do Evangelho na tarefa evangelizadora. A homilia é destacada por sua importância na evangelização e como ponto de comparação para avaliar a fecundidade do encontro do pastor com seu povo (EG 135).

No Capítulo 4, foi considerada “a dimensão social da evangelização”. São abordados ainda: inclusão social dos excluídos; o trabalho político de longo prazo; e o diálogo social: o diálogo entre a fé e a razão, o político, o ecumênico, o inter-religioso e o social amplo.

²⁰⁶ O Concílio Vaticano II apresentou essa fidelidade como condição para uma Igreja sempre reformanda (UR 6).

O Capítulo 5, intitulado: “Evangelizadores com Espírito”, aborda a espiritualidade dos evangelizadores,²⁰⁷ quando retoma o encontro pessoal com Cristo, pois é a partir desta experiência que se sente uma verdadeira necessidade de falar da pessoa amada.²⁰⁸

2.3 AS FONTES

As fontes bibliográficas do documento mostram que a nova etapa evangelizadora da Igreja, como projeto pastoral do pontificado do Papa Francisco, é, na realidade, uma retomada vigorosa do Concílio Vaticano II.

A exortação apostólica *Evangelii Gaudium* remete à XIII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, que, em 2012, discutiu “A nova evangelização para a transmissão da fé cristã”. Várias vezes, o papa mencionou o Sínodo (EG 14; 16; 73; 112; 245), mas seu texto não se resume a materiais herdados; o que se percebe é um escrito autônomo e programático de seu papado.²⁰⁹ Expressa nele seu sonho de “uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à autopreservação” (EG 27).

“Poderíamos dizer que *Evangelii Gaudium* é uma mescla de *Gaudium et Spes* e *Evangelii Nuntiandi*, os dois documentos de maior transcendência no contexto da renovação conciliar”.²¹⁰ O primeiro abriu a Igreja para o mundo, através de uma postura de serviço e diálogo; “o segundo envia a Igreja a uma sociedade emancipada da tutela eclesial, para depois, explicitar a Boa-Nova, na gratuidade, numa relação propositiva. Na evangelização não há destinatários; há interlocutores”.²¹¹ A exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi* (1975), sobre “a evangelização no mundo contemporâneo”, escrita por Paulo VI, foi citada 12 vezes na *Evangelii Gaudium*.

²⁰⁷ “A *Evangelii Gaudium*, a exemplo da *Evangelii Nuntiandi* e da *Redemptoris Missio* se encerra com um capítulo sobre a espiritualidade evangelizadora”. (SIQUEIRA, D. L. *Evangelii Gaudium*: por um novo dinamismo evangelizador na Igreja. 13 de maio de 2014. Disponível em: <www.diocese.sjc.org/evangelii-gaudium-por-um-novo-dinamismo-evangelizador>. Acesso em: 6 jul. 2014).

²⁰⁸ Ibid.

²⁰⁹ SUESS, P. [*Papa Francisco*]: vinho e vinagre na alegria do Evangelho. 6 de dezembro de 2013. Disponível em: <http://www.adital.com.br/site/noticia_imp.asp?lang=PT&img=N&c...>. Acesso em: 16 mar. 2014.

²¹⁰ BRIGHENTI, A. *Intuições básicas do perfil da Igreja que o Papa Francisco sonha*. Disponível em: <http://www.diocesetb.org.br/detalhes_artigos/223>. Acesso em: 8 jul. 2014.

²¹¹ Ibid.

Sem sombra de dúvidas, está muito presente o Documento de Aparecida,²¹² que o próprio Bergoglio ajudara a compor, não só nas discussões e decisões da V Conferência do CELAM, mas principalmente como presidente da redação do mesmo documento. Aliás, a presença e a reflexão latino-americanas na exortação aparecem em mais de 15 citações explícitas ou em notas do texto. Várias citações implícitas também são encontradas no documento.²¹³

2.4 O DOCUMENTO

Todo pontificado reflete a personalidade do seu respectivo papa, bem como as circunstâncias do seu momento histórico. Partindo de tais considerações, tenta-se nesta pesquisa, conhecer melhor o autor da *Evangelii Gaudium*, para que suas propostas sejam melhor interpretadas.

2.4.1 O autor

Jorge Mario Bergoglio nasceu na capital argentina, em 17 de dezembro de 1936, no seio de uma família católica. Ele é o filho mais velho de Mario e Regina Maria. O casal teve cinco filhos, somente Maria Elena está viva, além do papa. Na época de seu nascimento, já havia prenúncios dos tempos sombrios da iminente Segunda Guerra Mundial.

Aos 20 anos, Jorge é acometido de grave enfermidade, submetido a uma cirurgia em que lhe extirparam parte do pulmão. Tornou-se um verdadeiro argentino inserido nos costumes de sua cidade. Viveu toda infância na cidade de Flores e foi aluno no colégio salesiano. Graduou-se como técnico químico, trabalhou no Laboratório Hickethier-Bachmann. Optou pelo presbiterato aos 21 anos de idade, entrando no Seminário de Villa Devoto, em Buenos Aires. Em 1958, passou ao noviciado da Companhia de Jesus e foi estudar Humanidades no Chile. Com 33 anos, em 1969, foi ordenado presbítero. Foi eleito em 1973 provincial da Argentina, cargo que ocupou por seis anos. Durante esse serviço religioso, como

²¹² Afirma Monsenhor Amado que para “encontrarmos o coração da *Evangelii Gaudium* não podemos separar o autor do documento, o Papa Francisco da sua história de vida. Nessa história, a Conferência de Aparecida ocupa um lugar especial. O núcleo da proposta de Aparecida é recomeçar a partir de Jesus. (AMADO, J. P. *Teólogos refletem sobre a Evangelii Gaudium*. Disponível em: <file:///C:/Users/User/App Data/Local/Temp/Lo w/JF0V5Q0B.htm>. Acesso em: 08 jul. 2014).

²¹³ LIMA, L. A. *A alegria do Evangelho. Exortação Apostólica. Cap. III: o anúncio do Evangelho*. Disponível em: <www.cnbsul1.org.br/.../EVANGELII-GAUDIUM-Luiz-A-Lima-o4-05-...>. Acesso em: 4 jul. 2012.

Provincial dos jesuítas, sofreu com o golpe militar e a ditadura instaurada em 24 de março de 1976.²¹⁴ Durante esse período, ajudou a salvar pessoas perseguidas e intercedeu por muitos presos políticos.²¹⁵

No dia 27 de junho de 1992, com 55 anos, foi sagrado bispo na catedral portenha. Seu lema episcopal era: “*Miserando atque elegendo*” [Olhou-o com misericórdia e o escolheu].²¹⁶ A frase provém de uma homilia de São Beda: “Jesus viu o publicano, e o viu com misericórdia e o escolheu, e lhe disse: ‘Siga-me’”.

Foi nomeado cardeal-presbítero em 2001, e participou do Conclave de 12 e 13 de março de 2013, onde foi eleito papa, com 76 anos de idade. Ao ser eleito Bispo de Roma, tomou o nome de Francisco.²¹⁷ Já eleito papa, ao ser entrevistado por Spadaro, este o questionou: “Quem é Jorge Mario Bergoglio?” “Eu sou um pecador [...]. Sou um pecador para quem o Senhor olhou. [...] Sou alguém que é olhado pelo Senhor”.²¹⁸

Questionado sobre que ponto da espiritualidade inaciana o ajuda a viver melhor seu ministério, Francisco respondeu: “O discernimento [...]. O discernimento é uma das coisas que Santo Inácio mais trabalhou interiormente”.²¹⁹ Mais adiante dirá que: “O estilo da Companhia nunca é o da discussão, mas o do discernimento, que obviamente pressupõe a discussão no processo”.²²⁰

Narra para o teólogo que o entrevistou os tempos difíceis vividos e disse que Padre Arrupe, homem de muita oração, é quem lhe dava segurança. Relata sobre figuras que o marcaram bastante, citando Inácio e Francisco Xavier, detendo-se na figura do Beato Pedro Fabro. Confessou que teve no passado um modo autoritário de tomar decisões que lhe criou muitos problemas, mas, que com o tempo, “aprendi muitas coisas. O Senhor permitiu esta pedagogia de governo, mesmo através dos meus defeitos e dos meus pecados”.²²¹ Referia-se ao tempo que tinha sido provincial na Companhia.

²¹⁴ ALTEMEYER, F. Os muitos partos do Bispo de Roma. In: PASSOS, J. D.; SOARES, A. M. L. (Org.). *Francisco: renasce a esperança*. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 110-115.

²¹⁵ SCAVO, em sua obra *A lista de Bergoglio*, prefaciada por Adolfo Pérez Esquivel, prêmio Nobel da Paz, elenca uma série de pessoas salvas por Francisco com importantes depoimentos e profundo agradecimento por ainda se encontrarem vivas, graças à sua ação. (SCAVO, N. *A lista de Bergoglio*. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2013).

²¹⁶ ALTEMEYER, F. Os muitos partos do Bispo de Roma. In: PASSOS, J. D.; SOARES, A. M. L. (Org.). *Francisco: renasce a esperança*. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 115.

²¹⁷ *Ibid.*, p. 117.

²¹⁸ SPADARO, A. *Entrevista exclusiva do Papa Francisco*, p. 8.

²¹⁹ *Ibid.*, p. 10.

²²⁰ *Id.*, p. 12.

²²¹ *Id.*, p. 15.

Em relação à Igreja ele a sente como mãe, fecunda. “Devemos ‘sentir’ que é a casa de todos, não uma pequena capela que só pode conter um grupinho de pessoas”.²²²

Spadaro perguntou ao papa o que realizou o concílio e o que foi ele. “O Vaticano foi uma releitura do Evangelho à luz da cultura contemporânea. Os frutos são enormes [...], é absolutamente irreversível”.²²³ O que considera “preocupante é o risco de ideologização do *Vetus Ordo*, a sua instrumentalização”.²²⁴

Quanto aos livros escritos por Jorge Mario Bergoglio, destacam-se: *Sobre o céu e a terra*;²²⁵ *Educar: exigência e paixão*; *Educar: escolher a vida*;²²⁶ *Propostas para tempos difíceis*; *Sobre a acusação de si mesmo*;²²⁷ e *Corrupção e pecado: Algumas reflexões a respeito da corrupção*.²²⁸ A obra *Sobre o céu e a terra* é escrita pelo então cardeal Jorge Mario Bergoglio em coautoria com o Rabino Abraham Skorka. Trata-se de diálogos travados entre os dois líderes religiosos sobre temas de grande interesse teológico: Deus, fundamentalismo, ateísmo, morte e holocausto. Foram abordados, ainda a homossexualidade e o capitalismo. Os dois incentivadores do diálogo inter-religioso, através de conversas, buscam construir horizontes comuns, diluindo as particularidades que as caracterizam.²²⁹

Vai se revelando o Papa Francisco através de seu jeito de ser, de escrever, de falar, de vestir, de morar e de rezar. À medida que leem-se seus escritos, estuda-se sua exortação apostólica, acompanham - se suas viagens através da mídia, seus encontros com líderes de outras religiões; toma - se consciência de seus sonhos e renasce em cada um a esperança de que as luzes sobrepujarão as trevas na Igreja.

A propósito, através da *Evangelii Gaudium*, percebe-se que o sonho do Papa Francisco

²²² SPADARO, A. *Entrevista exclusiva do Papa Francisco*, p. 18.

²²³ *Ibid.*, p. 25.

²²⁴ *Id.*, p. 25-26.

²²⁵ ABRAHAM, S.; BERGOGLIO, J. M. *Sobre o céu e a terra*.

²²⁶ Nas obras *Educar: exigência e paixão* e *Educar: escolher a vida*, o foco são os educadores, que têm como grande desafio formar bons homens e mulheres para o futuro. Como tal, a tarefa não é fácil, o Papa Francisco discorre sobre a importância dessa profissão, apesar de suas dificuldades. Os livros oferecem orientações e roteiro de estudos para os educadores, sempre ressaltando a importância da fé e os ensinamentos de Jesus. (BERGOGLIO, J. M. *Sobre a acusação de si mesmo*).

²²⁷ No livro *Sobre a acusação de si mesmo*, o autor aborda sobre o mal que a fofoca causa à Igreja, pois essa não é somente um mero comentário: passa para a agressão do coração. “Cria que tudo que acontece conosco, até os menores detalhes, vem da Providência de Deus, e suportará sem impaciência tudo que lhe vier. Acredite que o desprezo e os ultrajes são remédios para o orgulho de sua alma e rogue pelos que o maltratam, considerando-os verdadeiros médicos. Convença-se de que quem abomina a humilhação abomina a humildade e que aquele que evita as pessoas irritantes foge da doçura”. (*Ibid.*, p. 34).

²²⁸ PORTAL JESUITAS BRASIL. Disponível em: <http://www.jesuitasbrasil.com/jst/conteudo/visualiza_1o12.php?pag=;portaljesuitas;paginas;visualiza_1o1...>. Acesso em: 30 jul. 2014.

²²⁹ ABRAHAM; BERGOGLIO, op. cit.

é “de ter uma Igreja que respire com os dois pulmões, no que diz respeito à missão e à justiça, unindo sua preocupação pela pobreza tanto espiritual quanto a de carne e osso”.²³⁰

2.4.2 Características do documento

Com a *Evangelii Gaudium* do papa, voltou a reflexão sobre a *alegria* como desejo de reforma, pressuposto de conversão e autocrítica (EG 14), verdadeiro convite não somente a “todos os que invocam o nome de Cristo”, mas voltado a toda a humanidade, segundo a Constituição *Gaudium et Spes*. Segundo Suess, a *Gaudium et Spes* (“Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo de hoje”) poderia figurar como subtítulo da exortação de Francisco. Aliás, os documentos eclesiais falarem em alegria não é novidade. Paulo VI, em sua exortação apostólica sobre a alegria cristã [*Gaudete in Domino*], retomou, durante o Ano Santo de 1975, a universalidade da alegria da *Gaudium et Spes* “para todo o povo” (AC III,2).²³¹

Também o *Documento de Aparecida*, várias vezes citado nesse documento, faz referência à alegria do discípulo missionário. “Portanto, a missão deve ser acompanhada da alegria. Podemos dizer que a alegria pertence à pedagogia da missão”.²³²

A *Evangelii Gaudium* poderia ser uma simples exortação apostólica pós-sinodal, semelhante a outras tantas, mas não é. Na realidade, é um documento-chave do pontificado de Francisco, a rota que sugere os caminhos para a caminhada da Igreja nos próximos anos; quase a profecia de uma profunda renovação proposta a todos os cristãos. “Um texto operacional capaz de sacudir todas as instâncias e todas as dinâmicas da Igreja; um convite a emancipar-se de tudo o que entorpece a missão de anunciar o coração palpitante do Evangelho entre os homens”.²³³

O papa sabe que “hoje os documentos não despertam o mesmo interesse diante das ‘enormes e velozes’ mudanças culturais, é preciso “tentar expressar as verdades de sempre em uma linguagem que permita reconhecer a sua permanente novidade” (EG 45). Daí, se tudo na Igreja deve ser feito em chave missionária, “isso se aplica também à maneira de comunicar a mensagem” (EG 34), iniciando pela própria *Evangelii Gaudium*. Uma das características que

²³⁰ ALLEN JR., J. L. *O “I have a dream” do Papa Francisco*. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/526128-o-qi-have-a-dreamq-do-papa-francisco>>. Acesso em: 8 jul. 2014.

²³¹ SUESS, P. *Vinho e vinagre na alegria do Evangelho*. Disponível em: <http://www.adital.com.br/site/noticia_imp.asp?lang=PT&img=N&c...>. Acesso em: 16 mar. 2014.

²³² *Ibid.*, p. 7.

²³³ VALENTE, G. Francisco: a alegria do Evangelho para reformar a Igreja. *Vatican Insider*, 25 nov. 2013. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/526064->>. Acesso em: 6 jul. 2014.

chamam a atenção é a forma e a linguagem utilizadas pelo papa na exortação para falar sobre o anúncio do Evangelho: “É uma linguagem compreensível que todos entendem”.²³⁴

A maneira de se comunicar, verificada no texto, envolve, primeiramente, um processo dialogal. Para escrever o texto, “consultei várias pessoas” (EG 16), afirma o Papa Francisco. Desperta, então, um elemento dialogal inovador do documento: no texto, o papa não quer substituir os episcopados, mas procura dialogar com eles através de vários documentos de outras Conferências Episcopais. O papa se coloca em companhia dos bispos da América Latina (EG 15), da África (EG 62), da Ásia (EG 62), dos Estados Unidos (EG 64; 220), da França (EG 66; 174), da Oceania (EG 27; 118), do Brasil (EG 191), das Filipinas (EG 215), do Congo (EG 230) e da Índia (EG 250).

Existem outros interlocutores que se destacam: os papas Bento XVI (citado oito vezes), Paulo VI (cinco vezes), João Paulo II (cinco vezes) e João XXIII (uma vez); os santos Tomás de Aquino (14 vezes), Agostinho (duas vezes), João da Cruz (duas vezes), Francisco de Assis (duas vezes), Pedro Fabro (uma vez) e Juan Diego (uma vez); os evangelistas Mateus (26 vezes), João (25 vezes), Lucas (23 vezes) e Marcos (14 vezes); o teólogo ítalo-alemão Romano Guardini (uma vez), com quem iniciou uma tese de doutorado na Universidade de Filosofia e Teologia Santkt Georgen, em Frankfurt, na Alemanha (1980) e Madre Tereza de Calcutá (uma vez).²³⁵

Além dessa dimensão dialogal, o Papa Francisco propõe que se preste especial atenção à via da beleza [*via pulchritudinis*] (EG 167). Afirma o papa que o grande desafio do anúncio da fé nos dias de hoje é comunicá-la em uma “nova linguagem parabólica”, sendo necessário “ter a coragem de encontrar os novos sinais, os novos símbolos, uma nova carne para a transmissão da Palavra, as diversas formas de beleza que se manifestam em diferentes âmbitos culturais” (EG 167). Nesse particular “Francisco é pródigo no dizer e fazer por meio de novas parábolas e figuras de linguagem que ajudam a aprofundar a reflexão”.²³⁶

Ainda em relação à linguagem do Papa Francisco, à guisa de curiosidade, dentre as palavras mais usadas e repetidas no texto, destacam-se: Deus (249 vezes), Igreja (208 vezes); vida (205 vezes); Jesus (132 vezes); todos (131 vezes); outros (119 vezes); povo (115 vezes);

²³⁴ NOCETI, S. *Francisco e a Igreja que virá: a análise dos especialistas*. Disponível em: <file:///C:/Users/User/AppData/Local/Temp/Low/ZYAF0NA5.htm>. Acesso em: 4 jul. 2014.

²³⁵ SBARDELOTTO, M. *Um estilo evangelizador: o horizonte eclesial da Evangelii Gaudium*. Disponível em: <file:///C:/Users/User/AppData/Local/Temp/Low/VU62LHDV.htm>. Acesso em: 04 jul. 2014.

²³⁶ Ibid.

Evangelho (110 vezes); fé (108 vezes) e Cristo (103 vezes). “Apenas pela repetição e centralidade desses termos já é possível entrever a visão da experiência e da comunidade cristãs que permeia o papado de Francisco”.²³⁷

Quanto ao conteúdo, o papa aborda praticamente tudo: bem comum, economia, ciência, tecnologia, antropologia, política, ecologia, linguagem, religiões. Além de trazer esboços concretos a respeito de temáticas pertinentes ao mundo contemporâneo: violência, exclusão, paz, exploração, diálogo, liberdade e outros. Ainda explorou o viés da psique humana e comportamentos sociais, como: individualismo, egoísmo, espiritualidade, perda de sentido e solidão. Temas do âmbito sociodemográfico também foram contemplados: mulheres, povos indígenas, jovens, vítimas de escravidão, ministros, consagrados, etc. Muitas pautas são contempladas, mais parece uma encíclica.²³⁸ Mas a *Evangelii Gaudium* é um texto amplo, não no sentido de *extensão*; possivelmente, sua finalidade seja a de “abrir uma porta para que a Igreja Católica olhe para fora de si mesma e tenha mais certeza em sua amplitude de horizonte cultural que em sua extensão de domínio”.²³⁹

2.4.3 O estilo evangelizador da *Evangelii Gaudium*

O documento apresenta muitas características a serem abordadas, porém este texto se limita a analisar apenas uma delas. Trata-se da sua *forma*, salientando que a *Evangelii Gaudium* “está muito embebida em um ponto extremamente relevante da sua ‘substância’ comunicativa: a tensão entre encontro, diálogo e anúncio”.²⁴⁰

Essa exortação nasce de uma reflexão sobre “a nova evangelização para a transmissão da fé cristã”, portanto, sobre o anúncio do Evangelho hoje. Citando Bento XVI, o Papa Francisco referiu: “Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo” (EG 7). Esse é o manancial da ação evangelizadora que segundo Francisco, “se alguém acolheu esse amor que lhe devolve o sentido da vida, como pode conter o desejo de comunicá-lo aos outros?” (EG 8).

²³⁷ SBARDELOTTO, M. *Um estilo evangelizador: o horizonte eclesial da Evangelii Gaudium*. Disponível em: <file:///C:/Users/User/AppData/Local/Temp/Low/VU62LHDV.htm>. Acesso em: 04 jul. 2014.

²³⁸ MONROY, F. *Reflexões sobre a Evangelii Gaudium: a revolução da ternura*. Disponível em: <http://www.aleteia.org/pt/religiao/conteudo-agregado/exortacao-apostolica-evangelii-gaudium-19034001>. Acesso em: 14 fev. 2014.

²³⁹ Ibid.

²⁴⁰ SBARDELOTTO, M. *Um estilo evangelizador: o horizonte eclesial da Evangelii Gaudium*. Disponível em: <http://www.unisinos.br/noticias/526339-um-estilo-evangelizador>. Acesso em: 16 mar. 2014.

É nesse encontro que se mantém o vigor da ação evangelizadora.²⁴¹ Não se trata de uma “heróica tarefa pessoal”, ou solidária, mas de uma “obra de Deus”, um anúncio que nasce e se mantém como encontro com esse grande Outro. “Jesus é ‘o primeiro e o maior evangelizador’. Em qualquer forma de evangelização, o primado é sempre de Deus” (EG 12). E Deus é sempre o Outro que nos surpreende, que se manifesta pela “liberdade incontável da Palavra, que é eficaz ao seu modo e sob formas tão variadas que muitas vezes nos escapam, superando nossas previsões e quebrando os nossos esquemas” (EG 22).

Assim, o anúncio do Evangelho se faz no encontro com os diversos outros. Daí a necessidade de uma “Igreja ‘em saída’, que vá ao encontro dos ‘outros’, [porque] “ninguém se salva sozinho, isto é, nem como indivíduo isolado, nem por suas próprias forças. Deus nos atrai, no respeito da complexa trama de relações interpessoais que a vida numa comunidade humana supõe” (EG 113).

Na trama das relações, ganham destaque, no horizonte eclesial, segundo o documento: os pobres, as mulheres e os migrantes.

Hoje e sempre, “os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho”²⁴² e a evangelização dirigida gratuitamente a eles é sinal do Reino que Jesus veio trazer. Há que afirmar sem rodeios que existe um vínculo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres. Não os deixemos jamais sozinhos! (EG 48).

Aparece no documento a recomendação: “É necessário que todos nos deixemos evangelizar por eles. A nova evangelização é um convite a reconhecer a força salvífica das suas vidas, e a colocá-los no centro do caminho da Igreja” (EG 198).

Um segundo *outro* são as mulheres, que, segundo a exortação, são “duplamente pobres”, diante das “situações de exclusão, maus-tratos e violência, porque frequentemente têm menores possibilidades de defender os seus direitos” (EG 212). Propõe que “é preciso ampliar os espaços para uma presença feminina mais incisiva na Igreja”, inclusive “nos vários lugares onde se

²⁴¹ O Papa Francisco dirigindo-se a bispos, sacerdotes, religiosos e seminaristas disse: “Somos chamados a promover a cultura do encontro”. Nesse “humanismo economicista que se impôs no mundo, ganhou espaço a cultura da exclusão, a ‘cultura do descartável’ [...]. “Às vezes parece que, para alguns, as relações humanas são regidas por dois ‘dogmas’ modernos: eficiência e pragmatismo”. Tenham “a coragem de ir contra a corrente dessa cultura [...]. Temos de ser servidores da comunhão e da cultura do encontro. Quero vocês quase obsessivos neste aspecto!” (PAPA FRANCISCO; VIGINI, G. (Org.). *A Igreja da misericórdia: minha visão para a Igreja*).

²⁴² BENTO XVI. *Discurso na Catedral da Sé em São Paulo*, 11 de maio de 2014. Disponível em: <http://www.vatican.va/...xvi/2007/.../hf_ben-xvi_spe_20070511_bishops-po.html>. Acesso em: 9 set. 2014.

tomam decisões importantes, tanto na Igreja, como nas estruturas sociais” (EG 103).²⁴³

Finalmente, um terceiro *outro* são os migrantes que, na visão do Papa Francisco, “representam um desafio especial para mim, por ser Pastor de uma Igreja sem fronteiras que se sente mãe de todos” (EG 210). O Papa faz uma exortação às comunidades para terem com esses irmãos uma “abertura generosa”, para que haja capacidade de valorização na criação de “novas sínteses culturais” (EG 210), porque “é preciso aceitar a alteridade na sua diferença”.²⁴⁴

A exortação apresenta o diálogo como sendo “a energia nuclear que irradia de todas as partes da *Evangelii Gaudium*”.²⁴⁵ Citando a *Ecclesiam Suam*, sobre o diálogo, que faz parte da conversão (EG 26), perpassa as dimensões pastorais (Cap. 3): a liturgia é “diálogo de Deus com o seu povo” (EG 137), a dimensão social da evangelização é dialógica (Cap. 4) como também as relações ecumênicas (EG 244-246), as relações com o judaísmo (EG 247-249) e as relações inter-religiosas (EG 250-254).

Ademais, o diálogo pastoral é um “processo participativo” visando não somente à participação da Igreja, mas também da humanidade (EG 31). São considerados no documento três campos de diálogo: “O diálogo com os Estados, com a sociedade – que inclui o diálogo com as culturas e as ciências – e com os outros crentes, que não fazem parte da Igreja Católica” (EG 238). Esse processo exige “uma profunda humildade social” (EG 240).

No seu estilo evangelizador, a *Evangelii Gaudium* mostra como o anúncio consiste na partilha de uma alegria e a indicação de um horizonte (EG 14; 11). É necessário que esse anúncio “exprima o amor salvífico de Deus como prévio à obrigação moral e religiosa, que não imponha a verdade, mas faça apelo à liberdade, que seja pautado pela alegria, pelo estímulo, pela vitalidade e por uma integralidade harmoniosa que não reduza a pregação a poucas doutrinas” (EG 165). Dessa forma, não forçando nem excluindo ninguém, o anúncio é universal e aberto ao mundo. Esse anúncio simplifica a doutrina e “se concentra no essencial, no que é mais belo, mais importante, mais atraente e, ao mesmo tempo, mais necessário” (EG 35).

O essencial do Cristianismo é Jesus Cristo: “Não pode haver verdadeira evangelização sem o anúncio explícito de Jesus como Senhor” (EG 110). O caráter trinitário faz parte do

²⁴³ PAPA FRANCISCO; VIGINI, G. (Org.). *A Igreja da misericórdia: minha visão para a Igreja*.

²⁴⁴ SBARDELOTTO, M. *Um estilo evangelizador: o horizonte eclesial da Evangelii Gaudium*. Disponível em: <<http://www.unisinos.br/noticias/526339-um-estilo-evangelizador>>. Acesso em: 16 mar. 2014.

²⁴⁵ SUESS, P. Vinho com gotas de vinagre. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis: Faculdade de Teologia; Instituto Teológico Franciscano, v. 74, n. 293, p. 171, jan./abr. 2014.

essencial do querigma, como o anúncio do amor de Deus faz parte do primeiro anúncio: “Jesus Cristo ama-te, deu sua vida para te salvar, e agora vive todos os dias para te iluminar, fortalecer, libertar” (EG 164). Tem parte central do *querigma* o conteúdo social:²⁴⁶ “No próprio coração do Evangelho, aparece a vida comunitária e o compromisso com os outros. O conteúdo do primeiro anúncio tem uma repercussão moral imediata, cujo centro é a caridade” (EG 177, 179, 258).

Todavia, o anúncio deve ser encarnado, pois “as obras de amor ao próximo são a manifestação externa mais perfeita da graça interior do Espírito”. E, com relação ao agir exterior, “a misericórdia é a maior de todas as virtudes” (EG 37). Ademais, a mensagem transversal dos escritos e da vida do Papa Francisco é a de que a Igreja não deve podar a misericórdia de Deus com a “tesoura” do legalismo, porém, não significa nem autocomplacência com vícios internos da Igreja nem autorreferencialidade de certo narcisismo teológico e pastoral.²⁴⁷

2.4.4 Visão panorâmica

A exortação é uma “verdadeira apostila missionária com imperativos e convites, dicas metodológicas e pedagógicas interligadas”,²⁴⁸ voltadas ao avanço da nova evangelização. Para se ter uma visão panorâmica da mesma, optou-se pela análise de alguns de seus núcleos estruturantes.

É bastante significativa, na vida do Papa Francisco, a atitude de misericórdia, que “insere-se no campo semântico mais amplo da justiça, do reconhecimento do outro, do serviço humilde e generoso de fraternidade, solidariedade e paz”:²⁴⁹ “A Igreja, guiada pelo Evangelho da Misericórdia e pelo amor ao homem, escuta o clamor pela justiça e deseja responder com todas as suas forças” (EG 188; cf. 183). A misericórdia é a resposta transversal de Deus à humanidade, pois “a salvação, que nos oferece, é obra da sua misericórdia” (EG 112). Essa misericórdia inabalável é sinônimo de fidelidade, de seu amor infinito (EG 37). “A Igreja deve ser o lugar da misericórdia gratuita, onde todos possam sentir-se acolhidos, amados, perdoados e animados segundo a vida boa do Evangelho” (EG 114).

²⁴⁶ SUESS, P. Vinho com gotas de vinagre. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis: Faculdade de Teologia; Instituto Teológico Franciscano, v. 74, n. 293, p. 168, jan./abr. 2014.

²⁴⁷ *Ibid.*, p. 161-162.

²⁴⁸ *Id.*, p. 163.

²⁴⁹ *Id.*

Da misericórdia como graça da salvação emerge a opção pelos pobres que, em primeiro lugar, é uma opção de Deus que “manifesta sua misericórdia antes de mais a eles” (EG 198). A alegria da salvação resplandece nos lugares de despojamento de nosso Salvador: no presépio, no rio Jordão, na casa de Nazaré, nos caminhos percorridos, na Cruz e na ressurreição.

O Papa Francisco propõe:

uma Igreja pobre para os pobres [...]. É necessário que todos nos deixemos evangelizar por eles. A nova evangelização é um convite a reconhecer a força salvífica das suas vidas, e a colocá-los no centro do caminho da Igreja. Somos chamados a descobrir Cristo neles (EG 198).

O anúncio e a transmissão da fé que o Evangelho propõe acontecem prioritariamente pela atratividade de gestos e não através do proselitismo das palavras:²⁵⁰ “A Igreja não cresce por proselitismo, mas ‘por atração’” (EG 14); e o dinamismo evangelizador atua “por atração” (EG 131).

O Papa Francisco é avesso ao “assédio espiritual” e à redução da religião a prescrições e castigos em razão do não cumprimento das “obrigações”. Ele prefere o discurso de testemunhas convencidas e convincentes da certeza de que Jesus e o Espírito Santo fazem o resto.²⁵¹

Ao falar de um povo com muitos rostos, o Papa Francisco toca no tema importante e difícil da inculturação e relê o célebre aforisma teológico: “A graça supõe a cultura e o dom de Deus se encarna na cultura de quem o recebe” (EG 115). Isso “não ameaça a unidade da Igreja”, nem “se pode pensar num cristianismo monocórdico” (EG 117). O papa atenta para o fato de que, “às vezes, na Igreja, caímos na sacralização da própria cultura, o que pode mostrar mais fanatismo do que autêntico ardor evangelizador” (EG 117).

“O núcleo das estruturas insere-se no campo semântico de relações fraternas que correspondem à mensagem do Evangelho e à organização de sua transmissão histórica”.²⁵²

²⁵⁰ O Papa Francisco questiona o discurso de convencimento com finalidade proselitista: “Vais convencer o outro a tornar-se católico? Não, não, não! Vai encontrar-te com ele, ele é teu irmão! E isto é o suficiente. E tu vais ajudá-lo; o resto é feito por Jesus, o Espírito Santo [...]. E talvez Jesus te indique o caminho para te encontrares com quem tem maior carência, teu coração começará a aumentar, a crescer, a dilatar-se! Pois o encontro multiplica a capacidade de amar”. (FRANCISCO, P. Videomensagem. *Boletim da Sala de Imprensa da Santa Sé*, 7 ago. 2013).

²⁵¹ SUESS, P. Vinho com gotas de vinagre. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis: Faculdade de Teologia; Instituto Teológico Franciscano, v. 74, n. 293, p. 166, jan./abr. 2014.

²⁵² *Ibid.*, p. 169.

Nesse núcleo, pode-se ressaltar palavras-chave, como: relações entre Igreja local e universal, relações entre Povo de Deus e pastores, estruturas hierárquicas e ministeriais, colegialidade e gênero, Igreja sedentária e caminho, centralização e descentralização.

Ressalta o papa que “não se deve esperar do magistério papal uma palavra definitiva ou completa sobre todas as razões que dizem respeito à Igreja e ao mundo” (EG 16). Não sendo conveniente “que substitua os episcopados locais no discernimento de todas as problemáticas que se apresentam em seus territórios” (EG 16). Há necessidade de descentralização e desburocratização do poder concentrado em Roma. Nesse passo, o Papa Francisco usa a expressão “conversão do papado”,²⁵³ para poder manter fidelidade ao ministério incumbido por Jesus Cristo e “às necessidades atuais da evangelização” (EG 32). Francisco sabe que, para ocorrer “uma nova etapa evangelizadora” (EG 17), são necessárias pessoas livres e responsáveis e não pessoas tuteladas.²⁵⁴

Retomando esses elementos, o atual papa quer imprimir à Igreja uma verdadeira conversão pastoral, ou seja, quer favorecer elementos de mudança que são cruciais para tornar a experiência eclesial mais autêntica, simples e aberta em prol da missão evangelizadora (EG 27).

Em 13 de abril de 2013, foi criado pelo papa um grupo de oito cardeais para que o aconselhem no governo da Igreja e para que estudem um projeto de reforma da cúria romana. O grupo é constituído por cardeais representantes dos cinco continentes: o italiano Giuseppe Bertello, o chileno Francisco Javier Errázuriz Ossa, o indiano Oswald Gracias, o alemão Reinhard Marx, o congolês Lauren Monsengwo Pasinya, o estadunidense Sean Patrick O’Malley, o australiano George Pell e o hondurenho Oscar Andrés Rodríguez Maradiaga, que terá a função de coordenador.²⁵⁵

²⁵³ Segundo *Magister*, Bento XVI, quando ainda era Cardeal Ratzinger, chegou a afirmar em uma entrevista intitulada “Informe sobre a fé”, em 1985, que não concordava que “a Igreja católica se convertesse em ‘uma espécie de federação de Igrejas nacionais’”. Ao que parece, o Papa Francisco não dá tanto peso às reticências dos papas que o precederam: João Paulo II e Bento XVI. (SANSON, C.; LANGER, A. *Conjuntura da semana: Evangelii Gaudium: o programa de um pontificado*. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/cepat/cepat-conjuntura/526592-conjuntura-da-semana-evangelii-gaudium-o-pontificado>>. Acesso em: 8 jul. 2014).

²⁵⁴ O Papa Francisco em entrevista à revista *La Cività Cattolica*, afirmou: “Os discatérios romanos estão a serviço do Papa e dos bispos: têm que ajudar as Igrejas particulares e as conferências episcopais. São instâncias de ajuda [...]. Os discatérios romanos são mediadores, não intermediários nem gestores” (Ibid.).

²⁵⁵ METALLI, A. As reformas de Francisco com o “método Guadalupe”. *Vatican Insider*, 19 de maio de 2013. Disponível em: <<file:///C:/Users/User/AppData/Local/Temp/LOW/OYVB51US.htm>>. Acesso em: 10 maio 2014.

2.5 A METODOLOGIA

A *Evangelii Gaudium* é, efetivamente, a carta programática do pontificado de Jorge Mario Bergoglio. É um documento difícil por sua forma, pois não é idêntica a nenhum dos cânones do magistério eclesiástico. “Encontramos uma mentalidade arraigada no empirismo pastoral, que integra as circunstâncias concretas dentro de uma compreensão estruturada e fundamental do Evangelho”.²⁵⁶ Aliás, essa mentalidade, muitas vezes, promove riscos de mal-entendidos, quando algumas afirmações são tomadas pelos meios de comunicação massivos como aforismos autônomos e transformados em chaves interpretativas globais do pontificado atual.

É um método simples porque é franco, é plaino; torna-se simples porque constantemente há referências a situações concretas, mais do que a abstrações. Torna-se complexo porque apresenta um conjunto de conceitualizações. Os comentários feitos pelo papa, situam-se não simplesmente em perspectivas unidirecionais que correspondem à mentalidade encontrada na lógica do silogismo. Francisco é um pensador sistemático. Ele tende a pensar holisticamente. Seu pensamento está sempre situado pastoralmente, nunca no abstrato. Todavia, “vê e examina as questões que o obrigam a se concentrar em uma forma de visão integral que é complexa”.²⁵⁷

Nesse sentido, existe também uma tensão bipolar entre a ideia e a realidade: a realidade simplesmente é; a ideia elabora-se. O fundamento do que o papa diz é que há uma tensão entre o mundo conceitual e o prático, e que essa tensão nos convida a dialogar. Porém, o pontífice desce ao plano da realidade, ao dizer que “a realidade é superior à ideia” (EG 231). Pode parecer que há um desacordo na sua ênfase sobre a tensão e sobre o diálogo. Ocorre que, na *realidade* não há um desvio dos pontos de tensão e diálogo, é uma aproximação que provém do Evangelho, primeiramente mais arraigado na *realidade* do que nas ideias.

Codina resume o método do papa defendendo que

não é outra coisa que traduzir o evangelho para o mundo de hoje; estar mais preocupado com a fome no mundo do que com problemas intraclesiais; fazer com que a Igreja seja um sinal de perdão e de misericórdia de Deus, uma Igreja pobre e dos pobres, deve tornar-se um hospital de campanha que cura feridas; que deve sair às ruas, ir às fronteiras existenciais mesmo com o perigo de acidentes; que respeite

²⁵⁶ MAGISTER, S. *Alegria e dores do magistério de Francisco*. Disponível em: <<http://www.iuh.unisinos.br/noticias/530405-alegria-e-dores-do-magisterio-de-francisco>>. Acesso em: 31 jul. 2014.

²⁵⁷ Ibid.

os leigos e a dignidade das mulheres; que viva em uma atmosfera de diálogo com todas as confissões religiosas sem proselitismo buscando acima de tudo o bem da humanidade; que respeite a consciência de cada pessoa que é a que deve optar pelo bem; que não se centre obsessivamente em temas morais, mas anuncie a boa notícia da salvação em Cristo; que caminhe com os outros em meio às diferenças, em espírito fraterno; que reconheça que todos somos filhos e filhas do mesmo Pai e irmãos e irmãs, uma Igreja com entranhas maternais de misericórdia, que reflete a ternura de Deus e cuide da criação... que não se grite nem se aclame o Papa Francisco, mas Jesus.²⁵⁸

A forte contribuição da *Evangelii Gaudium* é a forma como demonstra um método holístico que tem diversas aplicações para a vida e ao comunicar a alegria do Evangelho. Trata-se de um verdadeiro chamado à caridade.²⁵⁹ “Francisco optou pelo método de Jesus que falava em parábolas e dava sinais do Reino: curar enfermos, alimentar o povo faminto, comer com pecadores, lavar os pés dos seus discípulos...”²⁶⁰

2.6 A TEOLOGIA DA *EVANGELII GAUDIUM*

O papa atual propõe algumas diretrizes a fim de encorajar e orientar toda a Igreja numa nova etapa evangelizadora. Baseando-se na doutrina da constituição *Lumen Gentium*, decide-se por se deter amplamente nas seguintes questões: a reforma da Igreja em saída missionária; as tentações dos agentes pastorais; a Igreja vista como totalidade do povo de Deus que evangeliza; a inclusão social dos pobres; a paz e o diálogo social; as motivações espirituais para o compromisso missionário (EG 17).

A intenção desse papa é evidenciar “a relevante incidência prática desses assuntos na missão atual da Igreja” (EG 18). A exortação não tem por primeira preocupação apresentar o ponto de vista teológico; seu intuito pastoral está em primeiro lugar. A teologia do documento é muito mais implícita do que explícita. “A Cristologia e a eclesiologia estão subjacentes e coerentes com o pensar teológico recente, tanto mundial quanto latino-americano”.²⁶¹ Não há uma teologia sistematizada, como se observa em outros documentos do Magistério da América Latina, como Medellín, Puebla e Santo Domingo. Trata-se de uma teologia que

²⁵⁸ CODINA, V. *Um novo clima pastoral*. Disponível em: <file:///C:/User/AppData/Local/Temp/Low/9TVZ9WZA.htm>. Acesso em: 25 jul. 2014.

²⁵⁹ MAGISTER, S. *Alegria e dores do magistério de Francisco*. Disponível em: <http://www.iuh.unisinos.br/noticias/530405-alegria-e-dores-do-magisterio-de-francisco>. Acesso em: 31 jul. 2014.

²⁶⁰ CODINA, op. cit.

²⁶¹ HACKMANN, G. L. B. O referencial teológico do *Documento de Aparecida*. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 37, n. 157, p. 326, set. 2007.

perpassa todo o documento e está em sintonia com a tradição teológica da América Latina.²⁶²

O grande cerne da inspiração papal apresentada constantemente na *Evangelii Gaudium* é que a Igreja faça a experiência do “Ide, pois, fazer discípulos entre todas as nações, batizai-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. – Ensinai-os a observar tudo o que vos tenho ordenado” (Mt 28, 19-20); (EG 19). Nos dias de hoje, semelhantemente à Igreja primitiva, é necessário uma Igreja em *saída*, que saia de si mesmo, uma comunidade de discípulos missionários que venha a se *aprimorar*, se envolver, acompanhar, frutificar e festejar (EG 25). Assim como Jesus, que lançava a semente da Boa Nova e o Espírito levava-a para outras aldeias, é palavra que “possui, em si mesma, uma tal potencialidade que não a podemos prever”. A Igreja deve aceitar a liberdade incontrolável dessa Palavra, que, muitas vezes, de modos e formas variadas, “escapam, superando nossas previsões e quebrando nossos esquemas” (EG 22).

O Papa Francisco destaca nesse documento que “não podemos pretender que todos os povos dos vários continentes, ao exprimir a fé cristã, imitem as modalidades adotadas pelos povos europeus em um determinado momento da história” (EG 118). Afinal, não se pode confinar a fé dentro dos limites de compreensão e expressão duma cultura (EG 118). “É indiscutível que uma única cultura não esgota o mistério da redenção de Cristo” (EG 118).

Citando São Francisco de Assis e Madre Teresa de Calcutá, o papa fundamenta a sua missão sobretudo no amor:

Quem ousaria encerrar num templo e silenciar a mensagem de São Francisco e da Bem-Aventurada Tereza de Calcutá? Eles não o poderiam aceitar. Uma fé autêntica – que nunca é cômoda nem individualista – comporta sempre um profundo desejo de mudar o mundo, transmitir valores, deixar a terra um pouco melhor depois da nossa passagem por ela (EG 183).

A exortação apostólica “possui um significado programático” com “consequências importantes”. Suas expectativas são de que “todas as comunidades se esforcem por atuar os meios necessários para avançar no caminho duma conversão pastoral e missionária”. Afinal, “as coisas não podem ficar como estão [...], não nos serve uma “simples administração”. Urge que nos mantenhamos em “estado permanente de missão” (EG 25). Nesse sentido, o Concílio Vaticano II mostrou a “conversão eclesial como a abertura a uma reforma permanente de si mesma por fidelidade a Jesus Cristo” (EG 26). A Igreja peregrina, como instituição humana e

²⁶² HACKMANN, G. L. B. O referencial teológico do *Documento de Aparecida. Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 37, n. 157, p. 326, set. 2007.

terrena, “necessita perpetuamente desta reforma” (EG 26). Sem tal reforma, a Igreja cairá numa “espécie de introversão eclesial” (EG 27).

É evidenciado que numa pastoral em chave missionária, “o anúncio concentra-se no essencial, sem “com isso perder profundidade e verdade”, tornando-se “mais convincente e radiosa” (EG 35). Ademais, dentre as verdades reveladas, há aquelas que são consideradas mais importantes por exprimir mais o coração do Evangelho, sobressaindo como núcleo fundamental “a beleza do amor salvífico de Deus manifestado em Jesus Cristo morto e ressuscitado”.²⁶³ Assim, uma pastoral em chave missionária “não está obsesionada pela transmissão desarticulada de uma imensidade de doutrinas que se tentam impor à força de insistir” (EG 35).

Todavia, antes de mais nada, “deve-se dizer que, no anúncio do Evangelho, é necessário que haja uma proporção adequada” (EG 38). Haverá desproporção “quando se fala mais da lei que da graça, mais da Igreja que de Jesus Cristo, mais do Papa que da Palavra de Deus” (EG 38). É preciso que não se deixe perder o *frescor* e o *perfume* do Evangelho²⁶⁴ (EG 39).

Lembra o documento, que há “normas ou preceitos eclesiais, que podem ter sido muito eficazes noutras épocas, mas que já não têm a mesma força educativa como canais de vida” (EG 43). Santo Tomás de Aquino destacava que os preceitos dados por Cristo e pelos apóstolos ao Povo de Deus são pouquíssimos. Além disso, é preciso “acompanhar, com misericórdia e paciência, as possíveis etapas de crescimento das pessoas, que se vão construindo dia após dia” (EG 44). O compromisso evangelizador “se move por entre as

²⁶³ O Concílio Vaticano II afirmou: “Existe uma ordem ou hierarquia das verdades da doutrina católica, já que o nexos delas com o fundamento da fé cristã é diferente”(UR 11). “Isto é válido tanto para os dogmas da fé como para o conjunto dos ensinamentos da Igreja, incluindo a doutrina moral” (EG 36). Citando Tomás de Aquino, o papa repete que no âmbito específico das ações exteriores, a maior das virtudes morais para a inteligência humana iluminada pela fé é a misericórdia (EG 37). Ademais, “a missão de anunciar a todos a alegria do Evangelho manifesta-se dentro dos limites humanos e toma em consideração as condições nas quais vivem os homens (marcada pelo pecado original e pelo fluxo dos condicionamentos que nos rodeiam)”. (VALENTE, G. Francisco: a alegria do Evangelho para reformar a Igreja. *Vatican Insider*, 25 nov. 2013. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/526064-francisco-a-alegria-do-evangelho-para-reformar-a-igreja>>. Acesso em: 6 jul. 2014). Recomenda-se a leitura do artigo “A Igreja e o Vaticano II”, de Lubomir Zak para aprofundamento sobre a hierarquia das verdades da doutrina católica. (ZAK, L. A Igreja e o Vaticano II. *Teocomunicação*, Porto Alegre: Edipucrs, v. 43, n. 1, p. 5-25, jan./jun. 2013).

²⁶⁴ Segundo o Papa Francisco, torna-se indispensável o crescimento da interpretação da Palavra revelada e a compreensão da verdade. Citando a *Dei Verbum*, evidencia a tarefa dos teólogos e exegetas que ajudam a “amadurecer o juízo da Igreja” (DV 12). É preciso muita atenção para “exprimir as verdades de sempre numa linguagem que permita reconhecer a sua permanente novidade” (EG 41). “A expressão da verdade pode ser multiforme. E a renovação das formas de expressão torna-se necessária para transmitir ao homem de hoje a mensagem evangélica no seu significado imutável”. (JOÃO PAULO II. Carta encíclica *Ut Unum Sint*, n. 19. In: PAPA FRANCISCO. *Exortação apostólica Evangelii Gaudium. A alegria do Evangelho*. CNBB, 2013).

limitações das linguagens e circunstâncias” (EG 45). Um coração missionário está consciente dessas limitações, daí fazer-se fraco “com os fracos” e tudo “para todos” (1 Cor 9,22).

2.6.1 Fundamentos bíblicos

“A alegria²⁶⁵ do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus” (EG 1). Essas palavras perpassam todas as atitudes que envolvem o processo da nova evangelização na exortação apostólica. Ocupando o centro dessa atividade evangelizadora e de toda renovação eclesial, encontra-se o *querigma* que é trinitário (cf. EG 164). “É o fogo do Espírito que se dá sob forma de línguas e nos faz crer em Jesus Cristo que, com sua morte e ressurreição, nos revela e comunica a misericórdia infinita do Pai” (EG 164). Quanto à fonte da evangelização, essa é encontrada na Palavra escutada, meditada, vivida, celebrada e testemunhada (EG 174).

A alegria de que trata a exortação apostólica é “uma alegria profunda, possível, até mesmo no sofrimento. É a alegria que envolve toda a História da Salvação. A Revelação de Deus, criador e salvador, provoca no homem uma alegria transbordante”.²⁶⁶ Trata-se de uma alegria trazida pelo Senhor da qual ninguém é excluído (GD 22). É a alegria da experiência, do encontro pessoal com Jesus Cristo, ou “pelo menos, a de tomar a decisão de se deixar encontrar por Ele, de O procurar dia a dia sem cessar” (EG 3).

Essa alegria da salvação está prenunciada nos livros do *Antigo Testamento*, mostrando que se tornaria superabundante nos tempos messiânicos. A *Evangelii Gaudium* cita os profetas Isaías, Zacarias e Sofonias. Nesse, encontra-se a exortação: “O Senhor teu Deus está ao teu lado como valente libertador! Por tua causa ele está contente e alegre, apaixonado por ti, por tua causa está saltando de alegria” (3,17). Trata-se da “alegria que se vive no meio das pequenas coisas da vida cotidiana, como resposta ao amoroso convite de Deus nosso Pai: ‘Filho, se tens posse, faze o bem a ti mesmo’ [...] ‘Não te prives do bem de um dia’ (Eclo 14, 11.14)” (EG 4). Vislumbra-se por trás dessas palavras uma profunda ternura paterna. “Este

²⁶⁵ De modo geral, a Cristologia da *Evangelii Gaudium*, como a do *Documento de Aparecida*, “se caracteriza pela alegria de ser discípulo missionário para anunciar o Evangelho de Jesus Cristo. A alegria para anunciar o Evangelho do Reino de Deus, a Boa-Nova, a boa-notícia. Pode-se perceber a manifestação da alegria messiânica, própria da chegada do Messias, conforme anunciado no Antigo Testamento. Essa Boa-Nova se caracteriza por ser a Boa-Nova da dignidade humana, da vida, da família, da atividade humana e do destino universal dos bens e a ecologia”. (HACKMANN, G. L. B. O referencial teológico do Documento de Aparecida. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 37, n. 157, p. 327, set. 2007).

²⁶⁶ SANTOS, B. B. *Evangelizar com Papa Francisco: comentário à Evangelii Gaudium*.

texto de Sofonias é, na realidade, um pequeno salmo que serviu de pano de fundo para Lucas narrar a anunciação de Maria”.²⁶⁷

A exortação prossegue convidando à alegria, através dos Evangelhos, em que resplandece a gloriosa Cruz de Cristo, e do livro dos *Atos dos Apóstolos* (EG 5). No Evangelho de Lucas, a vinda do Salvador cria um clima de alegria. O convite à alegria no *Novo Testamento* inicia-se com a saudação do anjo à Maria: “Alegra-te” (Lc 1,28). Prosseguindo com a alegria de Isabel pela visita de Maria, à qual responde com o seu Magnificat: “O meu espírito se alegra em Deus meu salvador” (Lc 1,47). Muitas outras citações a respeito estão presentes no documento.

“Também a missão traz alegria. Jesus se alegrou pelo sucesso da missão de seus discípulos (Lc 10,21). Sua mensagem é fonte de alegria”:²⁶⁸ “Manifestai-vos estas coisas, para que esteja em vós minha alegria, e a vossa alegria seja completa” (Jo 15,11). A introdução do documento conclui referindo-se à “doce e reconfortante alegria de evangelizar”. Logo, a missão deve ser acompanhada de alegria. “Pode-se dizer que a alegria pertence à pedagogia da missão”.²⁶⁹ Quem recebeu primeiro em si a alegria de Cristo, tem vontade de partilhá-la como a samaritana. Assim, não deveriam surpreender algumas frases do Apóstolo Paulo como: “O amor de Cristo nos impele” (2 Cor 5,14); “ai de mim, se eu não anunciar o evangelho”! (1 Cor 9,16).

Encontra-se no Evangelho, que, quando os discípulos saíam a pregar, “o Senhor os ajudava e confirmava sua palavra” (Mc 16,20). Hoje, a mesma coisa acontece. Todos os cristãos são convidados a descobri-lo e a vivê-lo. Todos somos convidados à missão evangelizadora. A ressurreição não é algo do passado; contém uma força de vida que penetrou no mundo, e cada evangelizador é um instrumento desse dinamismo (EG 276).

Porque a ressurreição do Senhor já penetrou na trama oculta desta história, “porque Jesus não ressuscitou em vão, não fiquemos à margem desta marcha da esperança viva!” (EG 278). Vamos todos assumir, “no meio do nosso trabalho diário” (EG 18), a exortação da Palavra de Deus: “Alegrai-vos sempre no Senhor! Repito, alegrai-vos!” (Fl 4,4).

²⁶⁷ SANTOS, B. B. *Evangelizar com Papa Francisco: comentário à Evangelii Gaudium*, p. 8.

²⁶⁸ *Ibid.*, p. 8.

²⁶⁹ *Id.*

2.6.2 A eclesiologia da *Evangelii Gaudium*

Segundo Cavaca, o pontificado é a expressão viva de uma eclesiologia particular, e isso se faz mais claro no do Papa Francisco. O fio condutor de toda eclesiologia presente na exortação é a face evangelizadora da Igreja. A eclesiologia do Papa Francisco só pode ser lida considerando duas dimensões eclesiológicas que emanam do Vaticano II e da Conferência de Aparecida e, conseqüentemente, de suas aspirações também.

“O concílio recuperou a compreensão patrística de *mysterion* ou *sacramentum*²⁷⁰ e dela faz derivar a sacramentalidade da Igreja”.²⁷¹ A referência cristológica sacramental é evidente, segundo a *Lumen Gentium*: “Sendo Cristo a luz dos povos” (LG 1). “Os textos remetem a Jesus Cristo, que tem supremacia”.²⁷²

Além dessa dimensão cristológica da Igreja-sacramento, outra é também considerada, a dimensão escatológica, possibilitando estabelecer a relação entre Igreja e Reino. Sendo entendido que Reino é a pessoa de Jesus Cristo, sua vida, suas obras, suas palavras... Na vertente escatológica de sacramento, o papa vê a Igreja como uma comunidade em tensão entre dois momentos simbolizados por ele pela imagem de dois braços de Deus: o abraço batismal que o Pai nos dá no início da vida cristã e o abraço final com que Ele nos espera um dia na glória, abraço misericordioso. A Igreja constitui esse *tempus medium*, como uma realidade *intertempora*, que evangeliza entre essas duas manifestações de amor do Pai (EG 144).

Outra dimensão eclesiológica que foi se evidenciando gradativamente na eclesiologia conciliar foi a comunhão,²⁷³ explicada concretamente, sobretudo no sacramento da Eucaristia. No primeiro milênio, era entendida como a participação na vida de Deus, através da Palavra e dos sacramentos. No segundo milênio, era desenvolvida essa eclesiologia de comunhão com caráter mais jurídico e institucional. A eclesiologia da exortação apresenta um quase ensaio da síntese entre as duas óticas.

²⁷⁰ “Na perspectiva dos Padres, o mistério é compreendido, antes de tudo, não como inapreensível, mas como o revelado. Sacramento é Deus se antecipando e trazendo ao homem uma realidade inesgotável. É o inaudito pronunciado; o augusto manifestado, o eterno temporalizado. O invisível visibilizado... dupla expressão que aponta para Jesus de Nazaré como o Sacramento por excelência”. (CAVACA, O. Uma eclesiologia chamada Francisco: estudo da eclesiologia do Papa Francisco a partir da *Evangelii Gaudium*. *Revista da Cultura Teológica*, ano XXII, n. 83, p. 18, jan./jun. 2014).

²⁷¹ *Ibid.*, p. 18.

²⁷² *Id.*, p. 19.

²⁷³ Apesar da evidência da dimensão eclesiológica de comunhão, em nenhum momento, o concílio define explicitamente nesses termos (*Id.*, p. 21).

Na perspectiva sacramental da eclesiologia, transparece, na exortação que, pela força da memória da Eucaristia (EG 13), a Igreja deve ter a consciência de ser uma *Ecclesia semper reformanda*. Daí, precisa estar em estado de permanente conversão (cf. EG 25-33), seja nas estruturas, na sua metodologia paroquial, seja nas suas instituições em geral, ou sua divisão em Igrejas particulares (27-30). A Igreja *semper reformanda* exorta todos à conversão, inclusive padres, bispos e até mesmo o papado (EG 31-33). Essas exigências evangélicas são indispensáveis para a Igreja ser fiel à sua própria vocação (EG 26), ao seu núcleo essencial e ao de sua missão (EG 31-33).

Todavia, existem muitos desafios à eclesiologia de comunhão: o individualismo e a crise de identidade de alguns agentes evangelizadores influenciados pela cultura midiática, gerando desconfiança na mensagem da Igreja e desencanto do Evangelho (EG 78-79). Todas essas atitudes levam a um acentuado relativismo. Faz-se importante ouvir a exortação do Papa Francisco: “Não nos deixemos roubar o entusiasmo missionário!” (EG 80).

A mística humana e cristã de viver em comunidade também corre perigo (EG 87-92). Para o papa, ela se encontra “abalada pela tendência pós-moderna de reduzir os círculos de relação e a densidade histórico-encarnacional da salvação”. Por isso,

o desafio primordial da evangelização, hoje, não é o ateísmo, mas a urgência de apresentar ao mundo um Jesus Cristo verdadeiro, que se fez carne e se compromete com a história humana, antes que alguém o apresente de forma alienante, sem carne e descomprometido do *humanum* (EG 89).²⁷⁴

É necessário que o cristão redescubra a grandeza sagrada do outro, reaprenda a suportar as dificuldades da convivência, para que possa voltar à fraternidade. “Não deixemos que nos roubem a comunidade!” (EG 92). A Igreja também sofre dores provenientes de conflitos internos e tensões, inclusive entre os consagrados (EG 98-101). Lamenta, Francisco: “Quem queremos evangelizar com esse comportamento?” (EG 100). Conclui: “Não deixemos que nos roubem o amor fraterno!” (EG 101).

A eclesiologia da exortação, segundo Cavaca, é a de uma “eclesiologia total”,²⁷⁵ relacionada com a Trindade, o Povo de Deus e a missão. Observada, principalmente no Capítulo 2, quando são feitas referências à Igreja com as expressões: “um povo peregrino evangelizador”, “todo o povo de Deus anuncia o Evangelho”, “todos somos discípulos

²⁷⁴ CAVACA, O. Uma eclesiologia chamada Francisco: estudo da eclesiologia do Papa Francisco a partir da *Evangelii Gaudium*. *Revista da Cultura Teológica*, ano XXII, n. 83, p. 24, jan./jun. 2014.

²⁷⁵ *Ibid.*, p. 25.

missionários”, dedicando à piedade popular uma enorme força evangelizadora (EG 110-134).

A dimensão povo de Deus é na *Evangelii Gaudium* a que antes de tudo caracteriza a Igreja (EG 113). A “eclesiologia total” permite afirmar que “o conjunto dos fiéis, ungidos que são pela unção do Santo (cf. Jo 2,20.27), não pode enganar-se no ato de fé”. Proclamando, dessa forma, a santidade do Povo de Deus em virtude da ação do Espírito, faz dele um povo infalível *in credo*, dado o seu instinto da fé – *sensus fidei*²⁷⁶ – (EG 119), essa é uma interpretação do *sentire cum Ecclesia*, de Santo Inácio.²⁷⁷

Percebe-se que o fio condutor de toda a exortação é constituído pela missão e evangelização. O acento eclesiológico do missionarismo é tão forte no Papa Francisco, que se pode dizer que ele é parte intrínseca de sua visão da Igreja.²⁷⁸ Na perspectiva da *Evangelii Nuntiandi*, do Vaticano II e da Conferência Episcopal de Aparecida, é entendida a missão como um “estado permanente” (EG 25; DA 213) da Igreja, de maneira que tudo que ela faz deve estar imbuído dessa intenção missionária (EG 18.34-35). Na eclesiologia desse papa a Igreja se identifica com a missão. “O uso de termos como tarefa, desafio, causa, paradigma (EG 15), dever (EG 111)... reforçam essa compreensão identitária”.²⁷⁹

A missão de evangelizar se desenvolve em três âmbitos: o da pastoral ordinária, o do desafio de reanimar as pessoas batizadas e afastadas da vida da Igreja e o daqueles que ainda não conhecem Jesus ou se recusam a aceitá-lo. Todos precisam estar imbuídos do desejo de “levar o Evangelho às pessoas com que se encontra [...], é a pregação informal” (EG 127).

A eclesiologia fortemente missionária exige medidas concretas. A Palavra de Deus, ao ser pregada, deve chegar aos ouvidos daqueles a quem é dirigida, como uma mãe ao falar a seu filho, sabendo o quê e quando falar, atingindo o coração e recuperando o seu espírito materno-eclesial (EG 142-168). Logo, “as homilias devem ser ressonância de nossa vibração com a Palavra de Deus”²⁸⁰ (EG 142-168). Essa é Palavra que a Igreja entende como fonte da evangelização e por isso incentiva seus estudos, contando com a ajuda de teólogos e exegetas, cujo fazer teológico é incentivado como carisma e “parte da missão salvífica da Igreja” (EG 133). Todavia, a Igreja só pode crescer na evangelização por conta do Espírito. Somos

²⁷⁶ Este tema foi desenvolvido pelo Papa Francisco durante entrevista exclusiva concedida a Spadaro. (SPADARO, A. *Entrevista exclusiva do Papa Francisco*, p. 16).

²⁷⁷ CAVACA, O. Uma eclesiologia chamada Francisco: estudo da eclesiologia do Papa Francisco a partir da *Evangelii Gaudium*. *Revista da Cultura Teológica*, ano XXII, n. 83, p. 26, jan./jun. 2014.

²⁷⁸ *Ibid.*, p. 27.

²⁷⁹ *Ibid.*

²⁸⁰ *Ibid.*, p. 28.

evangelizadores se o somos “com espírito”. Alguém só se sente motivado para a missão quando tem um encontro pessoal com Jesus Cristo (DA 243-245), na adoração, na oração, no encontro orante com a Palavra, crescendo no espírito *contemplativo* (EG 262-264).

Do encontro com Jesus ressuscitado, renasce a esperança e o entusiasmo, superando todo desânimo (EG 281-283). Nessa perspectiva da evangelização, o papa fala da força missionária da intercessão, da importância da oração²⁸¹ para a realização da missão (EG 281-283). No final, Francisco apresenta Maria como Mãe da Igreja²⁸² evangelizadora. Olhando para ela, “voltamos a acreditar na força revolucionária da ternura e do afeto”²⁸³ (EG 288). Pedimos-lhe que nos ajude “para que a Igreja se torne uma casa para muitos e torne possível o nascimento de um mundo novo” (EG 288).

A eclesiologia do Papa Francisco é encontrada no ideal de Igreja de João XXIII, do Cardeal Lercaro, do Pacto das Catacumbas e das Conferências do Episcopado Latino-Americano e do Caribe (DA 391-398), conforme proferiu na missa de início de seu pontificado, no dia de São José, 19 de março de 2013:

Não esqueçamos jamais que o verdadeiro poder é o serviço, e que o próprio papa, para exercer o poder, deve entrar sempre mais naquele serviço que tem o seu vértice luminoso na Cruz; deve olhar para o serviço humilde, concreto, rico de fé de São José, e, como ele, abrir os braços para guardar todo o povo de Deus e acolher com afeto e ternura, a humanidade inteira, especialmente os mais pobres, os mais fracos, os mais pequeninos.²⁸⁴

Com essas palavras, pode-se intuir a eclesiologia que emana da *Evangelii Gaudium*: o apelo à simplicidade, o apelo à opção evangélica pelos pobres, principalmente no Capítulo 5, “A dimensão social da evangelização”, onde aparece explicitamente.

Observa-se no discurso sobre os pobres, de acordo com Francisco, três patamares: o

²⁸¹ Para conhecer melhor a dimensão orante do Papa Francisco recomenda-se a leitura do livro de sua autoria *A Oração*, no qual afirma: “A oração é a respiração da esperança. Quem deixa de orar deixa de esperar”. (BERGOGLIO, M. J. *A oração*).

²⁸² Recomenda-se a leitura da obra *Ela é minha mãe!*: encontros do Papa com Maria. Trata-se de um livro-entrevista, em que o autor mostra ao mundo o lado mariano do Papa Francisco. (MELLO, A. A. *Ela é minha mãe!*: encontros do Papa com Maria).

²⁸³ Afirma o Papa Francisco: “Há uma crise antropológica profunda: a negação da primazia do ser humano [...]. Os mais pobres e vulneráveis devem ser os primeiros destinatários da ação da Igreja e dos sistemas políticos e financeiros”. Objetivo da proposta: a “revolução da ternura”. (MARUJO, A. Como o papa quer mudar a Igreja e o mundo. *Visão*, 1083, 5 dez. 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/User/AppData/Local/Temp/Lo w/DR6G2061.htm>. Acesso em: 2 set. 2014).

²⁸⁴ FRANCISCO. *Homilia da Missa de inauguração do Pontificado do Papa Francisco, na solenidade de São José*. 19 de março de 2013. Disponível em: <https://w2.vatican.va/.../papa-francesco_20130319_omelia-iniz>. Acesso em: 13 jan. 2015.

do embasamento bíblico-teológico, o de categorização teológica e o eclesiológico.²⁸⁵

No concernente ao aspecto bíblico-teológico, o ponto culminante de sua exposição é encontrado na citação de Bento XVI, a respeito do fundamento cristológico da opção preferencial pelos pobres “está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para nos enriquecer com sua pobreza”²⁸⁶ (DA 39; DI 3; EG 198).

Surge dessa base a categoria teológica “opção evangélica preferencial pelos pobres”. A originalidade aqui surge com Papa Francisco ao realçar que o amor aos pobres é dom de Deus, “é obra libertadora da graça” (EG 188).

A categoria teológica “opção preferencial pelos pobres” numa dimensão eclesiológica ocorre através de afirmações como a que lembra que os pobres representam o “critério-chave de autenticidade [...], o sinal que nunca deve faltar” para que a pregação da Igreja seja uma continuidade da missão de Cristo (EG 195). O papa convida a Igreja a desenvolver os mesmos sentimentos de Cristo (cf. Fl 2,5).

2.6.3 Temas relevantes da *Evangelii Gaudium*

Além de importantes categorias citadas até o momento (anúncio, alegria, diálogo, encontro), destacam-se temas relevantes que se fazem presentes na exortação apostólica.

São muitas as dimensões da crise comunitária, mas três são destacadas: a dimensão econômica, a social e a religiosa. Elas se implicam umas nas outras, isto é, na dimensão econômica, as relações humanas estão marcadamente condicionadas pelas relações de poder econômico. Os interesses financeiros ultrapassam aos direitos de viver, de ir e vir, de estudar, de cuidar da saúde. Há uma subordinação ao dinheiro, a vida torna-se mercadoria. Se uma vida não gera lucros, torna-se dispensável, descartável, fala-se numa realidade nova: as “massas sobrantes” (EG 53). Com isso, há um aumento das divisões sociais, da miséria, da violência e dos conflitos urbanos.

A dimensão social é destacada pela globalização da economia, globalizando a pobreza e a miséria. Para esse papa “essa economia mata!” (EG 53); mata pelo subemprego, pelas drogas consumidas, pelo tráfico humano, pela prostituição, pelo trabalho infantil e

²⁸⁵ CAVACA, O. Uma eclesiologia chamada Francisco: estudo da eclesiologia do Papa Francisco a partir da *Evangelii Gaudium*. *Revista da Cultura Teológica*, ano XXII, n. 83, p. 31, jan./jun. 2014.

²⁸⁶ BENTO XVI. *Discurso na sessão inaugural da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe* (13 de maio de 2007), 3: AAS 99 (2007), 450.

escravo, etc.

Em relação à dimensão religiosa, num mundo excludente, desigual e violento, surge um mercado oferecendo curas, milagres, enriquecimento e prosperidade. Considera o papa: “É necessário reconhecer que, se uma parte do nosso povo batizado não sente a sua pertença à Igreja, isso deve-se também à existência de estruturas com clima pouco acolhedor nalgumas das nossas paróquias” (EG 63). Acrescenta: que “O processo de secularização tende a reduzir a fé e a Igreja ao âmbito privado” (EG 64).

Nos dias de hoje, muitos progressos foram alcançados pela humanidade, fala-se em redes e demais instrumentos de comunicação,²⁸⁷ que são cada vez mais empregados pela Igreja para a anunciar a Boa-Nova. Porém, nisso tudo há o grande “desafio de descobrir e transmitir a ‘mística’ de viver juntos” (EG 87). O “Evangelho nos convida sempre a assumir o risco do encontro com o rosto do *outro*” (EG 88), o cristão é chamado a permanecer lado a lado e não isolado (EG 88).

A Igreja, pressionada pelos tempos e conduzida pelo Espírito, redescobre sua face missionária, retorna ao *querigma*, ao primeiro anúncio, recupera a estrutura da Iniciação Cristã ou Catecumenato. Resgata-se o conceito de evangelização no seu mais exato e primitivo sentido: anunciar Jesus, proclamar seu Evangelho.²⁸⁸

A exortação apostólica, propondo uma evangelização para o aprofundamento do *querigma*, afirma: “O primeiro anúncio deve desencadear também um caminho de formação e de amadurecimento” (EG 160), assim como o crescimento individual, ou seja, o projeto que Deus tem para cada um de nós.

Não se deve pensar em deixar o *querigma* de lado em favor de uma formação mais sólida. “Nada há de mais sólido, mais profundo, mais seguro, mais consistente e mais sábio que esse anúncio [...]. É o anúncio que dá resposta ao anseio de infinito que existe em todo coração humano” (EG 165). Outra característica importante da catequese, é a iniciação mistagógica que significa a “necessária progressividade da experiência formativa na qual intervém toda a comunidade e uma renovada valorização dos símbolos litúrgicos da iniciação cristã” (EG 166). O encontro catequético é um anúncio da Palavra, ela é seu centro, mas não

²⁸⁷ Sugerimos para reflexão sobre os meios de comunicação social no contexto da rede, a obra de Spadaro, *Ciberteologia: pensar o Cristianismo na era da internet*. Apresenta a internet como um ambiente humano. Não apenas um instrumento, ou um meio, para chegar mais longe, mas uma realidade que facilmente passa do virtual ao encontro. (SPADARO, A. *Ciberteologia: pensar o Cristianismo na era da internet*).

²⁸⁸ LIMA, L. A. *A alegria do Evangelho. Evangelii Gaudium. Exortação Apostólica. Cap. III: o anúncio do Evangelho*. Disponível em: <www.cnbb.org.br/.../EVANGELII-GAUDIUM>. Acesso em: 4 jul. 2014.

prescinde dos símbolos, da inserção num processo de crescimento e da integração de todas as dimensões que conduzam a pessoa num caminho comunitário que passa pela escuta e resposta (EG 166).

Outro aspecto a considerar é que na base da teologia do povo, encontra-se a revalorização da espiritualidade e da piedade popular, “a tal ponto que chegou a reconhecer uma ‘mística popular’”,²⁸⁹ à qual Francisco se refere algumas vezes na *Evangelii Gaudium*. Nessa exortação, emergem quatro prioridades em continuidade à teologia do povo:

A mais importante é a superioridade do tempo sobre o espaço, na base da qual é prioritário começar processos no tempo em vez de ocupar espaços de poder. Em segundo lugar, “a unidade sobre o conflito”, que não visa as tensões, mas aceitá-las, para transformá-las em uma “comunhão nas diferenças”. A terceira prioridade é a do tudo sobre a soma das partes voltada à união dos povos que conservam a sua peculiaridade [...], finalmente, a da realidade sobre a idéia, porque a segunda – conclui – está em função da primeira sem se separar dela.²⁹⁰

Observa-se que existem vários matizes na teologia do povo, mas a fé do Povo de Deus, ponto de partida, “anda de mãos dadas com a fé da Igreja e com a vida, desde a Palavra e os sacramentos. Há uma relação dinâmica entre os pastores que buscam o povo e vice-versa”.²⁹¹ Não se trata de uma “teologia populista, nem acadêmica. É um estudo que leva em conta a fé do povo para o serviço da fé e ao mesmo tempo resgata a participação ativa do Povo de Deus. Isso é algo de grande riqueza”.²⁹²

2.7 RECEPÇÃO DA *EVANGELII GAUDIUM*

A partir da eleição do Papa Francisco, assiste-se a “um rico, profundo e profícuo debate sobre a Igreja e o modo como está inserida no mundo contemporâneo”.²⁹³ Assuntos que até então não eram considerados com grande destaque, vieram à tona para serem retrabalhados. A performance do Papa mostra uma revitalização eclesial, dando sinais à Igreja de sua necessidade de enxergar e atuar na concretude do ser humano contemporâneo. Esse

²⁸⁹ LIMA, L. A. *A alegria do Evangelho. Evangelii Gaudium. Exortação Apostólica. Cap. 3: O anúncio do Evangelho*. Disponível em: <www.cnbb.org.br/.../EVANGELII-GAUDIUM>. Acesso em: 4 jul. 2014.

²⁹⁰ Id.

²⁹¹ ÁLVAREZ, A. B. Papa Francisco: populista ou Teologia do Povo? Entrevista a Antonio Grande. *Vatican Insider*, 14 mar. 2014. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/529267-papa-francisco-populista-ou-teologia-do-povo>>. Acesso em: 7 set. 2014.

²⁹² Id.

²⁹³ PILIA, A. A teologia do povo do Papa Francisco. *Roma Sette*, 31 mar. 2014. Disponível em: <<file:///C:/Users/User/AppData/Local/Temp/Low/JELS1ZLQ.htm>>. Acesso em: 2 set. 2014.

papa tem sido uma ponte conduzindo ao caminho da reflexão, reavaliação e revigoração da fé e da esperança.²⁹⁴

O novo papa, antes de pronunciar e escrever encíclicas, foi realizando gestos simbólicos, de carga significativa, captada por todo o mundo e difundidos amplamente pelos meios de comunicação. Tais gestos aproximaram a Igreja do mundo de hoje, suscitando a esperança de uma nova primavera eclesial. Proclamou-se simplesmente Bispo de Roma, assumindo o nome do *poverello* de Assis, Francisco. Beija um menino deficiente e abraça um homem com o rosto deformado. Na Quinta-Feira Santa, lava os pés de uma mulçumana em uma prisão, em Assis come com crianças portadoras de síndrome de Down, vai à Lampedusa e joga flores ao mar em memória dos emigrantes mortos. Usa sapatos velhos em vez de sapatos vermelhos como seu antecessor, opta por morar na residência de Santa Marta, ao invés de residir nos Palácios Apostólicos Vaticanos. Atravessa Roma em um carro simples para não escandalizar moradores de bairros periféricos populares. Aceita ser entrevistado por jornalista não crente. Rabinos argentinos são convidados para visitá-lo em Santa Marta. Recebe o pai da Teologia da Libertação, Gustavo Gutiérrez. Leva flores à sepultura do Pe Pedro Arrupe. Convida quatro mendigos para o seu aniversário. Presenteia com sapatinhos o neto de Cristina Fernández Kirchner. Visita favelas no Rio de Janeiro e casas de migrantes africanos em Roma... Esses gestos foram facilmente entendidos pelo povo.

Os gestos simbólicos do Papa “têm um profundo sabor evangélico, têm o cheiro do Evangelho, de Jesus de Nazaré. Por isso, não apenas seus gestos, mas também suas palavras são acolhidas de forma nova”.²⁹⁵ Na realidade, ele vai traduzindo o Evangelho para o mundo de hoje, porque sabe que mais do que se centrar obsessivamente nos problemas morais é necessário anunciar a alegria da salvação que vem de Jesus.

Gradativamente a esses gestos simbólicos, foram sendo acrescentadas mensagens de profundo conteúdo pastoral. Desde homilias diárias na Capela de Santa Marta até a exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, sobre a alegria do anúncio do Evangelho no mundo atual. Francisco, assim como João XXIII, é, acima de tudo, um pastor. Na verdade, o Papa Francisco foi preparando o terreno para semear as palavras contidas em sua exortação, na qual “pede a todos os crentes que se desinstalem e indica a toda Igreja o caminho dessa ‘conversão

²⁹⁴ PILIA, A. A teologia do povo do Papa Francisco. *Roma Sette*, 31 mar. 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/User/AppData/Local/Temp/Low/JELS1ZLQ.htm>. Acesso em: 2 set. 2014.

²⁹⁵ CODINA, V. *A Igreja do Papa Francisco: um pequeno decálogo*. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/533513>. Acesso em: 16 ago. 2014.

pastoral’ que durante estes primeiros meses do pontificado, com seu testemunho e pregação, procurou ensinar”.²⁹⁶

Mudou totalmente o clima pastoral. Mudou o clima eclesial. Há alegria entre os fiéis, há entusiasmo, expectativa e surpresa nos ambientes político-sociais, inclusive foi eleito o “Homem do Ano”, em 2013.²⁹⁷

Após um ano do pontificado do Papa Francisco, alguns meses depois de ter promulgado a *Evangelii Gaudium*, tenta-se fazer um balanço de toda essa reviravolta que vem acontecendo na Igreja. Codina apresenta um decálogo com o perfil não apenas da Igreja do sonho de Francisco, mas de uma Igreja que se “sente”,²⁹⁸ uma Igreja que se renova.

1. De uma Igreja poderosa, endurecida, medrosa, revolucionária, da qual muitas pessoas se afastam a uma Igreja simples, pobre, próxima, acolhedora, realista, sincera que se identifica e promove a cultura do encontro e da ternura. Uma Igreja em que o Bispo de Roma, Francisco, reconhece-se um pecador, pede orações; recorda da grande necessidade da Igreja de uma conversão e uma reforma continuada, “uma reforma à moda Francisco de Assis”.²⁹⁹
2. De uma Igreja moralista de maneira obsessiva, preocupada com o controle da natalidade, o aborto, o homossexualismo a uma Igreja que se volta para o essencial, centrada em Jesus Cristo, recuperando o Evangelho, anunciando a Boa Nova da salvação em Cristo, porque Jesus é o único que atrai; que difunde o cheiro do Evangelho de Jesus, pedindo aos jovens que não se envergonhem de ser cristãos; que tem como comandante da barca Pedro, que não tem ouro nem prata, mas traz o que existe de mais valioso: Jesus Cristo, mas um Jesus Cristo morto e

²⁹⁶ TORNIELLI, A. Uma conversão pastoral para toda a Igreja. *Vatican Insider*, 26 nov. 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/User/AppData/Local/Temp/Low/HNIWQTPP.htm>. Acesso em: 10 jul. 2014.

²⁹⁷ A revista norte-americana *Time* elegeru o Papa Francisco como “Homem do Ano”. Noticiou em seu *site*: “O que torna este Papa assim importante é a velocidade com a qual ele atraiu a imaginação de milhares de pessoas que haviam perdido todas as esperanças em relação à Igreja. Em poucos meses, papa Francisco elevou a missão de uma Igreja que leva conforto às pessoas necessitadas em um mundo sempre mais duro”. (CIDADE DO VATICANO. (Radio Vaticana). *Attualità*. Disponível em: <http://www.pccs.va/index.php/pt/component/k2/itemlist/tag/Papa%20Francisco>. Acesso em: 20 ago. 2014.

²⁹⁸ “Sentir com a Igreja” é uma expressão usada por Santo Inácio nos seus *Exercícios espirituais*. É uma forma usada na linguagem de Francisco e explica: “A imagem da Igreja de que gosto é a do povo santo e fiel de Deus [...]. Deus na história da salvação salvou um povo. Não existe plena identidade sem pertença a um povo. Ninguém se salva sozinho [...]. Deus entra nessa dinâmica do povo [...]. A Igreja é o povo de Deus na história, com alegria e dores. *Sentire cum Ecclesia*, é para mim, pois, estar neste povo. (SPADARO, A. *Entrevista exclusiva do Papa Francisco*, p. 16).

²⁹⁹ CODINA, V. *A Igreja do Papa Francisco*: um novo clima pastoral. Disponível em: <http://www.ihu.br/noticias/533513>. Acesso em: 16 ago. 2014.

ressuscitado... que não fique no sepulcro; logo, não há necessidade de “cara de funeral”, apresentando-se como cristãos de Páscoa e não de quaresma... A alegria do Evangelho enche o coração de todos aqueles que se encontram com Jesus.

3. De uma Igreja centrada no pecado, fazendo do Sacramento da Confissão uma tortura, a uma Igreja da misericórdia de Deus, da compaixão, da ternura, uma Igreja sobretudo “hospital de campanha” para curar as feridas de emergência, na qual os sacramentos sejam para todos, não só para os perfeitos.³⁰⁰ Uma Igreja que deseja ampliar o campo da misericórdia, estendendo-o a todas as situações conflitivas.
4. De uma Igreja autorreferencial, centrada nela mesma, preocupada com o proselitismo a uma Igreja dos pobres, preocupada com o sofrimento humano, a guerra, a fome, o desemprego, os anciãos, os jovens; uma igreja profética, livre em relação ao mundo, que através da *Evangelii Gaudium* afirma que o atual sistema econômico, baseado na idolatria do dinheiro, é injusto, é um sistema excludente, que mata; por essa razão, lança um *não* à economia de exclusão, um *não* ao dinheiro que governa em vez de servir, um *não* à desigualdade que provoca a violência.
5. De uma Igreja fechada em si mesma a uma Igreja que sai de si mesma, sai às ruas, “mais participativa e aberta, mais descentralizada e fluida, mais disposta a assumir riscos, menos preocupada com a conformidade doutrinal, menos clerical. Mas acima de tudo centrada em Cristo”.³⁰¹
6. De uma Igreja que discrimina os que pensam diferente a uma Igreja que respeita os de outras religiões, crentes ou não crentes, que dialoga com os judeus, nossos irmãos maiores, uma Igreja atenta aos sinais dos tempos.
7. De uma Igreja saudosista a uma Igreja que considera o Concílio Vaticano II irreversível, “que é preciso implantar suas intuições sobre a colegialidade, evitar o

³⁰⁰ Para a convocação do Sínodo sobre a Família, que ocorrerá em outubro de 2014, o *Instrumentum Laborem* conta com a análise das respostas de questionários enviados ao clero, a religiosos e leigos. São abordados, entre outros, “temas urgentes como a situação dos divorciados recasados, a união homossexual, as relações pré-matrimoniais, o controle de natalidade e o magistério sobre a moral sexual”. (CODINA, V. A Igreja do Papa Francisco: um pequeno decálogo. *Religião Digital*, 20 jul. 2014. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/533513>>. Acesso em: 16 ago. 2014).

³⁰¹ ALEGRIA da evangelização: uma Igreja mais participativa, aberta, descentralizada e fluida. *Editorial The Tablet*, 28 nov. 2013. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/526295-alegria-da-evangelizacao-uma-igreja-mais-participativa-aberta...>>. Acesso em: 6 jul. 2014.

centralismo e o autoritarismo no governo, caminhar em meio às diferenças”³⁰². Que o título “Bispo de Roma”, “é uma confirmação da colegialidade episcopal, da colegialidade com seus irmãos bispos”.³⁰³ Que o Papa não tem resposta para todas as questões, que é preciso reformar o papado, “que é preciso dar responsabilidades aos leigos, dar maior protagonismo à mulher, desclericalizar a Igreja, pois o clericalismo não é cristão”.³⁰⁴

8. De uma Igreja triste, envelhecida, com gente com cara de cadáver ou sorriso de aeromoça a uma Igreja alegre e jovem, em que os jovens sejam protagonistas.
9. De uma Igreja com pastores mais voltados aos laboratórios colecionando antiguidades, com bispos que estão sempre nos aeroportos a uma Igreja com pastores que cheiram à ovelha, que caminham na frente, atrás e no meio do povo; que a cúria deixe de ser vaticanocêntrica e transfira sua visão ao mundo.
10. De uma Igreja ONG piedosa, monolítica, machista, narcisista a uma Igreja Casa Povo de Deus, mesa mais que estrado, que respeite as diferenças, que leigos e mulheres tenham um papel relevante. Essa Igreja é a de Aparecida, de discípulos missionários, “uma casa eclesial onde reina a alegria”.³⁰⁵

Pode-se afirmar, depois de um ano de gestão pastoral que com esse papa retomou-se o Vaticano II, que havia ficado, de certo modo, silenciado e estacionado. Na realidade, nada de novo, mas foi reassumido o impulso pentecostal do Vaticano II. “A Igreja do Papa Francisco no fundo é a Igreja do Vaticano II, a mesma que sonhou João XXIII”.³⁰⁶

2.7.1 A recepção na América Latina

A viagem do Papa Francisco ao Brasil representou sua recepção pela Igreja da América Latina e do Caribe. Não somente recepção como acolhida, “mas no sentido forte de uma igreja continental que diz ‘sim’ ao Papa e se coloca a seu lado para o projeto de reformas

³⁰² CODINA, V. A Igreja do Papa Francisco: um pequeno decálogo. *Religião Digital*, 20 jul. 2014. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/533513>>. Acesso em: 16 ago. 2014.

³⁰³ Ibid.

³⁰⁴ Id.

³⁰⁵ Id.

³⁰⁶ Id.

que lhe foi pedido pelo conclave antes de sua eleição”.³⁰⁷

Segundo Oliveira, “os gestos de Francisco em sua visita ao Brasil demonstram que ele separa ‘sua pessoa do exercício de suas funções como Papa’, e insiste ‘que o lugar dos cristãos – clérigos, religiosas, leigos e leigas – é no espaço público, e não dentro das sacristias”. Porém, ressalta: “Sinto falta de uma fala mais clara sobre o que deve a Igreja fazer no mundo, mas sabemos todos o que o Concílio Ecumênico de 1962-65 diz: trata-se de anunciar e construir o Reino de Deus na história humana”.³⁰⁸

No discurso³⁰⁹ que proferiu no Encontro com o Comitê de Coordenação do CELAM, no Centro de Estudos do Sumaré, o Papa, referindo-se à conferência de Aparecida, centrou a “conversação no patrimônio herdado daquele encontro fraterno e que todos batizamos como Missão Continental”.³¹⁰

Essa missão está projetada em duas dimensões: programática e paradigmática. A missão programática volta-se para a realização de atos de índole missionária. A missão paradigmática coloca em chave missionária a atividade habitual das Igrejas particulares. Assim, “a mudança de estruturas não é fruto de um estudo de organização do organograma funcional eclesiástico”,³¹¹ porque isso seria uma reorganização estática, mas é consequência da dinâmica da missão.

“O discípulo de Cristo não é uma pessoa isolada em uma espiritualidade intimista, mas uma pessoa em comunidade para se dar aos outros. Portanto, a Missão Continental implica pertença eclesial”.³¹² Os desafios do missionarismo discipular são inúmeros; Francisco se limita a assinalar dois: renovação interna da Igreja e diálogo com o mundo atual.

Em relação à renovação interna, Aparecida propôs como necessária a conversão pastoral. Nesse contexto, o Papa propõe um exame de consciência através de questionamentos.

³⁰⁷ OLIVEIRA, P. R. *A viagem do Papa ao Brasil representou sua recepção pela Igreja da América Latina e Caribe*. Entrevista com Pedro Ribeiro de Oliveira. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/522303-entrevista-especial-com-pedro-de-oliveira%20>>. Acesso em: 27 ago. 2014.

³⁰⁸ Ibid.

³⁰⁹ Analisando esse discurso, pronunciado em 23 de julho de 2013, pelo Papa Francisco, observa-se em seu conteúdo a presença das linhas-mestras da exortação apóstolica *Evangelii Gaudium* que seria proclamada alguns poucos meses depois, em 24 de novembro do mesmo ano. (PAPA FRANCISCO. *Discurso no encontro com a Comissão de Coordenação do CELAM no Comitê de Estudos do Sumaré. Palavras do Papa Francisco no Brasil*).

³¹⁰ Ibid., p. 132.

³¹¹ Id., p. 134.

³¹² Id.

Procuramos que o nosso trabalho e o de nossos presbíteros seja mais pastoral que administrativo? Quem é o principal beneficiário do trabalho eclesial, a Igreja como organização ou o Povo de Deus na sua totalidade? [...] Superamos a tentação de tratar de forma reativa os problemas complexos que surgem? Criamos um hábito proativo? [...] Na prática, fazemos os fiéis leigos participantes da Missão? Oferecemos a Palavra de Deus e os Sacramentos com consciência e convicção claras de que o Espírito se manifesta neles? [...] Nós, Pastores, Bispos e Presbíteros temos consciência e convicção da missão dos fiéis e lhes damos a liberdade para irem discernindo, de acordo com o seu processo de discípulos, a missão que o Senhor lhes confia? Apoiamo-los e acompanhamos, superando qualquer tentação de manipulação ou indevida submissão? Os agentes de pastoral e os fiéis em geral sentem-se parte da Igreja, identificam-se com ela e aproximam-na dos batizados indiferentes e afastados?³¹³

Afirma o papa: “Como se pode ver, aqui estão em jogo atitudes. A conversão pastoral diz respeito principalmente, às atitudes e a uma reforma de vida”.³¹⁴

Quanto ao diálogo com o mundo atual, segundo o Papa Francisco, reside nas palavras do concílio: “As alegrias e as esperanças, as tristezas e angústias dos homens do nosso tempo, sobretudo dos pobres e atribulados, são também alegrias e esperanças, tristezas e angústias dos discípulos de Cristo” (GS 1).

Considera algumas orientações eclesiais. Lembra que o discipulado-missionário em Aparecida propôs às Igrejas da América Latina e do Caribe o caminho que Deus quer para hoje. “Deus é real e se manifesta ‘hoje’ [...]. O ‘hoje’ é o que mais se parece com a eternidade; mais ainda: o ‘hoje’ é uma centelha da eternidade. No ‘hoje’ se joga a vida eterna”. É feita referência à Igreja como instituição, para que não se transforme em *obra*, que não deixe de ser “Esposa”, e se transforme em *administradora*; de *servidora* que não se transforme em *controladora*. Aparecida quer uma Igreja esposa, mãe, servidora, facilitadora da fé ao invés de *controladora* da fé. Propõe duas formas de categorias pastorais que surgem da originalidade do Evangelho e que também podem servir para o modo de viver eclesialmente o discipulado missionário: a proximidade e o encontro.

Por fim, dirige-se àquele que guia a pastoral, a Missão Continental, o bispo. Ele deve guiar, que não é o mesmo que comandar. Incluindo a si mesmo, afirma o Papa Francisco: “Estamos atrasados no que a conversão pastoral indica. Convém que nos ajudemos um pouco mais a dar os passos que o Senhor quer que cumpramos neste ‘hoje’ da América Latina e do Caribe. E seria bom começar por aqui”.³¹⁵

³¹³ PAPA FRANCISCO. *Discurso no encontro com a Comissão de Coordenação do CELAM no Comitê de Estudos do Sumaré. Palavras do Papa Francisco no Brasil*, p. 135-137.

³¹⁴ *Ibid.*

³¹⁵ *Id.*, p. 147.

2.7.2 A recepção no Brasil

A V Assembleia Geral do Episcopado Latino-americano, realizada em 2007, contou com a presença do Papa Bento XVI e insistiu no caráter do discipulado e a missão da Igreja. O documento final teve como presidente da comissão de redação o então cardeal de Buenos Aires, Jorge Mario Bergoglio.³¹⁶ “O grande apelo de Aparecida é a ‘conversão pastoral’, uma autêntica *metanóia* que abandona as estruturas obsoletas da pastoral e situações de mera conservação para assumir a dimensão missionária de renovação paroquial”,³¹⁷ sugerindo a reformulação das estruturas para que a paróquia se torne uma rede de comunidades cujos membros se sintam discípulos missionários de Jesus (DA 172).

Ademais, desde *Medellín*, os bispos latino-americanos enfatizaram a necessidade de renovação, para que a paróquia se torne o centro de animação de comunidades. Insistiram para que fosse implantada a rede de comunidades, propondo a setorização da comunidade paroquial. Neste sentido, os bispos do Brasil, definiram as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja do Brasil (2011-2015), constatando que “o caminho para que a paróquia se torne verdadeiramente uma comunidade de comunidades é inevitável, desafiando a criatividade, o respeito mútuo, a sensibilidade para o momento histórico e a capacidade de atuar com rapidez” (DGAE 62).

A CNBB refletiu sobre a paróquia durante a Assembleia Ordinária de 2013. “O *Instrumentum Laboris* recebeu várias emendas e após a Assembleia foi enviado às dioceses, paróquias, congregações religiosas e associações de fiéis leigos”,³¹⁸ para aprofundamento do tema. De posse das sugestões e modificações, foi elaborada a Coleção de Estudos da CNBB com o título: *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia*. Em todo o País cerca de 100 mil exemplares foram adquiridos. Várias contribuições, críticas, sugestões e proposições foram realizadas no período de maio a outubro de 2013. Após análise das propostas, a comissão preparou uma nova redação para que fosse avaliada pelo episcopado brasileiro na Assembleia Ordinária, ocorrida entre 30 de abril e 9 de maio de 2014.

Resultante da reflexão acerca do documento de estudos, houve a constatação de que a atual paróquia necessita de uma conversão paroquial. Para isso, se faz necessário “aplicar a

³¹⁶ BRUSTOLIN, L. A. La conversión pastoral de la parroquia: la renovación parroquial en América Latina. *Rivista Lateranum*, Roma: Lateran University Press, LXXX, p. 15-16, 2014/1.

³¹⁷ *Ibid.*, p. 16.

³¹⁸ *Id.*, p. 16.

eclesiologia proposta pelo Concílio Ecumênico Vaticano II, consolidar a proposta do Documento de Aparecida e concretizar as diretrizes da CNBB que insistem na renovação paroquial” (CCNP, 5). Contribuíram para essa reflexão os pronunciamentos do Papa Francisco durante sua visita ao Brasil, na “Jornada Mundial da Juventude”, em 2013. Também a exortação apostólica *Evangelii Gaudium* “faz indicações sobre um novo olhar e uma nova prática pastoral que incide diretamente sobre as comunidades” (CCNP, 5).³¹⁹

2.7.3 Questionamentos

Durante o primeiro ano de pontificado, o que o novo papa realizou é muito, porém ainda resta bastante por fazer. Algumas questões iniciadas pelo Concílio, que não chegaram a se concretizar, como: o modo de eleição dos bispos; tornar os sínodos não apenas consultivos, mas deliberativos; favorecer a responsabilidade e a autonomia das Igrejas locais.

Enfrentar tarefas e desafios urgentes que o Vaticano não enfrentou: reforma do papado e da cúria, abandono de chefatura do Estado Vaticano, modificar a maneira de eleição do papa, rever a estrutura de cardeais e núncios, abandonar o episcopado honorífico e sem diocese real dos discatérios da cúria, repensar o papel da mulher na Igreja, promover a ordenação de homens casados, rever a moral sexual e a matrimonial, revisar a pastoral com os divorciados recasados, o problema da homossexualidade, a relação com os teólogos, assumir o desafio ecológico, etc.

Acrescentemos a tudo isso as exigências de responder à problemática religiosa e espiritual que surge dos novos contextos sócio-cultural, científico e técnico do mundo de hoje,

do novo tempo axial que está aparecendo com paradigmas que rompem os esquemas religiosos provenientes do neolítico – centrados no sacerdote, no altar e no sacrifício –, reagir diante das novas formas de espiritualidade, de gnosticismo, etc.³²⁰

No Vaticano II, o problema voltava-se à pergunta: “‘Igreja, o que dizes de ti mesma’, atualmente a pergunta é outra: ‘Igreja, o que dizes sobre o mistério de Deus?’”³²¹

Todavia, pode-se afirmar que é ilusão pensar que reformas e mudanças eclesiais

³¹⁹ Esses serão temas abordados no Capítulo 3 do presente estudo.

³²⁰ CODINA, V. A Igreja do Papa Francisco: um pequeno decálogo. *Religião Digital*, 20 jul. 2014. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/533513>>. Acesso em: 16 ago. 2014.

³²¹ Ibid.

venham única e exclusivamente de cima. Com o olhar na história, aprende-se que as grandes transformações da Igreja (da sociedade também), surgiram debaixo para cima, a partir de onde age o Espírito Santo, convertendo-nos: desde os leigos, as mulheres, os pobres, os marginalizados... “Cabe a todos renovar e reformar a Igreja a partir do Evangelho, convertendo-nos a Jesus de Nazaré e ao seu Reino. Sem a cooperação da base, a Igreja nunca vai mudar”.³²²

³²² CODINA, V. A Igreja do Papa Francisco: um pequeno decálogo. *Religião Digital*, 20 jul. 2014. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/533513>>. Acesso em: 16 ago. 2014.

3 A ALEGRIA DE TRANSMITIR A FÉ NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

O Papa Francisco, em sua exortação apostólica *Evangelii Gaudium* convida todos os cristãos para uma nova etapa evangelizadora marcada pela alegria emanada da Boa-Nova de Jesus Cristo. Nesse sentido, se faz urgente imprimir à Igreja uma verdadeira conversão pastoral, a fim de tornar a experiência eclesial mais autêntica, simples, aberta, participativa, acolhedora em prol da missão evangelizadora.

Neste Capítulo 3, procura-se analisar a alegria de anunciar o Evangelho na perspectiva do Concílio Vaticano II. A trajetória tem como ponto de partida a constituição pastoral *Gaudium et Spes* e, como ponto de chegada, a exortação apostólica *Evangelii Gaudium*.

3.1 IGREJA E MUNDO CONTEMPORÂNEO A PARTIR DO CONCÍLIO VATICANO II

O mundo moderno e a Igreja situavam-se em posições antagônicas dos pontos de vista político e teórico e com poucas possibilidades de diálogo sobre qualquer assunto. A modernidade foi considerada a era da negação da fé (afirmação do ateísmo), de recusa da Igreja (lacismo), de dispensa da Teologia (racionalismo moderno) e de negação dos poderes político e moral da Igreja (autonomia moderna). Ainda que as revoluções modernas oferecessem grandes avanços científicos e tecnológicos, a Igreja, mantendo-se usuária desses benefícios, negava o que entendia estar na raiz do sistema moderno: “A negação de Deus e, por conseguinte, da Igreja como centro do mundo e da sociedade”.³²³

Diante da modernidade, a Igreja sentiu-se acuada e pensava o mundo moderno de maneira bem negativa. Os processos de industrialização, urbanização e secularização, o progresso tecnológico, a laicização cultural, o positivismo científico e outros representavam à Igreja uma grande ameaça à fé. “Ela se fechou num castelo defensivo e daí disparou seus dardos contra essa modernidade montante. De ambos os lados, a agressividade andava solta”.³²⁴ A Igreja era considerada pelo mundo liberal burguês um reduto do reacionarismo cultural; pelo mundo socializante, como bastião da burguesia. Todos os que se sentiam mal com a modernidade se refugiavam na Igreja.

³²³ CODINA, V. A Igreja do Papa Francisco: um pequeno decálogo. *Religión Digital*, p. 204, 20 jul. 2014. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/533513>>. Acesso em: 16 ago. 2014.

³²⁴ LIBÂNIO, J. B. A trinta anos do Concílio Vaticano II: chaves teológicas de leitura. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, n. 73, p. 316, set./dez. 1995.

Na realidade, havia um problema teológico de fundo e outro pastoral de alcance político-social. O problema teológico já era sentido há muitos anos antes do concílio, “versava sobre a tensão ou oposição entre as duas ordens ‘natural/imanente’ e ‘sobrenatural/transcendente’. Problema tão antigo quanto o Cristianismo”,³²⁵ que se reporta ao mistério fundamental da Encarnação do Verbo, transcendente na humanidade imanente. A Teologia vinha tentando encontrar uma solução especulativa para tal problema. Estava em jogo uma Antropologia diferente que oferecia a base da dignidade humana: o estabelecimento dos direitos humanos.

O Concílio Vaticano II destacou como o mistério de Cristo “afeta toda a história do gênero humano, influi continuamente na Igreja” (OT 14), assim como

todas as realidades que constituem a ordem temporal [...] não constituem apenas subsídios para o fim último do homem, mas possuem valor próprio por Deus nelas colocado, seja quando consideradas em si mesmas, seja como partes de toda ordem temporal (AA, 7).

A Igreja vê o mundo numa perspectiva cristológica ao acreditar que “a chave, o centro e o fim da história se encontram no seu Senhor e Mestre” (GS 10). O Verbo de Deus assumiu a história, recapitulando-a em si (GS 38). Há uma profunda unidade da história humana e da salvação, já que “o mesmo Deus Criador é Salvador e igualmente Senhor, tanto da história humana como também da história da salvação”. Contudo, esse fato está longe de “suprir a autonomia da criatura, principalmente do homem, antes restabelece e confirma a sua dignidade” (GS 41).

A opção teológica do concílio foi pela união fundamental entre a ordem da criação e da redenção, pela unidade da história humana e da salvação, reconhecendo plenamente a dignidade da natureza humana e dos direitos humanos. Partiu da iminência da Igreja no mundo para, em seguida, tratar da sua transcendência.³²⁶ Dessa maneira, “Igreja e mundo articulam-se mostrando profunda imbricação, sem, contudo, cair-se na identificação, na confusão, de um lado, mas também sem separação e divisão”.³²⁷

³²⁵ LIBÂNIO, J. B. A trinta anos do Concílio Vaticano II: chaves teológicas de leitura. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, n. 73, p. 316, set./dez. 1995.

³²⁶ “Valem da relação Igreja e mundo analogicamente os quatro modos de articulação: o calcedônico, o sacramental, o agápico e o antropológico. Em todos eles trata-se de dar conta de uma unidade, de uma relação íntima entre duas realidades, sem que eles percam sua própria identidade, confundindo-se” (Ibid., p. 317).

³²⁷ Id.

Na realidade, o mundo moderno, marcado pela ambiguidade, apresentava, de fato, uma positividade no fundo e na superfície. No fundo, havia a positividade do ser humano, criatura de Deus agraciada pela salvação; na superfície, os grandes avanços carregados de promessas para a humanidade, como nunca dantes vistos. Com a *Gaudium et Spes*, o mundo deixa de ser estranho e perigoso, passando a habitar o próprio coração da Igreja, tanto que, bem no início do documento, afirma: “Não se encontra nada verdadeiramente humano que não ressoe ao coração da Igreja” (GS 1).

O subtítulo da *Gaudium et Spes* “A Igreja no mundo contemporâneo” significa reconhecer a relação entre Igreja e mundo como um dado constitutivo e originário do Vaticano II e não secundário. A novidade é evidente e decisiva: a Igreja que se apresenta é a que acolhe e responde, segundo o Evangelho, às interrogações mais profundas dos seres humanos, unindo anúncio e denúncia ao testemunho. “Eis a grande novidade do Concílio, especialmente da *Gaudium et Spes*, inovação essa que nem sempre foi compreendida, pois o texto chegou a ser acusado de exagerada tolerância e certo relativismo com o mundo exterior”.³²⁸ Destaca-se também que como texto conciliar, o pioneirismo da *Gaudium et Spes* é verificado no fato de ser uma constituição que se move a partir de questões concretas de seu tempo.

A relação Igreja/mundo está baseada na visão antropológica do concílio [...] Na *Gaudium et Spes*, há uma referência significativa aos textos bíblicos para sustentar uma antropologia cristocêntrica. Cristo é apresentado como o caminho decisivo para compreender o sujeito humano.³²⁹

Num balanço global da Antropologia de que a *Gaudium et Spes* está prenhe, “constata-se nela uma metodologia de superação do dualismo, uma estruturação fundante relacional, uma convergência positiva e fecunda de antropologia e cristologia, em que toda antropologia se supera e culmina na cristologia”.³³⁰

Assim, a Igreja, munida de bons motivos de reconciliação com o homem moderno, abriu os braços à *Gaudium et Spes*, mas seus interlocutores deram-lhe as costas. “O homem moderno continuou seguindo um caminho cada vez mais desencantado, secularizado e

³²⁸ BRUSTOLIN, L. A. *Gaudium et Spes* e a pastoralidade do Concílio Vaticano II. In: _____. (Org.). *50 anos do Concílio Vaticano II*. Porto Alegre: Edipucrs, 2012, p. 125.

³²⁹ *Ibid.*, p. 127.

³³⁰ SUSIN, L. C. Para conhecer Deus é necessário conhecer o homem: antropologia teológica conciliar e seus desdobramentos na realidade brasileira. In: GONÇALVES, P. S.; BOMBONATTO, V. I. (Org.). *Concílio Vaticano II: Análise e prospectivas*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 381.

paganizado, imergindo numa lógica de consumo e de mercado nunca antes experimentada”.³³¹

3.1.1 Novos contextos

“A tarefa cristã é a da inserção histórica do dom do Ressuscitado em cada tempo e lugar”.³³² Ignorar as mudanças históricas é fechar-se ao Espírito que renova, conseqüentemente é trair o espírito do próprio concílio.

A modernidade com a qual o concílio se esforçou por dialogar já não é a mesma. O mundo de hoje é diferente daquela da década de 60 (século XX). Houve uma mundialização da economia com todas as suas contradições, a política superou a guerra fria, tomou conta do Planeta a cultura do consumo, com nivelamento dos hábitos em detrimento de tradições locais, a tecnologia mostrou seus efeitos nas pesquisas genéticas e nas tecnologias de comunicação e se percebeu no Planeta sinais de falência sistêmica do ponto de vista ecológico.

É desse novo mundo “que advêm as grandes questões que colocam sob os juízos das razões científica e ética as orientações concretas do Vaticano II, tornando-as, em muitos casos e sob certos aspectos, sem efeito”,³³³ pois estariam referenciadas por uma sociedade que já não existe.

O mundo atual resulta de uma dupla consolidação, tecnologia e mercado, que cria novas formas de ver a realidade, de se comportar na sociedade estruturada a partir de valores de consumo. “De outra parte, a sociedade levanta questões de ordem identitária e moral que desafiam as orientações da Igreja e, de modo particular, o Concílio do *aggiornamento*”.³³⁴ Dentre tais questões, elencam-se algumas delas:

Os avanços científico-tecnológicos: conquistas científicas no âmbito da engenharia genética apresentando desafios para a orientação ética; o avanço das tecnologias que colocam em risco o curso e os recursos naturais do Planeta; o desenvolvimento das tecnologias de saúde e tecnologias bélicas, colocando em risco a autonomia dos povos pelas vias tecnológicas das multimídias, tornando comum práticas religiosas individualizadas e virtuais.

³³¹ SUSIN, L. C. Para conhecer Deus é necessário conhecer o homem: antropologia teológica conciliar e seus desdobramentos na realidade brasileira. In: GONÇALVES, P. S.; BOMBONATTO, V. I. (Org.). *Concílio Vaticano II: análise e prospectivas*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 374.

³³² PASSOS, J. D. *Concílio Vaticano II: reflexões sobre um carisma em curso*, p. 97.

³³³ *Ibid.*, p. 98.

³³⁴ *Id.*, p. 99.

Surgiram novas questões sociais e morais: as novas práticas e concepções familiares; os avanços tecnológicos que intervêm nos processos da vida desde a sua origem; a inseminação artificial e as terapias genéticas; as relações sociais virtuais que recriam os modos de relacionamento; a reivindicação de grupos identitários por lugares legítimos na sociedade e na Igreja; o aumento da estimativa de vida, que faz emergir o sujeito idoso como desafio à sociedade e à Igreja; o crescimento vertiginoso do mercado de drogas e os consequentes problemas de saúde pública e de segurança entre as nações.

Essas constatações não estiveram presentes aos olhos dos padres conciliares e não estão hoje fora do coração da Igreja, capaz de colher todas as angústias e alegrias humanas. Nesse sentido, a exortação apostólica *Evangelii Gaudium* alinha-se com a preocupação da Igreja desde o final do século XX. Trata-se de recomeçar a partir de Jesus Cristo, praticamente sem dar coisa alguma por descontada (DA 12; 41; 549). O desafio para a Igreja em nossos dias “consiste em apresentar à pessoa a mensagem de Jesus Cristo, com todas as conseqüências existenciais que isto significa”.³³⁵ Na *Evangelii Gaudium*, há uma proposta para a Igreja e uma proposta para o mundo, mas o Papa Francisco não estabelece uma ruptura entre o que ele pensa para a Igreja e o que pensa para o mundo. Ele pensa em profunda sintonia com as propostas da *Gaudium et Spes*. “Ele pensa a Igreja *no* mundo, uma Igreja que, sendo serva, servidora, não se preocupa apenas ou primordialmente com as questões que são suas, que lhe são específicas”.³³⁶ Ele se volta para uma Igreja que se pensa a partir da sua missão, que é ser serva do Reino de Deus (EG 114; 176).

3.1.2 Novos olhares

A exortação suscita muitas questões relacionadas à vida interna da Igreja. Nessa perspectiva, considera que se a Igreja quer ter voz profética, precisa, primeiramente, olhar para si mesma reconhecendo que a força de suas palavras está na capacidade do seu testemunho. Nesse contexto, encontra-se na *Evangelii Gaudium* as palavras duras do Papa: “Deus nos livre de uma Igreja mundana sob as vestes espirituais ou pastorais” (EG 97). Somente uma Igreja assim transformada poderá interpelar sem temer ser interpelada. Poderá exortar a “uma solidariedade desinteressada e a um regresso da economia e das finanças a

³³⁵ AMADO, J. P. *Evangelii Gaudium: alguns aspectos para sua leitura*. In: AMADO, J. P.; FERNANDES, L. A. (Org.). *Evangelii Gaudium: em questão*. Rio de Janeiro: PUCRIO; São Paulo: Paulinas, 2014. p. 30.

³³⁶ *Ibid.*, p. 30.

uma ética propícia ao ser humano” (EG 58).

A forte advertência ao mundo relaciona-se ao contexto de que estando tão marcado pela modernidade, “apregoa a autonomia ou independência absoluta das leis econômicas em relação a uma ética que brota de uma realidade maior que a imediatez do mercado”;³³⁷ um mundo que apregoa de tal maneira a autonomia do sujeito em sua individualidade que gera o narcisismo e outras posturas sectárias.³³⁸

A exortação é iniciada com uma proposta que se fará presente em todo o texto: “vencer o *individualismo* que enfraquece o dinamismo evangelizador e ultrapassar a *consciência isolada*, para deixar-se seduzir pelo dinamismo alegre e transformador do Evangelho vivo de Deus, Jesus Cristo”.³³⁹ “O grande risco do mundo atual, com sua múltipla e avassaladora oferta de consumo, é uma tristeza individualista que brota do coração comodista e mesquinho, da busca desordenada de prazeres superficiais, da consciência isolada” (EG 2).

O núcleo antropológico desta proposta é o da pessoa como intersubjetividade. O ser humano é “criado à imagem da comunhão divina”, logo “não podemos realizar-nos nem salvar-nos sozinhos” (EG 178). Os outros são necessários para que sejamos nós mesmos, por isso somos intersubjetividades, somos seres relacionais.

A primazia do ser humano passa a ser critério para dinamizar toda a vida: pessoal, comunitária, social, política e econômica. “Esta centralidade do ser humano leva à precedência da vida, ao pragmatismo e ao eficientismo; da pessoa, às grandes massas [...] da misericórdia, não do pecado”;³⁴⁰ pois a Igreja é “uma mãe de coração aberto” e uma “casa aberta do Pai” (EG 46-47) “à pessoa, antes da função e da honra da função”.³⁴¹

3.2 “AGGIORNARE” PARA EVANGELIZAR

O início do século XX foi marcado pelo entusiasmo causado pelos movimentos bíblico, litúrgico, catequético e ecumênico, época em que as igrejas estavam cheias. Todavia,

³³⁷ AMADO, J. P. *Evangelii Gaudium*: alguns aspectos para sua leitura. In: AMADO, J. P.; FERNANDES, L. A. (Org.). *Evangelii Gaudium*: em questão. Rio de Janeiro: PUCRIO; São Paulo: Paulinas, 2014. p. 31.

³³⁸ *Ibid.*, p. 31.

³³⁹ PÁDUA, L. P. O ser humano, centro da *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, J. P.; FERNANDES, L. A. (Org.). *Evangelii Gaudium*: em questão. Rio de Janeiro: PUCRIO; São Paulo: Paulinas, 2014, p. 136.

³⁴⁰ *Ibid.*, p. 144.

³⁴¹ *Id.*

no final da década de 50 (século passado), quando ninguém ainda falava em Concílio, foi notado uma crise na transmissão da fé.

As razões dessa crise remontam a fatores históricos antigos, a opções teológico-pastorais que respondiam à exigência de um tempo passado. A análise da vida pastoral daquele tempo demonstra que é errado afirmar que foi só depois do concílio que o processo de transmissão da fé começou a não funcionar.

Um dos prováveis motivos relacionava-se ao fato da pouca atenção que foi dada a jovens e crianças, por acreditar que uma espécie de “catecumenato social” estava em desenvolvimento. O pós-concílio fez com que viesse à tona a certeza de que tal transmissão da fé não estava sendo realizada no seio das famílias cristãs.³⁴² Diante da situação pastoral, o papa João XXIII, em 1962, em seu discurso inaugural no concílio advertiu:

No exercício cotidiano do nosso ministério pastoral ferem nossos ouvidos sugestões de almas, ardorosas sem dúvida no zelo, mas não dotadas de grande sentido de discrição e moderação. Nos tempos atuais, elas não vêem senão prevaricações e ruínas; vão repetindo que a nossa época, em comparação com as passadas, foi piorando; e portam-se como se nada aprendeu da história, que também é mestra da vida, e como se no tempo dos Concílios Ecumênicos precedentes tudo fosse triunfo completo da idéia e da vida cristã, e da justa liberdade religiosa. Mas parece-nos que devemos discordar desses profetas da desventura, que anunciam acontecimentos infaustos, como se estivesse iminente o fim do mundo. No presente momento histórico, a Providência está-nos levando para uma nova ordem de relações humanas, que, por obra dos homens e o mais das vezes para além do que eles esperam, se dirigem para o cumprimento de desígnios superiores e inesperados; e tudo, mesmo as adversidades humanas, dispõe para o bem maior da Igreja.³⁴³

Nesse discurso significativo, o papa fundamenta sua visão do *aggiornamento* pastoral da Igreja, “na esperança cristã, confiando ao Concílio Vaticano II (prestes a começar) a missão de ‘tracejar’ caminhos para o futuro da vivência pastoral da fé cristã”.³⁴⁴ Nessa seara, a constituição pastoral *Gaudium et Spes* decreta que a Igreja passava por uma época pastoral que dolorosamente dirigia-se ao seu fim:

³⁴² MORAES, A. O. O anúncio do Evangelho na atualidade: uma introdução à *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, J. P.; FERNANDES, L. A. (Org.). *Evangelii Gaudium em questão: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais*. Rio de Janeiro: PUCRIO; São Paulo: Paulinas, 2014, p. 33.

³⁴³ JOÃO XXIII. *Discurso de Sua Santidade na abertura solene do Concílio Vaticano II*, 11 de outubro de 1962. Disponível em: <www.vatican.va>. Acesso em: 1º out. 2014.

³⁴⁴ MORAES, A. O. O anúncio do Evangelho na atualidade: uma introdução à *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, J. P.; FERNANDES, L. A. (Org.). *Evangelii Gaudium: em questão*. Rio de Janeiro: PUCRIO; São Paulo: Paulinas, 2014, p. 34.

A humanidade vive hoje uma fase nova da sua história, na qual profundas e rápidas transformações se estendem progressivamente a toda terra [...]. De tal modo que podemos já falar duma verdadeira transformação social e cultural, que se reflete também na vida religiosa (GS 4).

Este é o cenário do concílio apontando para a Igreja os caminhos da evangelização do mundo contemporâneo. Os documentos vão exprimir a idéia-base de como a Igreja deverá exercer sua principal e prioritária missão de anunciar o Evangelho de maneira renovada e eficaz.

Houve inicialmente um clima de entusiasmo e euforia no período pós-concílio, mas não se sustentou por muito tempo.³⁴⁵ A recepção do Vaticano II envolveria um processo longo e difícil que perduraria até o tempo presente. Nesse longo caminho, no contexto de uma primeira crise pós-conciliar, surge como uma verdadeira “bússola” a *Evangelii Nuntiandi*,³⁴⁶ de autoria de Paulo VI (1975). A Igreja vivenciava um dos primeiros momentos preocupantes para a renovada ação evangelizadora.³⁴⁷

A evangelização para Paulo VI é “um processo de educação na/da fé daqueles que se converteram ao Evangelho, de celebração na comunidade dos fiéis da presença do Senhor Jesus e do dom do seu Espírito e de transformação da ordem temporal, à luz da força do Evangelho”.³⁴⁸ “A evangelização, por tudo o que se disse, é uma diligência complexa, em que há variados elementos: renovação da humanidade, testemunho, anúncio explícito, adesão do coração, entrada na comunidade, aceitação dos sinais e iniciativas de apostolado” (EN 24).

A exortação apostólica de Paulo VI teve profundas consequências pastorais, principalmente na América Latina e nos países do Terceiro-Mundo. A partir da *Evangelii Nuntiandi*, a evangelização tornou-se uma palavra temática e programática inspirando vários projetos pastorais.

³⁴⁵ Num dos inúmeros pronunciamentos de Paulo VI (1969), foi feita alusão à crise de desconfiança que percorria vários ambientes eclesiais. “Desconfiança essa na tradição e na doutrina e se torna crise de fé”. (PAULO VI. Motivos de confiança nas hodiernas perturbações da Igreja. Audiência Geral de 25 de setembro de 1969. *Sedoc*, p. 525, nov. 1969).

³⁴⁶ Esse documento, publicado em 8 de dezembro de 1975 responde ao pedido dos padres sinodais de 1974. O tema do sínodo era: “A evangelização no mundo contemporâneo”. Os bispos sinodais não tinham conseguido elaborar uma formulação englobante a respeito da evangelização. Apesar de acumularem material abundante e sugestivo, preferiram solicitar a Paulo VI um documento final. (LIBÂNIO, J. B. *Evangelii Nuntiandi: a evangelização no mundo contemporâneo*. Apresentação didática, p. 3).

³⁴⁷ MORAES, A. O. O anúncio do Evangelho na atualidade: uma introdução à *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, J. P.; FERNANDES, L. A. (Org.). *Evangelii Gaudium: em questão*. Rio de Janeiro: PUCRIO; São Paulo: Paulinas, 2014, p. 35.

³⁴⁸ *Ibid.*, p. 36.

3.2.1 A transmissão da fé na América Latina

A recepção do Concílio Vaticano II teve decisiva influência na tomada de posição da Igreja em relação aos grandes problemas sociais que atingiam nosso povo. A II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, em *Medellín*, produziu uma série de documentos, procurando aplicar na América Latina as orientações do concílio.³⁴⁹ Dentre os eixos fundamentais de *Medellín*, podem-se citar: a profética opção dos pobres; a simultaneidade da conversão pessoal e das estruturas; um novo modelo de Igreja – pobre e em pequenas comunidades; uma reflexão teológica articulada com as práticas, como forma de encarnação da mensagem revelada numa realidade marcada pela opressão e injustiça.³⁵⁰

Medellín se constituiu em um momento rico de abertura da Igreja, às vezes excessivamente clerical, para uma participação mais efetiva dos leigos na missão da Igreja, com especial atenção aos pobres, considerados também como sujeito principal das grandes mudanças na Igreja e na sociedade. O grande desafio na América Latina era a justiça social.

O documento de Puebla (1979), denominado “Evangelização no Presente e no Futuro da América Latina”, fruto da Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, significou um passo à frente, na busca de novos caminhos para a evangelização na América Latina. “Aborda o tema da evangelização, acrescido do da libertação, relacionado com o tema da cultura³⁵¹ e da religiosidade popular. Nota-se que a identidade latino-americana recebe um enfoque histórico, cultural e sociológico”.³⁵²

A IV Conferência, em Santo Domingo, no Caribe (1992), concentra a atenção em Jesus Cristo e afirma, com João Paulo II, a urgência de uma nova evangelização: “Nova Evangelização, Promoção Humana e Cultura Cristã”. É destacado nesse documento que somente uma comunidade evangelizada pode evangelizar, sendo a promoção humana sua identidade privilegiada, “o que levará a criar uma cultura cristã, pois fará com que a fé, adesão

³⁴⁹ Documentos produzidos através da Conferência de *Medellín*: I) Justiça, Paz, Família, Demografia, Educação, Juventude. II) Pastoral popular, Pastoral de elites, Catequese, Liturgia. III) Movimentos de Leigos, Sacerdotes, Religiosos, Formação do Clero, Pobreza da Igreja, Pastoral de Conjunto, Meios de Comunicação. (RODRIGUES, E. B. S. *Do Concílio Vaticano II às nossas diretrizes atuais*. Disponível em: <<http://www.cnbb.org.br/outros/dom-eduardo-benes-de-sales-rodrigues/12964-do-concilio-vaticano-ii-as-...>>. Acesso em: 7 out. 2014).

³⁵⁰ BRIGHENTI, A. Vaticano II – *Medellín*: intuições básicas e eixos fundamentais. *Revista Eclesiástica Brasileira*, n. 273, p. 21, jan. 2009.

³⁵¹ Destaca-se que já em 1975, a reflexão sobre “Evangelização e Cultura” foi assim considerada por Paulo VI: “A ruptura entre o Evangelho e a cultura é sem dúvida o drama da nossa época, como o foi também de outras épocas” (EN 20).

³⁵² HACKMANN, G. L. B. *A amada Igreja de Jesus Cristo*, p. 61.

radical a Cristo pelo Batismo, se torne cultura”³⁵³, ou seja, somente quando o “sentir comum de um povo tiver sido penetrado interiormente” pela fé anunciada, pensada e vivida (SD 229).

Quinze anos depois da realização da Conferência de Puebla, ocorreu a V Conferência Latino-Americana em Aparecida,³⁵⁴ (2007), no pontificado de Bento XVI, e aconteceu em torno a um grande consenso:

Estamos imersos em um tempo de profundas transformações, de mudança de época; o mundo globalizado mudou; a Igreja exposta ao mercado de uma experiência religiosa eclética e difusa, é outra; estamos em uma encruzilhada; já não podemos continuar sendo os mesmos, dando respostas a perguntas que já não existem, etc. Portanto é preciso “virar a página”. Só que ao fazê-lo, os saudosistas da neocristandade ou da Igreja barroca, viraram a página para trás.³⁵⁵

Foi na resposta à compreensão deste *hoje* que ocorreu a proposta de Aparecida. Especialmente no Capítulo 2, intitulado: “Olhar dos discípulos missionários sobre a realidade” (DA 33-100).

“Tudo muda em todos os lugares. Esta é a realidade nova que suscitou o desejo de Aparecida”.³⁵⁶ Essa mudança de época está relacionada a outras expressões mencionadas no documento e incidem na ação evangelizadora: crise de sentido, sentidos parciais sem a possibilidade de um sentido único (DA 37); o começo da diluição da preciosa tradição cristã e católica do continente; a constatação de que nossas tradições culturais já não se transmitem de uma geração para outra, da mesma forma que no passado. Esse é o *hoje* de Aparecida. Trata-se de mudanças tão estruturais que não afetam apenas a realidade circundante.

Afetam – e aqui se encontra a novidade – os próprios critérios para compreender e julgar esta mesma realidade. Não são transformações somente de aspectos objetivos. São alterações tão profundas, tão globalizadas, que vão afetar os critérios de compreender e julgar. Daí utilizar-se a expressão “mudança de época”.³⁵⁷

³⁵³ HACKMANN, G. L. B. *A amada Igreja de Jesus Cristo*, p. 66.

³⁵⁴ Há quem diga que o principal avanço de Aparecida foi ter evitado um retrocesso na aplicação do Concílio Vaticano II. Para Briguenti, Aparecida foi uma grata surpresa, pois, “além de ter reafirmado o Vaticano II e a tradição latino-americana, ‘virou a página para frente’. Não tantas e nem todas as páginas necessárias, mas certamente as suficientes para fazer a Igreja caminhando em diálogo e interação com os tempos de hoje. Inclusive buscando responder aos ‘novos sinais dos tempos’, a Quinta Conferência traz até novidades”. (BRIGUENTI, A. Aparecida: as surpresas, suas propostas e novidades. *Perspectiva Teológica*, ano XXXIX, n. 109, p. 308, set./out. 2007).

³⁵⁵ *Ibid.*, p. 311.

³⁵⁶ *Id.*, p. 303.

³⁵⁷ “A passagem para o terceiro milênio é o símbolo de uma mudança de época cuja transição ainda perdura” (DA 94). Outras referências à mesma expressão são encontradas no Documento de Participação: 97, 106, 112. (*Id.*).

Aparecida convida a que se assuma o fato de se viver um tempo de pluralismo cultural e religioso, em que o Cristianismo deixa de ser o centro articulador de toda a vida. A questão da ruptura entre Evangelho e cultura se torna urgente. Os vínculos entre Evangelho e culturas do continente tendem a desaparecer cada vez mais. Essa ruptura é uma realidade nova para a América Latina. A principal consequência advém de que os mecanismos culturais, que, durante séculos, garantiram a transmissão da fé, tornaram-se ineficazes.³⁵⁸

A relevância desses fatos está ligada aos graves problemas da transmissão da fé às novas gerações (DA 100d, 365) e dos que se assumem como cristãos. “Surge, concomitantemente, o problema da incidência ético-existencial do Cristianismo que, na sua identidade, é sal, fermento e luz”.³⁵⁹ Os desafios e as urgências são detectadas, o problema está nos critérios que identificam posicionamentos e apontam soluções.

Vários são os caminhos diante do pluralismo, em que circulam várias formas de compreender a realidade, seja em nível sociocultural, seja em nível pessoal. Aparecida indica como pista evangelizadora central o “recomeçar a partir de Cristo” (DA 41). Importante é destacar que não se trata apenas da questão teologicamente importante de afirmar a centralidade de Jesus Cristo. “Estamos também diante de uma questão antropológica relevante, a saber, a importância de um eixo articulador para o conjunto da vida de pessoas, grupos e povos”.³⁶⁰ A proposta de Jesus é abrangente, não há uma única instância onde não penetrem os valores do Evangelho. Entende-se, então, a referência bíblica para o tema da V Conferência: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida!” (Jo 14,6).

Um significativo eixo cristológico de Aparecida é manifestado por Bento XVI, em seu discurso inaugural, na passagem bíblica 2 Cor 8, 9, repetida no *Documento de Aparecida* (DA 131; 392). Trata-se do Jesus da *kénosis*, da Cristologia da saída de si, do esvaziamento, da gratuidade, da alteridade, do encontro e da missão. Essa concepção de Jesus³⁶¹ conduz a Igreja a ser cada vez mais missionária e samaritana (DA 27).

Ainda que o *Documento de Aparecida* seja relativamente homogêneo, apesar de ter

³⁵⁸ “Embora o termo não seja mencionado em Aparecida, pode-se dizer que estamos em tempos de exculturação [...]. Aparecida nos ensina a não restringir o olhar, no sentido de que a exculturação é realidade somente européia. Num mundo globalizado, o Oceano Atlântico não é barreira para a mudança de época”. (BRIGUENTI, A. Aparecida: as surpresas, suas propostas e novidades. *Perspectiva Teológica*, ano XXXIX, n. 109, p. 305, set./out. 2007).

³⁵⁹ AMADO, J. P. Mudança de época e conversão pastoral: uma leitura das conclusões de Aparecida. *Atualidade Teológica*, ano XII, n. 30, p. 306, set./dez. 2008.

³⁶⁰ Id.

³⁶¹ Convém olhar com atenção para os números 131 e 357 do *Documento de Aparecida*. Eles ajudam no esclarecimento da opção cristológica da conferência. (Id., p. 307).

sido redigido simultaneamente em partes, nas diferentes comissões temáticas, muitas delas guardaram suas especificidades. Esse fato dificulta um pouco a identificação da proposta evangelizadora de fundo. Nessa perspectiva, Brighenti³⁶² faz uma síntese do texto em cinco pontos.

O ponto de partida é a realidade que nos interpela, pois contradiz o Reino de Vida. Seguindo o método ver-julgar-agir, considera uma proposta de ação, partindo da realidade do povo. Para isso, procurou discernir os “sinais dos tempos”, conforme fez o Concílio Vaticano II.

Faz parte deste *ponto de partida*, o fato de se estar imersos em um processo de globalização excludente, afetando os mais pobres, gerando novos “rostos” da pobreza. Não se trata do problema da opressão, mas da exclusão social. Trata-se da riqueza que gera pobreza. Os excluídos não são só *explorados*, mas *descartáveis e supérfluos* (DA 65). Visando o lucro, subordina-se inclusive a preservação da ecologia (DA 66): a natureza está sendo agredida; a terra, depredada; a água chega a ser disputada pelas grandes potências, como a Amazônia (DA 84).

O segundo ponto é o *ponto de chegada*, ou seja, a vida em plenitude para a pessoa inteira e para os povos. Para nós, cristãos, a cultura da morte não tem a última palavra. Para Aparecida, o *ponto de chegada* da missão não é a Igreja. A missão de todo discípulo missionário de Jesus Cristo é dar continuidade à sua obra. O Evangelho é Boa Nova de vida, e seguir Jesus significa colocar-se a serviço da *vida em plenitude*, inclusive da vida da natureza, da criação de Deus dada a nós, a fim de que cuidemos dela e sirva para todos.

A obra da evangelização está intimamente ligada à promoção humana. De um lado, levando à autêntica libertação da pessoa inteira e de todas as pessoas, tornando-as sujeito do próprio desenvolvimento (DA 399); de outro, Deus, em Jesus, não redime somente a pessoa, mas salva também as relações sociais entre os seres humanos (DA 359), conforme estabeleceu o Vaticano II.

Um terceiro aspecto é a exigência de uma *Igreja em estado permanente de missão*. A missão dos discípulos é contribuir para que, já a partir deste mundo, o *ponto de partida* (a cultura da morte) se aproxime, ao máximo, do *ponto de chegada* (uma cultura da vida), pela promoção da vida plena da pessoa inteira e de todas as pessoas.³⁶³

³⁶² BRIGUENTI, A. Aparecida: as surpresas, suas propostas e novidades. *Perspectiva Teológica*, ano XXXIX, n. 109, p. 318, set./out. 2007.

³⁶³ *Ibid.*, p. 319.

Para que isso aconteça, Aparecida propõe enfrentar quatro exigências que são verdadeiramente desafiantes: desinstalar-se do comodismo; cada comunidade deve ser um centro irradiador da vida; a Igreja inteira precisa impregnar-se da missionariedade, e a atual pastoral de manutenção passar a ser uma pastoral missionária.

Chega-se, então, ao quarto ponto, em face de uma realidade que contradiz o Reino de Vida de Jesus Cristo, a exigência de constituir-se em uma Igreja em *permanente estado de missão*, promotora da vida em plenitude para todos, apresentando duas implicações: a conversão pastoral e a renovação eclesial.³⁶⁴

Por fim, o quinto ponto a ser destacado em Aparecida diz respeito ao itinerário da Igreja numa caminhada à luz da *opção pelos pobres*. Para responder à exigência de uma Igreja em estado permanente de missão com suas decorrentes implicações, o documento propõe percorrer um caminho, em quatro etapas (DA 226), com base na opção preferencial pelos pobres (DA 94; 100; 128; 146; 179; 353; 391; 392; 395; 396; 397; 398; 399; 409; 446; 491; 501). As etapas a serem consideradas são: experiência pessoal de fé; vivência comunitária; formação bíblico-teológica e compromisso missionário de toda comunidade.³⁶⁵

A surpresa do *Documento de Aparecida* é que a Igreja da América Latina e do Caribe, não só resgatou as conquistas de sua tradição recente, mas se lançou “em águas mais profundas”, trazendo novidades. Sua proposta evangelizadora é inovadora e arrojada. Quando se fala em novidades, não se está fazendo referência a inovações absolutas; trata-se, sim, de desdobramentos da renovação do Concílio e da tradição latino-americana, “os quais, em última instância, estão dentro do processo ‘volta às fontes’ bíblicas e patrísticas”.³⁶⁶

3.2.2 A transmissão da fé no Brasil contemporâneo

A expressão da atividade missionária no Brasil está presente nos documentos da CNBB: Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora (2011-2015), aprovado na 49ª Assembleia dos Bispos e no documento *Comunidades de Comunidades: uma nova paróquia. A Conversão pastoral da paróquia* (2014), gerado na 52ª Conferência Nacional dos Bispos.

As diretrizes, voltadas a Cristo, não tiram os pés do chão da realidade; ao contrário,

³⁶⁴ BRIGUENTI, A. Aparecida: as surpresas, suas propostas e novidades. *Perspectiva Teológica*, ano XXXIX, n. 109, p. 320-321, set./out. 2007.

³⁶⁵ *Ibid.*, p. 322-323.

³⁶⁶ *Id.*, p. 324.

identificam as urgências e propõem caminhos para seu enfrentamento. Em espírito de comunhão, oferecem indicações para que as urgências sejam concretizadas nos planejamentos das Igrejas particulares. São cinco as urgências propostas:

Igreja em estado permanente de missão; Igreja: casa da iniciação à vida cristã; Igreja: lugar de animação bíblica da vida e da pastoral; Igreja: comunidade de comunidades; Igreja a serviço da vida plena para todos. Elas indicam um modo pedagógico de expressar um único e grande passo em nossos dias: reconhecer-se em estado permanente de missão. Isso implica o anúncio e o reanúncio de Jesus Cristo, possibilitando aos que não O conhecem ou que d'Ele se afastaram ouvir o núcleo da Boa-Nova da Salvação (DGAE, p.10).

Através do enfrentamento dessas, dimensões a Igreja do Brasil procura caminhar numa mesma direção: nos planejamentos locais, partindo das diretrizes, as urgências se concretizarão em cada um dos específicos contextos, ficando, assim, respeitadas duas características que são indispensáveis à Igreja: a unidade e a adversidade (DGAE, p. 11).

O Documento *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia. A conversão da paróquia* “busca iluminar nosso ser Igreja, sermos comunidade dos que vivem em Cristo Jesus, iluminados e guiados pela força e suavidade do Espírito Santo, acolhidos pela bondade materna do Pai” (CCNP, p. 8). Na Assembleia Ordinária da CNBB em 2014, o tema foi debatido e aprofundado.

Esse documento volta-se à atual paróquia necessitada de conversão pastoral. Utiliza-se da proposta eclesiológica proposta pelo Concílio Vaticano II, consolida a proposta do *Documento de Aparecida*, concretizando as diretrizes da CNBB que insistem na renovação paroquial. Fundamenta-se, também, nos pronunciamentos do Papa Francisco quando de sua visita ao Brasil, em 2013. Igualmente a exortação apostólica *Evangelii Gaudium* que propõe um novo olhar e uma nova prática pastoral que incida diretamente sobre as comunidades (CCNP, 5).

O texto nasce da integração desses elementos e é constituído de seis capítulos. O primeiro inspira-se na *Gaudium et Spes*, com a indicação dos sinais dos tempos que interpelam a paróquia. Procura, analisando a realidade, detectar alguns aspectos da realidade que clamam pela conversão pastoral. O segundo, inspirado nas primeiras comunidades cristãs, retornando às fontes, procura encontrar a luz para a conversão pastoral da paróquia. No Capítulo 3, há um resgate histórico do desenvolvimento das comunidades paroquiais, recuperando pontos que merecem mais atenção. O Capítulo 4 destaca os fundamentos eclesiológicos da comunidade, ressaltando a visão de Igreja proposta pelo Concílio Vaticano

II. O Capítulo 5 aborda os sujeitos e as tarefas da conversão pastoral para destacar a missão de cada cristão no contexto paroquial. No Capítulo 6, apresenta algumas propostas para que a paróquia se torne *comunidade de comunidades* (CCNP, 6).

3.3 A TRANSMISSÃO DA FÉ NA *EVANGELII GAUDIUM*

A crise na transmissão da fé permite à *Evangelii Gaudium* interrogar-se sobre o que entendemos por transmissão, principalmente da importante passagem de geração em geração da confissão e do testemunho e dos valores das crenças da fé cristã.

Todos têm o direito de receber o Evangelho. Os cristãos têm o dever de o anunciar, sem excluir ninguém, e não como quem impõe uma nova obrigação, mas como quem partilha uma alegria, indica um horizonte estupendo, oferece um banquete apetecível. A Igreja não cresce por proselitismo, mas “por atração” (EG 14).

Partindo dessas palavras, pode-se dizer que um processo de evangelização autêntico

será aquele capaz de envolver e dialogar com a racionalidade (cabeça), a afetividade (coração) e deve conseguir harmonizar a explicação da doutrina ou os conteúdos da fé cristã, com a preocupação na tradução em comportamentos éticos que brotam da paixão/atração pela pessoa do Senhor Jesus.³⁶⁷

Sem essa harmonia, a autêntica evangelização não pode acontecer. A exortação aponta caminhos no sentido de *evangelizar* no contexto contemporâneo. Sobre as possibilidades e sentido, transmitir de uma geração à outra, de maneira radiante, oralmente (EG 145), através da escritura (EG 174-175), com os modos de agir (EG 176-258), com as técnicas e com as artes (EG 169-173), a Boa-Nova do Evangelho de Jesus Cristo. Trata-se de um sentido de *evangelizar*, rico e diversificado, que pode ser assim expresso:

O bem tende sempre a comunicar-se. Toda a experiência autêntica da verdade e de beleza preocupa por si mesma, a sua expansão; e qualquer pessoa que viva uma libertação profunda adquire maior sensibilidade face às necessidades dos outros. E, uma vez comunicado, o bem radica-se e desenvolve-se. Por isso, quem deseja viver com dignidade e em plenitude não tem outro caminho senão reconhecer o outro e buscar o seu bem (EG 9).

A Igreja, do ponto de vista da sua *práxis* pastoral, está sendo convocada a passar por

³⁶⁷ MORAES, A. O. O anúncio do Evangelho na atualidade: uma introdução à *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, J. P.; FERNANDES, L. A. (Org.). *Evangelii Gaudium: em questão*. Rio de Janeiro: PUCRIO; São Paulo: Paulinas, 2014, p. 43.

uma transformação, que deverá produzir modificações no seu ser (EG 20-24) e no seu agir (EG 25-33). No atual contexto, há um fenômeno dúplice e paradoxal. De um lado, fica cada vez mais claro que a fé cristã manifesta seu vigor e sua verdade quando é “sal e fermento” na vida das pessoas, quando se torna capaz de ser chave interpretativa e orientadora na verdade de Jesus Cristo, que é o centro do Evangelho (EG 34-39); de outro, a condição moderna faz com que uma parcela da população ocidental considere a fé cristã como pouco incidente na vida cotidiana (EG 40-45).³⁶⁸

A *Evangelii Gaudium* faz o diagnóstico da atual situação pastoral apresentando complexidade, pluralidade e extrema variedade. Concomitantemente, há a secularização, com a remoção de Deus da vida pública; a mentalidade racional volta-se ao sucesso econômico e ao consumismo; existe o indiferentismo e o relativismo. Todavia, se percebe um novo interesse pela espiritualidade e uma grande disponibilidade; há nas paróquias a presença de um laicato maduro. Pode-se dizer que a situação pastoral não é desesperadora, mas que o novo não acontece automaticamente. A Igreja precisa ser renovada.

O anúncio do Evangelho no mundo atual deve ser entendido em chave de reproposição da mensagem cristã. “Trata-se de propor a fé no hoje para a construção do amanhã, e de ser, mediante a renovação da vida cristã [...], fermento para a renovação da humanidade”.³⁶⁹ Assim, hoje, evangelizar é apresentar a resposta cristã a uma nova situação.

“Os dois trilhos que sustentam o texto da exortação são a pastoral e a espiritualidade, ou, se quisermos, a missão e a mística. O autor do documento é um ‘pastor místico’ que não tem temor de expor suas crenças e esperanças”.³⁷⁰ O Papa Francisco, abrindo seu coração, pretende que o leitor também o faça.

Ao que tudo indica a recepção da exortação, para que seus conteúdos sejam acolhidos na prática pastoral, exigirá traduzi-los na vivência da fé cristã pessoal, comunitária e institucional. “Esta recepção exige renovação de mentes, de práticas pastorais e de estruturas eclesiais, em vista da imprescindível missão evangelizadora do mundo atual”.³⁷¹

Para haver transmissão de fé, o universo simbólico precisa ser tocado, seja aquele que exprime o humano, seja aquele que exprime o divino. Nesse norte, são necessárias mudanças

³⁶⁸ MORAES, A. O. O anúncio do Evangelho na atualidade: uma introdução à *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, J. P.; FERNANDES, L. A. (Org.). *Evangelii Gaudium: em questão*. Rio de Janeiro: PUCRIO; São Paulo: Paulinas, 2014, p. 44.

³⁶⁹ *Ibid.*, p. 45.

³⁷⁰ *Id.*

³⁷¹ *Id.*

de paradigmas no âmbito da missão evangelizadora.

Dessa forma, evangelizar é iniciar, de maneira consciente, o universo simbólico da pessoa, o que ocorre na experiência de um processo total mediante o qual o Evangelho torna-se fundamento do novo modo de ver e ser de quem abraçou a fé cristã. A Igreja, “mãe de coração aberto” (EG 46-49) acompanhará essa dinâmica iniciática e deve compreender a si mesmo como templo do Espírito. É importante destacar que “em qualquer forma de evangelização, o primado é sempre de Deus, que quis chamar-nos para colaborar com ele e impelir-nos com a força do seu Espírito” (EG 12). Essa convicção nos permite manter a alegria no meio de uma tarefa desafiadora e exigente que ocupa inteiramente a nossa vida. “Pede-nos tudo, mas ao mesmo tempo dá-nos tudo” (EG 12).

3.4 TAREFAS NA EVANGELIZAÇÃO CONTEMPORÂNEA

Uma das tarefas que foi legada pela *Gaudium et Spes* é a de entender as consequências de sua teologia para o que deve ser coerente com a espiritualidade cristã. Contra a tentação do eclesiocentrismo há, de fato, na constituição, um duplo descentramento da Igreja: com relação ao mundo e com relação a Jesus. “A Igreja não tem o fim em si mesma. É meio, instrumento, está a serviço do mundo. E a única maneira de não se absolutizar é deixar que Jesus Cristo seja de fato o seu Senhor”.³⁷² Mas para que isso ocorra, é necessário relativizar todos os pequenos senhores que ela tende a fazer ao longo da história.

Segundo Palácio, “falta-nos, desesperada e urgentemente, uma teologia da história capaz de articular em bases totalmente novas o ‘humano’ e o ‘divino’, o ‘mundano’ e o ‘espiritual’”.³⁷³ Ou melhor, uma teologia da vida e da existência cristã no mundo, a qual seja cristologicamente consequente. E a Cristologia só será consequente quando se deixar de projetar sobre Jesus Cristo o que as nossas antropologias pensam do homem, e se aceitar que é possível pensar e viver a partir de Jesus Cristo. “Ou seja, quando o Espírito de Jesus nos fizer encontrar a unidade perdida entre criação, salvação e história, porque no fundo é disso que se trata”.³⁷⁴

A consistência de uma nova presença da Igreja no mundo exigia repensar

³⁷² PALÁCIO, C. O legado da *Gaudium et Spes*: riscos e exigências de uma nova condição cristã. *Perspectiva Teológica*, ano XXVII, n. 73, p. 349, set./dez. 1995.

³⁷³ *Ibid.*, p. 347.

³⁷⁴ *Id.*

teologicamente a questão fundamental da relação entre fé cristã e história. Para isso, “basta repensar a salvação como o primeiro e mais fundamental dom pelo qual Deus cria dando-se e para dar-se. O resto é ‘consequência’ desse gesto totalmente livre de amor”.³⁷⁵

Mas era preciso traduzir essa teologia numa espiritualidade coerente com ela. Considera-se essa uma das necessidades que se destacou com força no tempo pós-conciliar. Reconhecer esse problema é aceitar o que a *Gaudium et Spes* considerava como “um dos mais graves do nosso tempo”: a separação, até a ruptura, entre fé e vida (GS 43,1). Por isso, fala-se aqui de uma nova espiritualidade como um dos legados da *Gaudium et Spes*.

Essa experiência é inseparável daquilo que a *Lumen Gentium* chamou de a vocação de todos os cristãos à santidade, fato que significou uma revolução na maneira de entender a *vida espiritual*. Longe de ser algo apêndicular na vida do cristão, a “vida espiritual é experiência radical e unificada de viver no mundo, mas segundo o Espírito de Jesus. O lugar da experiência, portanto, é a vida, o mundo, a história”.³⁷⁶ O novo que Jesus trouxe não é passar das *coisas da terra* para as *coisas do alto*, mas deixar de viver *segundo a carne* e começar a viver *segundo o Espírito*.³⁷⁷ O cristão não tem que abandonar o mundo para chegar a Deus. Essa teologia e essa espiritualidade produziram consequências eclesiológicas. A Igreja não tem um fim em si mesma. É meio, está a serviço do mundo.

3.4.1 A nova evangelização

Para um entendimento melhor do sentido da realidade *nova evangelização*, precisa-se saber inicialmente o que é evangelizar. Na introdução da *Evangelii Nuntiandi* (1975), ensina Paulo VI:

O empenho em anunciar o Evangelho aos homens do nosso tempo, animados pela esperança mas ao mesmo tempo torturados muitas vezes pelo medo e pela angústia, é sem dúvida alguma serviço prestado à comunidade dos cristãos, bem como a toda humanidade (EN 1).

Considerando a tarefa de evangelizar, o pontífice procurou reconfortar “os nossos irmãos na missão de evangelizadores, a fim de que, nestes tempos de incerteza e de desordem,

³⁷⁵ PALÁCIO, C. O legado da *Gaudium et Spes*: riscos e exigências de uma nova condição cristã. *Perspectiva Teológica*, ano XXVII, n. 73, p. 347, set./dez. 1995.

³⁷⁶ *Ibid.*, p. 349.

³⁷⁷ “Essa perspectiva, por si só, significa a subversão de todo o sistema cultural no qual vivemos (o modo de pensar, o sistema de valores e as traduções simbólicas), no que diz respeito ao ‘mundo’ e no que se refere a ‘Deus’”. (Id.).

eles a desempenhem cada vez com mais amor, zelo e alegria” (EN 1).

Essa exortação de Paulo VI, considerando as propostas dos bispos de 1974, tinha como tema *A evangelização no mundo de hoje*. Trata-se de um documento que vem influenciando decisivamente na vida da Igreja até o momento presente. Nesse compasso, optou-se, nessa pesquisa, citar alguns trechos da exortação que definem para todas as pastorais e movimentos da Igreja uma identidade e um caminho que são um referencial permanente para a sua vida e atuação.

Segundo a *Evangelii Nuntiandi*, “evangelizar constitui, de fato, a graça e a vocação própria da Igreja, sua mais profunda identidade” (EN 14). Logo, onde faltar o empenho em evangelizar, aí falta também a identidade eclesial, ou melhor, aí não está presente a Igreja de Jesus Cristo.

Mas o que é evangelizar? A evangelização é “uma realidade rica, complexa e dinâmica” e, por isso, “é impossível captá-la se não se procura abranger com uma visão de conjunto todos os seus elementos essenciais” (EN 17). Nesta realidade “rica, complexa e dinâmica”, uma coisa não pode jamais faltar: “não haverá nunca evangelização verdadeira se o nome, a doutrina, a vida, as promessas, o reino, o mistério de Jesus de Nazaré, o Filho de Deus, não forem anunciados” (EN 22). E ainda:

A evangelização há de conter também sempre ao mesmo tempo como base, centro e ápice do seu dinamismo uma proclamação clara que em Jesus Cristo, Filho de Deus feito homem, morto e ressuscitado, a salvação é oferecida a todos os homens, como dom da graça e da misericórdia do mesmo Deus (EN 27).

“‘Não haverá nunca’ e ‘há de conter sempre’ são expressões muito fortes que nos fazem questionar: por que será que o papa insiste nisto que é tão óbvio, tão evidente? É que sem isso não há nem evangelização, nem Igreja, nem pastoral”.³⁷⁸ A razão de ser da Igreja, é o encontro com Cristo Vivo e, nele, a comunhão com o Pai no Espírito, constituindo seu mistério e a raiz permanente de sua missão.

É nessa perspectiva que a Igreja necessita oferecer uma resposta ao momento de crise que abrange também a vida cristã. *A nova evangelização* reclama uma renovada modalidade de anúncio. Num primeiro momento, a Igreja deve ter a coragem de se colocar, para ousar um

³⁷⁸ RODRIGUES, E. B. S. *A nova evangelização*. Disponível em: <domeduardo@arquidiocesesorocaba.org.br>. Acesso em: 15 out. 2014.

recomeço da sua vocação espiritual e missionária. A nova evangelização³⁷⁹ quer uma Igreja que reconhece o bem que também existe dentro dos novos cenários, dando nova vitalidade à própria fé e ao seu empenho evangelizador.³⁸⁰

3.5 A CONVERSÃO PASTORAL

Há um questionamento que percorre a *Gaudium et Spes* e que se encontra presente em *Medellín*, permeia o *Documento de Aparecida* e perpassa a *Evangelii Gaudium*: Como incluir pessoas dentro de um sistema que é por si mesmo excludente?³⁸¹ A essas e tantas outras perguntas a Igreja tenta encontrar respostas. Nesse sentido, o Papa Francisco fala da necessidade de uma “pastoral em conversão” (EG 25; 26) e de uma “renovação eclesial inadiável” (EG 27-33).

Sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à autopreservação. A reforma das estruturas, que a conversão pastoral exige, só se pode entender neste sentido: fazer com que todas elas se tornem mais missionárias [...], toda a renovação na Igreja há de ter como alvo a missão, para não cair vítima duma espécie de introversão eclesial (EG 27).

A conversão pastoral envolve mudança de estruturas e métodos eclesiais, mas principalmente depende da conversão de seus agentes, dos presbíteros, dos religiosos e dos leigos. “A expressão ‘conversão pastoral’ remete, em primeiro lugar, a uma conversão a Jesus Cristo. Trata-se de uma conversão pessoal e comunitária”.³⁸² Faz-se necessário “renovar em

³⁷⁹ LINEAMENTA. Sínodo dos Bispos: XIII Assembleia Geral Ordinária. *A nova evangelização*. São Paulo: Paulinas, 2012.

“O adjetivo ‘nova’ refere-se à transformação do contexto cultural e remete para a necessidade de a Igreja recuperar as energias, a vontade, o frescor e o engenho no seu modo de viver a fé e de a transmitir” (Ibid., p. 47).

³⁸⁰ Id.

O documento de Puebla (1979) tratou a respeito de “situações novas que nascem de mudanças socioculturais a exigirem uma outra evangelização” (DP 366). Santo Domingo (1992) insistiu na necessidade de evangelizar inculturando o Evangelho. Mas é com João Paulo II que foi consagrada a expressão: nova evangelização, explicitando em que consiste a novidade: “novo ardor, novos métodos e novas expressões” (MIRANDA, F. M. Conjuntura eclesial e Sínodo para uma nova evangelização. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis: Vozes, n. 283, p. 684, jul. 2011).

³⁸¹ “Este é o apelo ao compromisso social que terá como protagonistas principais os leigos e leigas. Encontramos no Documento de Aparecida quatro referências à Constituição Pastoral (DA 174 = GS 43; DA 211 = GS 43; DA 399 = GS 76; DA 477 = GS 43), todas elas se referem a esta inserção do laicato para buscar novos caminhos. A participação na ação pastoral se estende, inclusive, no exercício dos ministérios que lhe competem”. (MANZINI, R. *Gaudium et Spes*: diálogo permanente com o mundo. Disponível em: <www.sapientia.pucsp.br/tde_arquivos/34/.../Rosana%Manzini>. Acesso em: 23 out. 2014).

³⁸² BRUSTOLIN, L. La conversión pastoral de la parroquia. La renovación parroquial em América Latina. *Revista Lateranum*, Roma: Lateran University Press, v. LXXX, p. 21, 2014/1.

cada cristão batizado o ardor de ser discípulo do Mestre e missionário da Boa Nova. Emprega-se o termo *conversão* para indicar a mudança que é necessária”.³⁸³ Há um grande número de batizados, inclusive agentes de pastoral, que nunca fizeram a experiência de encontro com Jesus Cristo. Muitos vivem o Cristianismo de maneira sacramental, não permitindo que o Evangelho renove sua vida. “Outros perderam o sentido do discipulado e esquecem a força missionária que o seguimento implica. A mudança supõe uma nova mentalidade”.³⁸⁴

O Papa Francisco propõe que a acolhida supere o anonimato e a solidão de muitos frequentadores das paróquias, sugerindo uma atenção personalizada, a escuta das pessoas com seus problemas, angústias e tristezas. “Não se trata de mudanças das regras, princípios e normas da tradição cristã [...], significa assumir uma postura menos burocrática, menos julgadora, menos fria e mais misericordiosa”.³⁸⁵ Isso só poderá ocorrer com a conversão a Jesus Cristo. Trata-se de acolher as pessoas socialmente excluídas e moralmente perdidas a fim de lhes devolver sua dignidade.

A conversão pessoal e comunitária andam juntas, pois fundamentam-se na experiência de Deus que as pessoas e as comunidades conhecem. Somente assim será possível superar uma pastoral de mera conservação, para assumir uma pastoral decididamente missionária; uma atitude que, valente e profeticamente, o Documento de Aparecida chamou de conversão pastoral. Para que esta realidade ocorra, os bispos, presbíteros e todo o Povo de Deus necessitam assumir a revitalização das comunidades.³⁸⁶

A exortação apostólica *Evangelii Gaudium* explica as consequências advindas dessa conversão:

A reforma das estruturas, que a conversão pastoral exige, só podem ser entendidas neste sentido: fazer com que todas elas se tornem mais missionárias, que a pastoral ordinária em todas as instâncias seja mais comunicativa e aberta, que coloque os agentes pastorais em atitude de “saída”, e assim favoreça a resposta positiva de todos aqueles a quem Jesus oferece a sua amizade (EG 27).

Logo em seguida, o Papa Francisco aborda a importância das paróquias e faz um veemente apelo à revisão e renovação das mesmas, para que se tornem mais próximas das pessoas, sendo âmbitos de viva comunhão e participação, completamente orientadas à missão (EG 28).

³⁸³ BRUSTOLIN, L.A. La conversión pastoral de la parroquia. La renovación parroquial em América Latina. *Rivista Lateranum*, Roma: Lateran University Press, v. LXXX, p. 21, 2014/1.

³⁸⁴ *Ibid.*, p. 22.

³⁸⁵ *Id.*, p. 22.

³⁸⁶ PAPA FRANCISCO. *Palavras do Papa Francisco no Brasil*, p. 54.

3.5.1 A conversão pastoral da paróquia

A paróquia, há muitos séculos, “tem sido a presença pública da Igreja em diferentes lugares. Ela é referência para os batizados. Sua configuração social, entretanto, tem sofrido profundas alterações nos últimos tempos” (DCC, 1). Com a mudança de época e o processo de secularização, a influência da paróquia na sociedade foi diminuindo. Há muitos obstáculos para que seus membros se sintam participantes de uma autêntica comunidade cristã.

Não é de hoje que os documentos eclesiais pedem esforços de renovação. João Paulo II afirmou:

A comunhão eclesial, embora possua sempre uma dimensão universal, encontra sua expressão mais imediata e visível na paróquia [...]. É necessário que todos redescubramos, na fé, a verdadeira face da paróquia, ou seja, o próprio mistério da Igreja presente e operante nela (ChL 26).

O *Documento de Aparecida* lembra que

a renovação das paróquias no início do terceiro milênio exige a reformulação de suas estruturas, para que seja uma rede de comunidades e grupos, capazes de se articular conseguindo que seus membros se sintam realmente discípulos missionários de Jesus Cristo em comunhão (DA 172).

A *Evangelii Gaudium* considera a revisão da situação atual da paróquia, afinal, ela “não é uma estrutura caduca”, porque possui grande plasticidade, podendo assumir diferentes formas que necessitam de criatividade missionária do pastor e da comunidade³⁸⁷ (EG 28).

O primeiro desafio para essa conversão é a falta de consciência comunitária instalada via individualismo moderno, percebido, inclusive, entre os próprios agentes da pastoral paroquial. É a cultura do egoísmo desenvolvida no cotidiano de muitas pessoas. Não raro encontram-se paróquias que têm vida religiosa e sacramental intensa, porém sem vida comunitária entre seus membros. A experiência com o sagrado é vivida sem compromisso com a solidariedade e a fraternidade.

Mas, diante da crise, percebe-se a redescoberta do grande valor da paróquia na Igreja de nossos dias. A sede de espiritualidade das pessoas mostra que a paróquia pode transformar-se num centro mistagógico. Nesse sentido, é preciso flexibilizar o aspecto territorial e

³⁸⁷ Além da paróquia, “as outras instituições eclesiais, comunidades de base e pequenas comunidades, movimentos e outras formas de associação são uma riqueza da Igreja que o Espírito suscita para evangelizar todos os ambientes e setores. Frequentemente trazem um novo ardor evangelizador e uma capacidade de diálogo com o mundo que renovam a Igreja” (EG 28).

geográfico da paróquia para que os membros da comunidade possam se conhecer mais e se ajudar mutuamente. O vazio existencial e a depressão tão frequentes na atualidade seriam enfrentados numa comunidade amiga e fraterna, capaz de ser samaritana, acolhendo os caídos em consequência de uma cultura egoísta e consumista.

A conversão pastoral da paróquia exige uma mudança de mentalidade em relação ao protagonismo dos leigos. A falta de presbíteros para atender às comunidades cristãs predispõe a uma atuação maior por parte dos leigos. O Concílio Vaticano II exorta:

Habituem-se os leigos a trabalhar na paróquia, intimamente unidos aos seus sacerdotes; a trazer para a comunidade da Igreja os problemas próprios e os do mundo e as questões relativas à salvação dos homens, para serem examinados e resolvam no confronto de vários pareceres (AA 10).

Os leigos não podem ser uma alternativa à falta de clero para atender à pastoral. Para que o laicato possa exercer melhor o sacerdócio comum dos batizados, é necessário que os presbíteros facilitem seu protagonismo: “Isso exige, da parte dos pastores, maior abertura de mentalidade para que entendam e acolham o ‘ser’ e o ‘fazer’ do leigo na Igreja” (DA 213). Supõe, ainda, que o pároco valorize as lideranças leigas, principalmente as novas gerações, formando-as discípulos missionários. Nesse contexto, faz-se necessário compartilhar com os leigos as decisões econômicas e pastorais. O pároco também deve ficar atento às novas lideranças, multiplicando o número de pessoas que realizam os diferentes ministérios nas comunidades.

Destaca-se outro fator para a conversão pastoral: a acolhida personalizada na comunidade. Hoje, a sociedade, com muita facilidade, “descarta” as pessoas. As famílias também apresentam dificuldades de cunho afetivo. Idosos e enfermos se sentem um peso em sua casa. Nesse ponto, a comunidade cristã promoveria o humanismo integral e solidário, no seio do qual as pessoas ocupariam o centro de suas ações. “A personalização da pastoral será um dos exercícios mais exigentes para a comunidade, pois seus membros devem estar preparados”:³⁸⁸

Hoje que a Igreja deseja viver uma profunda renovação missionária, há uma forma de pregação que nos compete a todos como tarefa diária: é cada um levar o Evangelho às pessoas com quem encontra, tanto aos mais íntimos como aos desconhecidos. É a pregação informal, que se pode realizar durante uma conversa, e é também a que realiza um missionário quando visita um lar. Ser discípulo significa ter a disposição permanente de levar aos outros o amor de Jesus; e isto sucede espontaneamente em qualquer lugar: na rua, na praça, no trabalho, num caminho (EG 127).

³⁸⁸ BRUSTOLIN, L. A. La conversión pastoral de la parroquia. *Rivista Lateranum*, Roma: Lateran University Press, v. LXXX, p. 24, 2014/1.

Nessa nova configuração paroquial, também a atuação dos presbíteros precisa ser revista:

O pároco precisa ser um homem de Deus que fez e faz uma profunda experiência de encontro com Jesus Cristo. Sem essa mística, toda renovação ficará comprometida. Essa vivência de discípulo fará o pároco ir ao encontro dos afastados de sua comunidade; caso contrário, contentar-se-á com os aspectos da administração e promoverá uma pastoral de conservação (PDV, 17).

O presbítero, como um bom pastor precisa estar atento às necessidades de seu rebanho, não se deixando envolver pelo ativismo e nem pela apatia de quem não crê mais em mudanças. Ele deve ocupar-se mais das pessoas do que de papéis e construções, para não se transformar num mero administrador do sagrado. Deve voltar-se para formar discípulos missionários acima de tudo.

A nova evangelização exige empenho e criatividade para renovar as comunidades paroquiais. Em tempo de excessiva oferta religiosa, ante o secularismo que ofusca o lugar de Deus na vida das pessoas e apesar de tudo, acentuado individualismo, é preciso recuperar a fé, a confiança e a fidelidade em Deus Trindade: perfeita comunhão de amor.³⁸⁹

É importante ressaltar que “o discípulo de Cristo não é uma pessoa de espiritualidade intimista, mas uma pessoa em comunidade para dar-se aos outros”.³⁹⁰ Portanto, a conversão pastoral da paróquia é muito mais que um planejamento técnico, é a exigência de mudança de mentalidade. Trata-se de recuperar o amor que existia nas primeiras comunidades cristãs, descrita no livro *Atos dos Apóstolos*: “Eles perseveravam no ensinamento dos apóstolos, na comunhão, no partir o pão e nas orações” (At 2,42).

Na fidelidade ao ensinamento do Evangelho, na comunhão fraterna capaz de estabelecer novas relações entre as pessoas, na vivência eucarística de quem comunga o Senhor e por isso serve aos irmãos, a nova paróquia deve recuperar o sentido comunitário da fé cristã.³⁹¹

Atualmente as paróquias são convocadas pelo Espírito Santo a escutarem o que está pedindo a Igreja. Urge que se avalie a força de nossa fé em Jesus Cristo, para que nos impulse à *metanoia* pastoral. “O caminho latino-americano de multiplicação de pequenas comunidades na

³⁸⁹ BRUSTOLIN, L. A. La conversión pastoral de la parroquia. *Rivista Lateranum*, Roma: Lateran University Press, v. LXXX, p. 25, 2014/1.

³⁹⁰ PAPA FRANCISCO. *Palavras do Papa Francisco no Brasil*, p. 72.

³⁹¹ BRUSTOLIN, op. cit., p. 25.

grande paróquia, tem resultado interessante para renovar a vida cristã de muitos paroquianos”.³⁹²

3.5.2 A conversão pastoral no Brasil

É muito difícil classificar a realidade das paróquias no Brasil, porém se podem identificar desafios comuns. Em si, a paróquia está unida a outras paróquias da diocese. Ao mesmo tempo, ela está inserida na sociedade, recebendo e oferecendo influências. “É falsa, portanto, a concepção de paróquia como sendo um todo em si mesmo, formando quase uma comunidade autônoma” (CCNP 28).

No Brasil encontram-se paróquias que não assumiram a renovação proposta pelo Concílio. Falta-lhes um plano pastoral em sintonia com um plano diocesano e a evangelização fica reduzida à catequese de crianças, sem os processos de uma autêntica iniciação cristã.³⁹³ Toda a *vida* da paróquia fica concentrada no pároco, e a evangelização fica restrita apenas ao fortalecimento da fé daqueles que procuram a paróquia (CCNP 29).

Todavia, muitas comunidades e paróquias do País vivenciam experiências de profunda conversão pastoral. São comunidades que se preocupam com a evangelização, e a catequese ocorre como processo de iniciação à vida cristã. A liturgia é viva e participativa, há animação bíblica da pastoral, envolvimento e atuação por parte da juventude, dos ministérios exercidos por leigos, além da existência e atuação dos Conselhos Comunitários, do Conselho Paroquial de Pastoral e do Conselho de Assuntos Econômicos. As pessoas que participam dessas comunidades têm vínculos comunitários. Há interesse e empenho na busca dos afastados, e o que se percebe é que seus membros desenvolvem uma pastoral de comunhão e participação. Porém, com toda essa riqueza, nem sempre atingem a maior parte das pessoas de sua jurisdição, em vista da extensão territorial (CCNP 29-30). “Ainda lhes falta ampliar a ação evangelizadora, através de pequenas comunidades que, juntas, formariam uma única comunidade paroquial” (CCNP 30).

³⁹² BRUSTOLIN, L. A. La conversión pastoral de la parroquia. *Rivista Lateranum*, Roma: Lateran University Press, v. LXXX, p. 26, 2014/1.

³⁹³ “A iniciação cristã constitui um *processo* em vista de um encontro cada vez maior com o Filho de Deus (DA 289). Este processo se inicia por um *encontro inicial* com o Mestre de Nazaré através do anúncio salvífico (*querigma*) e da ação missionária da comunidade, o qual segue a resposta correspondente na mudança de vida (*conversão*) que se desenvolve gradativamente ao longo do *discipulado*, alimentado pela catequese e pelos sacramentos. Naturalmente, todo esse processo acontece na *comunidade* e deveria propiciar uma autêntica experiência eclesial, fortalecida pelo empenho apostólico (*missão*) do cristão” (DA 280). (MIRANDA, M. F. Conjuntura eclesial e Sínodo para uma nova evangelização. *Revista Eclesiástica Brasileira*, n. 283, p. 689, jul. 2011).

Mas o grande desafio das paróquias é sair em missão, ou seja, deixar a rotina e sair ao encontro das pessoas. A *Evangelii Gaudium* anima a superar a mesmice: “A pastoral em chave missionária exige o abandono deste cômodo critério pastoral: ‘fez-se sempre assim’” (EG 33). O Papa Francisco convida “todos a serem ousados e criativos nesta tarefa de repensar os objetivos, as estruturas, o estilo e os métodos evangelizadores das respectivas paróquias” (EG 33). Continua o papa: “é preciso fomentar a mística do discípulo missionário, capaz de promover a paróquia missionária”. Porque “o que derruba as estruturas caducas, o que leva a mudar os corações dos cristãos é, justamente, a missionariedade”.³⁹⁴

O concílio provocou mudança no modo de a Igreja se entender; de uma Igreja preocupada em definir a si mesma e em firmar seu ser e essência, passou a uma Igreja capaz de olhar o mundo, perguntando pelos desafios do mesmo. Uma Igreja capaz de valorizar a atividade humana (GS 3) valorizando suas conquistas, respeitando sua autonomia, uma Igreja capaz de dar nomes às realidades do mundo, compreendendo que, a partir delas é que poderia levar a diante sua missão evangelizadora. Tornaram-se objetos de reflexão, mediante diferentes mediações, a economia, a política, a educação, o social, os problemas humanos, entre outras realidades, sem as quais o Reino de Deus não poderia viabilizar-se e se concretizar.

A centralidade da história e o considerá-la como lugar da revelação divina “em atos e palavras intrinsecamente conexos entre si” (DV 2) mudaram o horizonte epistemológico da teologia e da pastoral. Não se podia continuar apelando somente para a autoridade como avalista da verdade. Foi necessário aceitar com decisão e coragem uma visão encarnada da revelação e que, para falar razoavelmente das realidades divinas, são necessárias mediações. Por isso, uma teologia da história e uma prática pastoral que partam do “ver” a realidade foram consequências lógicas dessa mudança epistemológica.³⁹⁵

O compromisso com a realidade humana não significou um olhar unidimensional; pelo contrário, a justa autonomia das realidades terrestres abriu caminho para uma recíproca fecundação que continua sendo um desafio até hoje. E não podia ser de outra maneira ao proclamar o concílio a autonomia da consciência retamente formada, o respeito às suas livres decisões e a urgente necessidade de proclamar os direitos humanos, como forma de garantir a dignidade de toda pessoa (GS 41).

Mais ainda: reconhecendo que para solucionar os problemas humanos é indispensável a contribuição das ciências, pois elas auxiliam na construção de valores “da verdade, da

³⁹⁴ PAPA FRANCISCO. *Mensagens e homilias*. Jornada Mundial da Juventude, p. 89-90.

³⁹⁵ CARO, O. C. V. A 50 anos do Vaticano II: luzes e desafios. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis: Vozes, n. 283, p. 621, jul. 2011.

bondade, beleza e juízos de valor universal” (GS 57). Consequentemente, foi legitimada a autonomia da cultura, das ciências e de seus respectivos métodos. (GS 59). Também os leigos foram convidados a ter uma formação teológica adequada, para que pudessem contribuir com suas respostas à solução dos desafios do momento presente (GS 62). Em relação ao compromisso político, o Vaticano II afirmou a legítima diversidade e pluralidade de opções políticas e promoveu sua aceitação e tolerância, buscando garantir o bem comum. (GS 75).

Foi, porém, a centralidade dos pobres, assinalada no Vaticano II (GS 1, 63, 66, 69, 88, 90; LG 8, 38, 41; AG 5, 12; PC 13), que impulsionou decisivamente o caminhar da Igreja latino-americana e caribenha, manifestada nas conferências episcopais, especialmente a de Medellín e a de Puebla.³⁹⁶ Impulso esse confirmado na conferência em Aparecida, quando se afirmou que a “opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica” (DA 392), opção que foi destaque no Sínodo dos Bispos (2012) e ponto de referência na pauta da exortação apostólica *Evangelii Gaudium* (2013).

“Nuclearmente, tudo se centra, ontem como hoje, no modo como a Igreja vê a sua relação com o mundo contemporâneo e seus contornos sociais e culturais, com a história humana e suas evoluções”.³⁹⁷

3.6 A GAUDIUM DA FÉ

Na esteira do pensamento conciliar, a exortação apostólica *Evangelii Gaudium* inicia com uma frase lapidar, retomada de seu predecessor, com a qual se refere ao conteúdo programático do texto: “A alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus.” (EG 1). A relação entre *alegria* e *encontro com o Senhor* marcará todo o texto do Papa Francisco.

Paulo VI fez a mesma proposta, através do convite da *Evangelii Nuntiandi* nos seguintes termos:

Convido todo cristão [...] a renovar hoje mesmo o seu encontro pessoal com Jesus Cristo ou, pelo menos, a tomar a decisão de se deixar encontrar por ele, de procurá-lo dia a dia sem cessar. [...] ‘Da alegria trazida pelo Senhor ninguém é excluído’ (EN 22; EG 3).

³⁹⁶ CARO, O. C. V. A 50 anos do Vaticano II: luzes e desafios. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis: Vozes, n. 283, p. 624, jul. 2011.

³⁹⁷ PINHO, J. E. B. *Gaudium et Spes*: a novidade do Concílio Vaticano II vista de dentro e de fora da Igreja Católica. Disponível em: <www.snpcultura.org/gaudium_et_spes_novidade_concilio_vaticano_ii_v...>. Acesso em: 5 maio 2014.

Desse encontro vai crescendo em nós a experiência de amizade com ele, que nos abre ao *outro*: “Somente graças ao encontro ou reencontro com o amor de Deus, que se converte em amizade feliz, é que somos resgatados da nossa consciência isolada e da autorreferencialidade” (EG 8).

Essa amizade com o Senhor, que será a fonte de sua alegria, o cristão vai tecendo através da oração pessoal.³⁹⁸ O Papa Francisco nos convida a visitar os livros da Sagrada Escritura, onde está narrada a história alegre: “Os livros do Antigo Testamento preanunciaram a alegria da salvação, que haveria de tornar-se superabundante nos tempos messiânicos” (EG 4).

A alegria de que se fala aqui não é somente interior; ela apresenta uma causa e sua expressão é encontrada. Ela anseia por ser partilhada, muitas vezes como alegria festiva. No *Antigo Testamento*, ela se apresenta várias vezes num contexto celebrativo. Aparecem inúmeras expressões físicas de alegria, como: cantar, bater palmas, dançar, saltar de alegria. Essa repercussão corporal da alegria denota que ela envolve a pessoa como um todo, corpo e alma. Afirma o papa que os Evangelhos, a Boa-Nova, convidam insistentemente à alegria. (EG 5).

Essa alegria tem sempre uma conotação de comunicação. Quem se alegra quer contagiar os outros. “A alegria de que falamos aqui é alegria espiritual, que abraça psique e sentidos, mas vai além de ambos, pois atinge e expressa o valor do homem. É algo de estável e não eventual”.³⁹⁹

“Contemplando a Jesus que vive, atua e faz somente o que recebe do Pai querido, o exercitante se dá conta de que tudo o que possui é dom e graça e que ele só terá acesso à vida verdadeira se ele próprio entrar nessa dinâmica de gratuidade”.⁴⁰⁰ Para tanto, é preciso sair de si e ir ao encontro do *outro*.

A alegria que vai brotando e contagiando o coração do discípulo põe em movimento o projeto evangelizador da Igreja: “Na Palavra de Deus aparece constantemente este dinamismo

³⁹⁸ “Essa amizade, íntima e profunda, é [...] a única fonte de alegria. Alegria profunda e descentrada, que tem como sua fonte o Amigo que não tem outro ofício que consolar. Alegria que não pode permanecer somente em termos de um gozo íntimo e subjetivo, mas que abre à alteridade ferida e necessitada do irmão, à urgência evangelizadora da missão da Igreja, ao vasto e imenso campo do mundo com suas prioridades e necessidades, no qual é necessário implantar e fazer crescer o projeto do Reino de Deus”. (BINGEMER, M. C. L. La cuarta semana: el don y el desafío de la alegría. *Manresa*, n. 79, p. 148, mar. 2007).

³⁹⁹ COSTA, A. S. Anunciar com alegria: aspectos espirituais da *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, J. P.; FERNANDES, L. A. (Orgs.). *Evangelii Gaudium*: em questão. Rio de Janeiro: PUCRIO; São Paulo: Paulinas, 2014, p. 151.

⁴⁰⁰ *Ibid.*, p. 151.

de ‘saída’ que Deus quer provocar nos crentes [...]: sair da comodidade e ter a coragem de alcançar as periferias que precisam da luz do Evangelho” (EG 20).

“A alegria do Evangelho, que enche a vida da comunidade dos discípulos, é uma alegria missionária” (EG 21). trazendo sempre a dinâmica do êxodo e do dom, de caminhar e de semear sempre de novo, sempre mais além. Diz o Senhor: “Vamos para outra parte, para as aldeias vizinhas, a fim de pregar aí, pois foi para isso que eu vim” (Mc 1,38; EG 21).

Outra fonte de alegria é o encontro pessoal com o amor de Jesus que nos salva. Esse encontro exige uma atenção contemplativa, e o espírito contemplativo nos permite “redescobrir cada dia, que somos depositários de um bem que humaniza, que ajuda a levar uma vida nova” (EG 264). Essa nos fará saborear a sua proximidade e presença na nossa vida.

Aquele que faz essa experiência contemplativa cria em si uma convicção da importância de viver unido a Cristo e da diferença que ele faz em sua vida. “A vida com Jesus se torna muito mais plena e, com ele, é mais fácil encontrar o sentido de cada coisa” (EG 266).

O papa destaca, a seguir, o prazer espiritual de ser povo: “A Palavra de Deus nos convida também a reconhecer que somos povo: ‘Vós que outrora não éreis um povo, agora, sois povo de Deus’.” (1 Pd 2,10; EG 268).

O próprio Jesus é o modelo desta opção evangelizadora que nos introduz no coração do povo. Como nos faz bem vê-Lo perto de todos! Se falava com alguém, fitava os seus olhos com uma profunda solicitude de amor. Vemo-Lo disponível ao encontro [...] sem se importar que o chamem de glutão e beberrão. Fascinados por esse modelo, queremos inserir-nos a fundo na sociedade, partilhamos a vida com todos, ouvimos as suas preocupações, colaboramos material e espiritualmente com as suas necessidades (EG 269).

A alegria que Jesus sente é inseparável dessa vida nova que ele vai oferecendo aos seus irmãos que vão se tornando uma parte integral na sua vida, mas é preciso estar atento aos clamores que chegam até nós do povo sofrido: “O pregador deve também pôr-se à escuta do povo, para descobrir aquilo que os fiéis precisam ouvir. Um pregador é um contemplativo da Palavra e também um contemplativo do povo” (EG 154).

A alegria de anunciar hoje a Boa-Nova nasce do que recuperamos e aumentamos, ou seja, do fervor do espírito, ainda que seja preciso semear com lágrimas. De forma que o mundo de hoje possa receber a Boa-Nova através dos ministros do Evangelho cuja vida irradie ânimo, pois foram eles que receberam primeiro em si a alegria de Cristo (EG 10; EN

80). Somente “evangelizadores com Espírito”⁴⁰¹ conseguem palavras “ardorosas, alegres, generosas, ousadas, cheias de amor até ao fim e feita de vida! [...] Nenhuma motivação será suficiente, se não arde nos corações o fogo do Espírito [...], já que Ele é a alma da Igreja evangelizadora” (EG 261).

⁴⁰¹ “Evangelizadores com espírito quer dizer evangelizadores que se abrem sem medo à ação do Espírito Santo. No Pentecostes, o Espírito faz os Apóstolos saírem de si mesmos e transforma-os em anunciadores das maravilhas de Deus, que cada um começa a entender na própria língua. Além disso, o Espírito Santo infunde a força para anunciar a novidade do Evangelho com ousadia (*parresia*)” (EG 259).

CONCLUSÃO

Após as considerações feitas sobre a constituição pastoral *Gaudium et Spes* e a exortação apostólica *Evangelii Gaudium* acerca da nova evangelização, apresentam-se alguns desafios a serem enfrentados e sugestões de caminhos nos quais a ação eclesial deve continuar a anunciar com alegria o Evangelho na perspectiva do Concílio Vaticano II. Ao mesmo tempo, procura-se evidenciar se há similitude, ou não, entre os dois documentos pesquisados, um de ontem (*Gaudium et Spes*) e outro de hoje (*Evangelii Gaudium*). Dessa forma, analisa-se como a relação desses dois documentos podem orientar a transmissão da fé cristã no mundo contemporâneo.

O caminho de uma constante conversão. O Concílio Vaticano II olhou o mundo para responder às “alegrias e esperanças, às tristezas e angústias do ser humano de hoje” (GS 1). É necessário que continue a olhá-lo para descobrir a situação do momento. Quem se abre ao outro e ao Outro, quem olha para o outro, se abre à conversão. “É dom do Espírito olhar com olhos dispostos a deixar-se impactar, interpelar, converter”.⁴⁰² Essa é a atitude que o Papa Francisco tanto propõe à Igreja da atualidade: “Espero que todas as comunidades se esforcem por atuar com os meios necessários para avançar no caminho duma conversão pastoral e missionária, que não pode deixar as coisas como estão” (EG 25).

O caminho que leva ao encontro dos excluídos. A Igreja deve ser um caminho para a pobreza estrutural que castiga todo o continente e que está se estendendo para o chamado primeiro mundo, porque somente assim se manterá fiel à utopia do Reino. Sabe-se que o Reino não é um sistema econômico, e a Igreja não fica alheia à libertação dos povos. No início da *Gaudium et Spes*, essa preocupação da Igreja é destacada: “As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias [...] sobretudo dos pobres e de todos que sofrem” (GS 1). A *Evangelii Gaudium* insiste que há que se afirmar sem rodeios que existe um vínculo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres; eles são os destinatários privilegiados do Evangelho (EG 198). “Somos chamados a descobrir Cristo neles” (EG 198).

O caminho de igualdade dentro da adversidade. A Igreja, sacramento da comunhão e da diversidade de membros no reconhecimento da unidade e igualdade, é uma resposta eficaz à urgência de um mundo inclusivo, onde caibam todos. Assuntos que merecem tomadas de

⁴⁰² CARO, O. C. V. A 50 anos do Vaticano II: luzes e desafios. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis: Vozes, n. 283, p. 625, jul. 2011.

decisão com base nos direitos humanos da Igreja, como o tratamento que recebe um presbítero quando decide deixar o ministério, os casais de segunda união⁴⁰³ e a posição da mulher na Igreja eram realidades que há 50 anos apenas se deixavam vislumbrar. Hoje tornaram-se urgentes. “As reivindicações dos legítimos direitos das mulheres [...] colocam à Igreja questões profundas que a desafiam e [com as quais] não se pode iludir superficialmente” (EG 103).

O caminho de formação dos leigos, comprometido com o discipulado-missionário que é chamado a viver. Em muitos ambientes fala-se em século do laicato e da sua responsabilidade histórica na perspectiva de mudar o rosto da Igreja piramidal pelo rosto de Igreja-comunhão à imagem da Trindade. É hora de o laicato atuar de forma responsável na missão evangelizadora da Igreja, “não através da usurpação da missão do ministério ordenado, mas, sim, como responsabilidade histórica de viver a vocação cristã”⁴⁰⁴ em seguimento à missão evangelizadora e como resposta ao chamado. O Concílio Vaticano II foi o grande responsável pela valorização do laicato na vida da Igreja. Nesse sentido, os documentos conciliares que abordaram o assunto foram a *Gaudium Spes*, a *Lumen Gentium* e o Decreto *Apostolicam Actuositatem*. A *Evangelii Gaudium*, dentre os tantos desafios eclesiais, aponta à missão dos leigos. Segundo a exortação, a tomada de consciência da responsabilidade laical não se manifesta da mesma forma em toda parte; em alguns casos, porque não se formaram para assumir responsabilidades importantes, em outros, por não encontrar espaço nas suas Igrejas particulares, em virtude de um excessivo clericalismo, mantendo-os à margem das decisões (EG 102).

O caminho que leva ao ecumenismo e ao diálogo inter-religioso. Após o concílio, em termos práticos, grandes passos foram dados nesse sentido e no que tange ao bem comum. Porém, falta um diálogo mais profundo em questões de fé, que pressuponha a riqueza das “sementes do Verbo” presentes nas diversas confissões religiosas.⁴⁰⁵ Esse diálogo se faz necessário em virtude da missão da Igreja “que é de iluminar o mundo inteiro com a mensagem evangélica e reunir em um único Espírito todos os homens” (GS 92). Ademais, “a missão do anúncio da Boa-Nova de Jesus Cristo tem destinação universal. Seu mandato de caridade alcança todas as dimensões da existência [...]. Nada do humano lhe parece estranho”

⁴⁰³ GODOY, M. Concílio Vaticano II: balanço e perspectiva à luz dos seus 40 anos. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis: Vozes, n. 259, p. 593, jul. 2005.

⁴⁰⁴ *Ibid.*, p. 626.

⁴⁰⁵ CARO, O. C. V. A 50 anos do Vaticano II: luzes e desafios. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis: Vozes, n. 283, p. 626, jul. 2011.

(EG I81; DA 380).

O caminho do diálogo e da valorização nas diversas tradições culturais. Cada vez mais há a valorização e o resgate de identidades e tradições, pedindo, assim, uma Igreja com diferentes rostos, com liturgias que possuam linguagens de todos os povos, valorizando a riqueza cultural de cada um deles. A noção de cultura recebe uma atenção especial na *Gaudium et Spes*, ultrapassando uma visão meramente sociológica, reconhecendo a pluralidade cultural e manifestando otimismo com o advento de uma cultura universal.⁴⁰⁶ A *Evangelii Gaudium* dedica os números de 68 a 75 à inculturação da fé, enfatizando: “Há uma necessidade imperiosa de evangelizar as culturas para inculturar o Evangelho” (EG 69).

O caminho dos novos contextos. Nos dias de hoje, não se concebe uma religião com uma antropologia que não valorize o ser humano no seu todo. Há a necessidade de acolhê-lo positivamente em todas as suas dimensões, sem julgamentos pré-concebidos, mas sentindo sua necessidade de constituir a experiência religiosa de uma forma muito mais integradora e integral. É nessa perspectiva que se fala em novo humanismo, e a relação Igreja-mundo baseia-se na visão antropológica do Concílio. “A importante chave antropológica encontra-se no número 22 da *Gaudium et Spes* que apresenta Cristo como o Novo Adão, o que permite ao ser humano compreender sua altíssima vocação no desígnio de Deus”.⁴⁰⁷ Na *Evangelii Gaudium*, a preocupação com o ser humano concreto ocupa um lugar central.⁴⁰⁸ Para “a conversão da Igreja, a primeira transformação-reforma é de atitude evangélica, não de estruturas nem de moral: ‘o anúncio do amor salvífico precede a obrigação moral e religiosa’”.⁴⁰⁹ Afirma a exortação que, na origem da crise financeira, há uma “crise antropológica profunda: a negação da primazia do ser humano” (EG 55).

O caminho que leva ao desenvolvimento científico, à interdisciplinariedade e à colaboração em todos os seguimentos sociais. É evangélico compreender que se vive num paradigma pluralista, buscando princípios éticos que possam garantir a vida a todos, em cada sociedade.⁴¹⁰ A *Gaudium et Spes* afirma a autonomia das ciências: “Se a pesquisa metódica, em todas as ciências, proceder de maneira verdadeiramente científica e segundo as leis

⁴⁰⁶ MIRANDA, M. F. *Inculturação da fé*, p. 26.

⁴⁰⁷ BRUSTOLIN, L. A. *Gaudium et Spes* e a pastoralidade do Concílio Vaticano II. In: _____ (Org.). *50 anos do Concílio Vaticano II*. Porto Alegre: Edipucrs, 2012, p. 128.

⁴⁰⁸ PÁDUA, L. P. O ser humano, centro da *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, J. P.; FERNANDES, L. A. (Org.). *Evangelii Gaudium: em questão*. Rio de Janeiro: PUCRIO; São Paulo: Paulinas, 2014, p. 124.

⁴⁰⁹ SPADARO, Antonio. *Papa Francisco. Entrevista exclusiva*, p. 22.

⁴¹⁰ CARO, O. C. V. A 50 anos do Vaticano II: luzes e desafios. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis: Vozes, n. 283, p. 627, jul. 2011.

morais, na realidade, nunca será oposta à fé” (GS 36). A *Evangelii Gaudium* afirma: “A fé não tem medo da razão; pelo contrário, procura-a e tem confiança nela, porque “a luz da razão e a luz da fé provêm ambas de Deus e não se podem contradizer entre si” (EG 242).

O caminho da paz. A *Gaudium et Spes*, ao falar da natureza da paz, refere que ela não é mera ausência de guerra, definindo-a como “obra da justiça” (GS 78) e convoca todos os cristãos a praticarem a justiça na caridade. A *Evangelii Gaudium* propõe o “diálogo social como contribuição da paz” (EG 238-241). Nos dias de hoje, há uma insistência na paz, convocando à superação da violência das mais diferentes formas. No Brasil, segundo as estatísticas, há 50 mil vítimas anuais de trânsito e outras tantas de assassinato direto.⁴¹¹ Nessa perspectiva, o suicídio, foi considerado desde a década de 90 (século XX) como um problema de saúde pública pela Organização Mundial da Saúde (OMS), atingindo principalmente jovens e adultos de 15 a 34 anos, sendo a maior ocorrência notada em pessoas com idade superior a 60 anos.⁴¹²

O caminho da questão ecológica. O problema que não era considerado na década de 60 (século XX) mas que hoje é urgente é a reflexão sobre a responsabilidade da Igreja na preservação do meio ambiente.⁴¹³ A globalização da economia ditada pela regra de um sistema que tende a envolver tudo para aumentar os benefícios, “qualquer realidade que seja frágil, como o meio ambiente, fica indefesa face aos interesses do mercado divinizado, transformados em regra absoluta” (EG 56).

O caminho do seguimento a Jesus. Pode parecer um contrassenso propor o caminho de Jesus, quando todos os itens anteriores já o fizeram, mas o que se está propondo é a recuperação do encanto e da alegria que há em anunciar o Evangelho, o ardor e a audácia do mandato missionário, a profecia dos primeiros seguidores, tornando as estruturas humanas impregnadas do Reino de Deus. Isso tudo realizado através da pedagogia de Jesus, à maneira da semente que cresce sem que percebamos (cf. Mc 4,7) ou da porção de fermento que leveda

⁴¹¹ HAMMES, É. Recepção e atualidade do Concílio Vaticano II no Brasil. In: BRUSTOLIN, L. *50 anos do Concílio Vaticano II: recepção e interpretação*. Porto Alegre: Edipucrs, 2012.

⁴¹² BRUSTOLIN, L. A. A teologia diante do suicídio na sociedade atual. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis: Vozes, n. 290, p. 328, abr. 2013.

⁴¹³ “O Papa Francisco caracterizou as preocupações com o meio ambiente como ‘um dos maiores desafios de nossa época’, um desafio teológico, bem como político, por natureza. ‘Vejo a América [...] tantas florestas, todas cortadas, que se tornaram terra de cultivo [...] que não podem mais dar vida’”. Ele está planejando lançar uma encíclica ou carta papal sobre a relação do homem com o meio ambiente. (BURTON, T. I. O ambientalismo radical do papa. *The Atlantic*, 11 jul. 2014. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/533330-o-ambientalismo-radical-do-papa-francisco>>. Acesso em: 10 nov. 2014.

toda massa (cf. Mt 13,33).⁴¹⁴

Diante do exposto, a pesquisa evidencia que o Papa Francisco retomou os fios da constituição *Gaudium et Spes* (1965) do Vaticano II em sua exortação *Evangelii Gaudium* (2013). João XXIII e o Papa Francisco se identificam pelo Evangelho, não dando lugar para “profetas de desgraças” (EG 84) e “prisioneiros da negatividade” (EG 159). Seguindo o caminho do Vaticano II, ambos creem na possibilidade da “conversão eclesial” e na necessidade de “reforma perene” da Igreja (EG 26) atingindo estruturas e conteúdos pastoralmente excludentes, irrelevantes ou incompreensíveis. Conversão pastoral significa conversão ao “estado permanente de missão” (EG 25; DA 551) – além fronteiras e sem fronteiras (EG 11; 25; 27; 32).⁴¹⁵

Na tentativa de responder à pergunta: Como a Igreja chegaria a nossos contemporâneos, considerou-se ainda algumas propostas. Acima de tudo aprendendo a *ouvi-los*, conhecer seus problemas, sua linguagem, seus anseios, suas alegrias e seus sofrimentos. A Igreja teria menos visibilidade em suas figuras hierárquicas e se faria presente pela vida e ação de seus membros. “Como cada vez mais alguém é cristão por opção pessoal, teremos no futuro uma Igreja menos presa ao que caracteriza as religiões e mais próxima do *Evangelho*”,⁴¹⁶ e tudo nela deverá girar em torno dele.

Semelhante às primeiras comunidades, uma rede de *comunidades menores* propiciará um clima de maior partilha e comunhão. Os sacramentos não serão negligenciados, mas nestas comunidades, haverá ênfase na escuta da Palavra de Deus e na coerência de vida. A autoridade ocorre, mas do serviço prestado à comunidade. O significado do ministério ordenado não significa mais poder, mas serviço prestado à comunidade, assim também o significado de todos os demais ministérios.

É importante que “a Igreja se apresente como uma *educadora da liberdade* e como um espaço para o exercício cristão da mesma”.⁴¹⁷ Caso tudo viesse definido de cima, não haveria espaço à liberdade, mas apenas às normas e à obediência que em nada favorece o encontro pessoal com Deus.

⁴¹⁴ CARO, O. C. V. A 50 anos do Vaticano II: luzes e desafios. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis: Vozes, n. 283, p. 627, jul. 2011.

⁴¹⁵ SUESS, P. Vinho com gotas de vinagre: exortação apostólica “A alegria do Evangelho” do Papa Francisco – Um *vade-mecum* sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis: Vozes, n. 293, p. 163, jan./abr. 2014.

⁴¹⁶ MIRANDA, M. F. Uma Igreja em processo de renovação. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis: Vozes, n. 286, p. 391, abr. 2012.

⁴¹⁷ *Ibid.*, p. 393.

A Igreja deveria enfatizar a formação de uma *consciência social*, porque é sabido que “o que alimenta hoje a credibilidade da Igreja, em grande parte, é sua preocupação e atividade em favor dos pobres, dos últimos da sociedade, à semelhança de seu fundador”.⁴¹⁸

Trata-se de uma “Igreja que experimenta e testemunha sua fé em Cristo”,⁴¹⁹ para a qual, essa sociedade secularizada e pluralista não significa apenas um desafio, mas também uma *chance*; chance de se submeter a um exame crítico, quer em suas atuais estruturas, quer na pastoral tradicional. É claro, que não há passos mágicos com definições exatas na sua missão nessa sociedade, mas, assim como entre os primeiros cristãos, tem-se uma certeza: que haja a volta à *fé*, como opção primordial do cristão. E que através dessa chance “ela recupere sua verdade de opção de vida pessoal e livre”.⁴²⁰ Verdade que para o cristão é alguém, razão porque ele aposta em Jesus Cristo e na sua mensagem, porque um dia deixou-se cativar por ambos e tem coragem de lutar por uma nova sociedade.

É uma fé onde o relacional é decisivo (cf. Mt 25, 31-46), onde a caridade fraterna constitui seu núcleo e sua verdade (cf. 1 Jo 4,7) expressando-se então no culto, nos sacramentos, nas formulações doutrinárias que, sem ela, perdem sua razão de ser (cf. 1 Cor 13,1-3; 11,29). Como esta fé deve penetrar todos os recantos da vida concreta, ela acaba sendo experimentada como uma realidade que nos leva aos outros, nos humaniza, nos realiza, sendo assim fonte de vida, de liberdade, de felicidade.⁴²¹

Para a evangelização, o *testemunho pessoal e comunitário*, nesta sociedade tão carente de sólidas referências, adquire um valor excepcional.⁴²² As comunidades mostrarão o que é verdadeiramente uma comunidade cristã,⁴²³ recuperando o valor sacramental de ser verdadeiro testemunho de Deus. Isso exigirá de cada um uma verdadeira conversão. Oxalá se possa corresponder ao que o Espírito Santo espera de cada um de nós! Peçamos a Ele “que venha renovar, sacudir, impelir a Igreja numa decidida saída de si mesma a fim de evangelizar todos os povos” (EG 261).

⁴¹⁸ MIRANDA, M. F. Uma Igreja em processo de renovação. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis: Vozes, n. 286, p. 393, abr. 2012.

⁴¹⁹ *Ibid.*, p. 394.

⁴²⁰ *Id.*

⁴²¹ *Id.*, p. 395.

⁴²² Paulo VI, a respeito dos métodos de evangelização, diz que o testemunho de uma vida cristã é o primeiro meio de evangelização. (EN 41). “O homem contemporâneo escuta com melhor boa-vontade as testemunhas do que os mestres ou então se escuta os mestres, é porque eles são testemunhas” (EN 41).

⁴²³ Na Carta a Diogneto, “joia da literatura cristã primitiva”, o cristão anônimo responde à indagação de Diogneto, pagão culto, desejoso de conhecer melhor a nova religião que se espalhava com tanta rapidez pelas províncias do Império Romano. Ele ficava impressionado com a maneira de viver dos cristãos, testemunhando o amor que tinham uns pelos outros. (DA CARTA a *Diogneto* sobre os primeiros cristãos. Disponível em: <<http://blog.cancãonova.com/hpv/da-carta-a-diogneto-sobre-os-primeiros-cristaos/>>. Acesso em: 11 jun. 2014).

REFERÊNCIAS

ALBERIGO, Giuseppe (Dir.); BEOZZO, José Oscar. *História do Concílio Vaticano II: a formação da consciência conciliar. o primeiro período e a primeira interseção*. Petrópolis: Vozes, 1999. v. II.

_____. A constituição *Gaudium et Spes* no quadro do Concílio Vaticano II. In: BARAÚNA, Guilherme. *A Igreja no mundo de hoje*. Petrópolis: Vozes, 1967.

ALMEIDA, João Carlos; MAÇANEIRO, Marcial; MANZINI, Rosana (Orgs.). *As janelas do Vaticano II: a Igreja em diálogo com o mundo*. São Paulo: Santuário, 2013.

ALMEIDA, José Antonio. *Critérios básicos para a interpretação do Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, fasc. 288, p. 772-806, out. 2012.

ALTEMEYER, Fernando. Os muitos partos do Bispo de Roma. In: PASSOS, João Décio; SOARES, Afonso Maria Ligório (Orgs.). *Francisco: renasce a esperança*. São Paulo: Paulinas, 2013.

AMADO, Joel Portella. Mudança de época e conversão pastoral: uma leitura das conclusões de Aparecida. *Atualidade Teológica*, ano XII, n. 30, p. 301-316, set./dez. 2008.

AMADO, Joel Portella. *Evangelii Gaudium: alguns aspectos para sua leitura*. In: AMADO Joel Portella; FERNANDES, Leonardo Agostini (Org.). *Evangelii Gaudium: em questão*. Rio de Janeiro: PUCRIO; São Paulo: Paulinas, 2014.

BARAÚNA, Guilherme. *A Igreja no mundo de hoje*. Petrópolis: Vozes, 1967.

BARROS, Paulo César. As fontes patrísticas: importância e atualidade para a Igreja. *Vida Pastoral*, p. 5-10, nov./dez. 2009.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

BENTO XVI. *Exortação apostólica pós-sinodal: Verbum Domini*. São Paulo: Paulinas, 2010.

BEOZZO, José Oscar. Vaticano II: 50 anos depois na América Latina e no Caribe. *Concilium*, Petrópolis: Vozes, v. 346, p. 116-122, 2012-2013.

BERGOGLIO, Mario Jorge; SKORKA, Abraham; FIGUEROA, Marcelo. *A oração*. São Paulo: Saraiva, 2013.

_____. *Sobre a acusação de si mesmo*. São Paulo: Ave-Maria, 2013.

_____. *Educar: exigência e paixão*. São Paulo: Ave-Maria, 2013.

_____. *Educar: escolher a vida*. São Paulo: Ave-Maria, 2013.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2000.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. La cuarta semana: el don y el desafío de la alegría. *Manresa*, n. 79, p. 139-152, 2007.

_____. Esperança de futuro para a Igreja. In: PASSOS, João Décio; SOARES, Afonso Maria Ligório (Orgs.). *Francisco: renasce a esperança*. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 238-253.

BORGMAN, Erik. *Gaudium et Spes*: o futuro esquecido de um documento revolucionário. *Concilium*, v. 312, p. 75-84, 2004-5.

BRIGHENTI, Agenor. Aparecida: as surpresas, suas propostas e novidades. *Perspectiva Teológica*, ano XXXIX, n. 109, p. 307-330, set./out. 2007.

_____. Vaticano II – *Medellín*: intuições básicas e eixos fundamentais. *Revista Eclesiástica Brasileira*, n. 273, p. 5-26, jan. 2009.

_____. Por uma evangelização realmente nova. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, ano 45, n. 125, p. 83-106, jan./abr. 2013.

BRIGUENTI, Agenor. Uma instituição em crise em uma sociedade em crise. In: PASSOS, João Décio; SOARES, Afonso Maria Ligório (Orgs.). *Francisco: renasce a esperança*. São Paulo: Paulinas, 2013.

BRIGUENTI, Agenor. Perfil pastoral da Igreja que o Papa Francisco sonha. In: SILVA, José Maria (Org.). *Papa Francisco: perspectivas e expectativas de um papado*. Petrópolis: Vozes, 2014.

BRUSTOLIN, Leomar Antônio. Catequese: novos tempos, novos caminhos. In: MINCATO, Ramiro (Org.). *Catequese renovada: esperança e transformação*. Porto Alegre: EST, 2008.

BRUSTOLIN, Leomar Antônio. *Gaudium et Spes* e a pastoralidade do Concílio Vaticano II. In: _____. (Org.). *50 anos do Vaticano II: recepção e interpretação*. Porto Alegre: Edipucrs, 2012.

_____. (Org.). *50 anos do Concílio Vaticano II: recepção e interpretação*. Porto Alegre: Edipucrs, 2012.

_____. A Teologia diante do suicídio na sociedade atual. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis: Vozes, fasc. 290, p. 327-341, abr. 2013.

_____. La conversión pastoral de la parroquia. La renovación parroquial en América Latina. *Rivista Lateranum*, Roma: Lateran University Press, n. LXXX, p. 9-26, jan. 2014.

CALIMA, Cleto. A eclesiologia do Concílio Vaticano II e a Igreja no Brasil. In: CARO, Olga Consuelo Vélez. *A 50 anos do Vaticano II: luzes e desafios*. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis: Vozes, n. 283, p. 619-627, jul. 2011.

CARO, Olga Consuelo Vélez. *A 50 anos do Vaticano II: luzes e desafios*. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis: Vozes, n. 283, p. 619-627, jul. 2011.

CAVACA, Osmar. Uma eclesiologia chamada Francisco: estudo da eclesiologia do Papa Francisco a partir da *Evangelii Gaudium*. *Revista da Cultura Teológica*, ano XXII, n. 83, p. 15-34, jan./jun. 2014.

CELAM. Documento de Aparecida. Texto conclusivo da V CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE. CNBB; São Paulo: Paulinas; Paulus, 2007.

CODINA, Victor. O Vaticano II: um concílio em processo de recepção. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, n. 37, p. 89-104, 2005.

COMBLIN, José. As sete palavras-chave do Concílio Vaticano II. *Vida Pastoral*, n. 296, p. 17-25, maio/jun. 2014.

CONCÍLIO VCATICANO II. Constituição pastoral *Gaudium et Spes*. In: KLOPPENBURG, Boaventura; VIER, Frederico. *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos,*

declarações. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. Decreto *Apostolicam Actuositatem*. In: KLOPPENBURG, Boaventura; VIER, Frederico. *Concílio Vaticano II: constituições, decretos, declarações*. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. Decreto *Optatam Totius*. In: KLOPPENBURG, Boaventura; VIER, Frederico. *Concílio Vaticano II: constituições, decretos, declarações*. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. Decreto *Unitatis Redintegratio*. In: KLOPPENBURG, Boaventura; VIER, Frederico. *Concílio Vaticano II: constituições, decretos, declarações*. Petrópolis: Vozes, 2000.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora do Brasil (2011-2015)*. São Paulo: Paulinas, 2011.

_____. *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia: a conversão da paróquia*. Brasília, 2014. (Documentos da CNBB, n. 100).

_____. *Comunidade de Comunidades: uma nova paróquia. A conversão pastoral da paróquia*. São Paulo: Paulinas, 2014.

COSTA, Alfredo Sampaio. Anunciar com alegria: aspectos espirituais da *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, Joel Portella; FERNANDES, Leonardo Agostini (Orgs.). *Evangelii Gaudium: em questão*. Rio de Janeiro: PUCRIO; São Paulo: Paulinas, 2014.

DALLA COSTA, Antônio Amélio. *Os ministérios leigos: contribuição histórico-teológica na formação e acompanhamento dos ministérios leigos*. Santa Maria: Biblos, 2003.

FRANCISCO. *A Igreja da Misericórdia: minha visão para a Igreja*. São Paulo: Paralela, 2014.

_____. *Palavras do Papa Francisco no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2013.

_____. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium. A alegria do Evangelho*. Brasília: CNBB, 2013.

GESCHÈ, Adolphe. *O cosmo*. São Paulo: Paulinas, 2004.

GODOY, Manoel. Concílio Vaticano II: balanço e perspectiva à luz dos seus 40 anos. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis: Vozes, n. 259, p. 583-597, jul. 2005.

HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. *A amada Igreja de Jesus Cristo: manual de eclesiologia como comunhão orgânica*. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.

_____. A Igreja da *Lumen Gentium* e a Igreja da *Gaudium et Spes*. *Teocomunicação*, Porto Alegre: PUC, v. 35, n. 150, p. 657-676, dez. 2005.

_____. O referencial teológico do Documento de Aparecida. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 37, n. 257, p. 319-336, set. 2007.

HAMMES, Érico. Recepção e atualidade do Concílio Vaticano no Brasil. In: BRUSTOLIN, Leomar A. *50 anos do Concílio Vaticano II: recepção e interpretação*. Porto Alegre: Edipucrs, 2012.

HARING, Bernhard. Vistas e perspectivas novas que a constituição abre para o futuro. In: BARAÚNA, Guilherme. *A Igreja no mundo de hoje*. Petrópolis: Vozes, 1967.

KLOPPENBURG, Boaventura. *Concílio Vaticano II: documentário preconiliar*, v. I. Petrópolis: Vozes, 1962.

_____. *Concílio Vaticano II: quarta sessão*, v. V. Petrópolis: Vozes, 1966.

_____. *O cristão secularizado: o humanismo do Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 1970.

_____. *A eclesiologia do Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 1971.

LATOURELLE, René; FISICHELLA, Rino. *Dicionário de Teologia fundamental*. Petrópolis: Vozes, 1994.

LIBÂNIO, João Batista. A trinta anos do Concílio Vaticano II: chaves teológicas de leitura. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, n. 73, p. 297-332, set./dez. 1995.

_____. Os 50 anos do Concílio Vaticano II: avanços e entraves. *Vida Pastoral*, n. 300, p. 11-18, nov./dez. 2011.

_____. *Concílio Vaticano II: em busca de uma primeira compreensão*. São Paulo: Loyola, 2005.

LIMA, Alceu Amoroso. Visão panorâmica sobre a *Gaudium et Spes*. In: BARAÚNA, Guilherme. *A Igreja no mundo de hoje*. Petrópolis: Vozes, 1967.

LOPES, Geraldo. *Gaudium et Spes: texto e comentário*. São Paulo: Paulinas, 2011.

LYONNET, Stanislas. Os fundamentos bíblicos da constituição pastoral *Gaudium et Spes*. In: BARAÚNA, Guilherme. *A Igreja no mundo de hoje*. Petrópolis: Vozes, 1967.

MAIER, Martin. Impulsos do Concílio Vaticano II para a Igreja na Europa. *Concilium*, n. 346, p. 130-136, 2012-2013.

MANZATTO, Antonio. Fundamentos teológicos da *Gaudium et Spes*. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, v. 17, n. 68, p. 75-91, jul./dez. 2009.

_____. O paradigma cristológico do Vaticano II e sua incidência na Cristologia latino-americana. In: GONÇALVES, P. S.; BOMBONATTO, V. *Concílio Vaticano II: análise e perspectivas*. São Paulo: Paulinas, 2004.

MANZINI, R. Igreja em diálogo com o mundo moderno. In: MANZINI, R.; MAÇANEIRO, M.; ALMEIDA, J. C. (Org.). *As janelas do Vaticano II. A Igreja em diálogo com o mundo*. Aparecida: Santuário, 2013.

MCGRATH, Marco. Notas históricas sobre a constituição pastoral *Gaudium et Spes*. In: BARAÚNA, Guilherme. *A Igreja no mundo de hoje*. Petrópolis: Vozes, 1967.

MELLO, Alexandre Awi. *Ela é Minha Mãe!:* encontros do Papa com Maria. São Paulo: Loyola, 2014.

MIRANDA, Mário de França. Igreja e sociedade na *Gaudium et Spes* e sua incidência no Brasil. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis: Vozes, v. LXVI, p. 87-114, 2006.

_____. Conjuntura eclesial e Sínodo para uma nova evangelização. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis: Vozes, fasc. 283, p. 683-694, jul. 2011.

_____. Em vista da nova evangelização. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, ano 45, n. 125, p. 13-34, jan./abr. 2013.

_____. *Inculturação da fé*. São Paulo: Loyola, 2001.

_____. Uma Igreja em processo de renovação. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis: Vozes, n. 286, p. 366-418, abr. 2012.

MOELLER, Charles. A promoção da cultura. In: BARAÚNA, Guilherme. *A Igreja no mundo de hoje*. Petrópolis: Vozes, 1967.

MORAES, Abimar Oliveira. O anúncio do Evangelho na atualidade: uma introdução à *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, Joel Portella; FERNANDES, Leonardo Agostini (Orgs.). *Evangelii Gaudium: em questão*. Rio de Janeiro: PUCRIO; São Paulo: Paulinas, 2014.

NENTWIG, Roberto. *Iniciação à comunidade cristã: A relação entre a comunidade evangelizadora e o catecumenato de adultos*. São Paulo: Paulinas, 2013.

PÁDUA, Lúcia Pedrosa. O ser humano, centro da *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, Joel Portella; FERNANDES, Leonardo Agostini (Orgs.). *Evangelii Gaudium: em questão*. Rio: PUCRIO; São Paulo: Paulinas, 2014.

PALÁCIO, Carlos. O legado da *Gaudium et Spes*: riscos e exigências de uma nova condição cristã. *Perspectiva Teológica*, São Paulo: Loyola, n. 73, p. 333-354, set./dez. 1995.

PASSOS, João Décio. *Concílio Vaticano II: reflexões sobre um carisma em curso*. São Paulo: Paulus, 2014.

PAULO VI. Motivos de confiança nas hodiernas perturbações da Igreja. Audiência Geral de 25 de setembro de 1969. *Sedoc*, p. 413-423, nov. 1969.

_____. Exortação apostólica *Gaudete in Domino*. São Paulo: Paulinas, 1975.

_____. Exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*. São Paulo: Paulinas, 1978.

PIVA, Elói Dionísio. Recepção e divulgação do Vaticano II pelos franciscanos de Petrópolis: *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis: Vozes, n. 259, p. 631-655, jul. 2005.

SANTOS, Benedito Beni dos. *Evangelizar com Papa Francisco: comentário à Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulus, 2014.

SANTOS, Manoel Augusto. Congresso Internacional sobre a atuação dos ensinamentos do Concílio Vaticano II. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 30, n. 129, p. 555-565, set. 2000.

SCAVO, Nello. *A lista de Bergoglio*. São Paulo: Paulinas; Loyola; Paulus, 2013.

SCHLESINGER, Hugo; PORTO, Humberto. *Dicionário enciclopédico das religiões*. Petrópolis: Vozes, 1995. v. 1.

SCHUTZ, Roger; THURIAN, Max. A Igreja para o mundo. In: BARAÚNA, Guilherme. *A Igreja no mundo de hoje*. Petrópolis: Vozes, 1967.

SÍNODO DOS BISPOS. XIII Assembleia Geral Ordinária. *A nova evangelização para a transmissão da fé*. São Paulo: Paulinas, 2012.

SOBRINO, Jon. A Igreja dos pobres não prosperou no Vaticano II: promovida em Medellín, historizou elementos essenciais do concílio. *Concilium*, Petrópolis: Vozes, n. 346, p. 79-89, 2012-2013.

SOUSA, Ney. Antecedentes e eventos históricos. In: ALMEIDA, João Carlos; MAÇANEIRO, Marçal; MANZINI, Rosana (Orgs.). *As janelas do Vaticano II: a Igreja em diálogo com o mundo*. Aparecida: Santuário, 2013.

SPADARO, Antonio. *Entrevista exclusiva com Papa Francisco*. São Paulo: Paulus; Loyola, 2013.

_____. *Ciberteologia*. São Paulo: Paulinas, 2013.

SUESS, Paulo. A virada popular inibida: a proposta missionária do Vaticano II no cinquentenário de sua abertura à luz da pastoral latino-americana. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis: Vozes, n. 288, p. 831-861, out. 2012.

_____. Vinho com gotas de vinagre: exortação apostólica “A alegria do Evangelho” do Papa Francisco: um *vade-mecum* sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. *Revista Eclesiástica Brasileira*. Petrópolis, v.74, n. 293, p. 160-173, jan./abr. 2014.

SUSIN, Luiz Carlos. A Igreja e os 50 anos do Concílio Vaticano II. In: BRUSTOLIN, Leomar (Org.). *50 anos do Concílio Vaticano II. Recepção e interpretação*. Porto Alegre: Edipucrs, 2012.

SUSIN, Luiz Carlos. Para conhecer Deus é necessário conhecer o homem. Antropologia teológica conciliar e seus desdobramentos na realidade brasileira. In: GONÇALVES, Paulo Sérgio; BOMBONATTO, Vera Ivanise (Orgs.). *Concílio Vaticano II: análise e perspectivas*. São Paulo: Paulinas, 2004.

TEIXEIRA, Faustino. *Bento XVI: alcances e limites de seu pontificado*. Petrópolis: Vozes, 2014.

VALENTINI, Demétrio. O processo conciliar do Vaticano II e sua continuidade na vida da Igreja. In: BRUSTOLIN, Leomar A. *50 anos do Concílio Vaticano II: recepção e interpretação*. Porto Alegre. Edipucrs, 2012.

VIDAL, José Manuel; BASTANTE, Jesús. As mudanças (presentes e futuras) da primavera de Francisco. In: SILVA, José Maria (Org.). *Perspectivas e expectativas de um papado*. Petrópolis: Vozes, 2014.

VIGIL, José Maria. Vaticano II: Recepção na América Latina. *Revista Eclesiástica Brasileira*, n. 262, p. 262-395, abr. 2006.

ZAK, Lubomir. A Igreja e o Vaticano II. *Teocomunicação*, Porto Alegre: Edipucrs, v. 43, n. 1, p. 5-25, jan./jun. 2013.

ZILLES, Urbano. *História da Teologia cristã*. Porto Alegre: Arte & Vida, 2014.

SITES ELETRÔNICOS

ALLEN JR., Jonh L. *O "I have a dream" do Papa Francisco*. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/526128-o-qi-have-a-dreamq-do-papa-francisco>>. Acesso em: 8 jul. 2014.

AMADO, Joel Portela. *Teólogos refletem sobre a Evangelii Gaudium*. Disponível em: <<file:///C:/Users/User/AppData/Local/Temp/Low/JF0V5Q0B.htm>>. Acesso em: 8 jul. 2014.

ANSALDO, Marco. *O mea culpa dos bispos do Sínodo*. *La Repubblica*, 12 out. 2012.

Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/514518-o-mea-culpa-dos-bispos-no-sinodo>>. Acesso em: 26 jul. 2014.

BENTO XVI. *Discurso do Papa Bento XVI na Sessão inaugural da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe*. 13 de maio de 2007. Disponível em: <www.vatican.va/...xvi/hf_ben-xvi_spe_20070513_conference-aparecida_po.html>. Acesso em: 03 set. 2014.

_____. *Discurso do Papa Bento XVI na Catedral da Sé em São Paulo*. 11 de maio de 2007. Disponível em: <www.vatican.va/...xvi/2007/.../hf_ben-xvi_spe_2007511_bishops-brazil_po.html>. Acesso em: 9 set. 2014.

BRIGHENTI, Agenor. *Os desafios para a Igreja no século XXI*. In: SEMINÁRIO LATINO-AMERICANO DE TEOLOGIA. Conselho Nacional do Laicato do Brasil. Pindamonhangaba, São Paulo, 19 de maio de 2007. Disponível em: <www.cefep.org.br>. Acesso em: 18 jul. 2014.

_____. *Intuições básicas do perfil da Igreja que o Papa Francisco sonha*. Disponível em: <<http://www.diocesetb.org.br/detalhesartigos/223>>. Acesso em: 08 jul. 2014.

BURTON, Tara Isabella. *O ambientalismo radical do Papa Francisco*. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/533330-o-ambientalismo-radical-do-papa-francisco>>. Acesso em: 10 nov. 2014.

CALDEIRA, Coppe Rodrigo. *Vaticano II: a batalha pelo significado*. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4620&secao=401>. Acesso em: 16 nov. 2014.

CELAM. *II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano*. Disponível em: <www.cpalsj.org/wp-content/.../03/Medellin-II-CELAM-1968-POR>. Acesso em: 22 set. 2014.

_____. *III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano*. Disponível em: <www.celam.org/doc_conferencias/Documento_Conclusivo_Puebla>. Acesso em: 22 set. 2014.

_____. *IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano*. Disponível em: <www.celam.org/.../Documento_Conclusivo_Santo_...>. Acesso em: 22 set. 2014.

CIDADE DO VATICANO (Radio Vaticana). *Attualità*. Disponível em: <<http://www.pccs.va/index.php/pt/component/k2/itemlist/tag/Papa%20Francisco>>. Acesso em: 20 ago. 2014.

_____. *A Alegria do Evangelho orienta atualização das Diretrizes Gerais da Igreja*. Disponível em: <<http://capuchinhosprsc.org.br/alegria-do-evangelho-orienta-atualizacao-das-diretrizes-gerais-da-igreja.html>>. Acesso em: 29 ago. 2014.

CODINA, Vitor. *Um novo clima pastoral*. Disponível em: <<file:///C:/User/AppData/Local/Temp/Low/9TVZ9WZA.htm>>. Acesso em: 25 jul. 2014.

_____. *A Igreja do Papa. Um pequeno decálogo*. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/533513>>. Acesso em: 16 ago. 2014.

DA CARTA a *Diogneto sobre os primeiros cristãos*. Disponível em: <<http://blog.cancaonova.com/hpv/da-carta-a-diogneto-sobre-os-primeiros-cristaos/>>. Acesso em: 11 jun. 2014.

FRANCISCO. *Homilia da Missa de inauguração do Pontificado do Papa Francisco, na solenidade de São José*. 19 de março de 2013. Disponível em: <https://w2.vatican.va/.../2013/.../papa-francesco_20130319_...omelia-inizi...>. Acesso em: 13 jan. 2015.

JOÃO PAULO II. *Exortação apostólica Chistifideles Laici*. Disponível em: <www.vatican.va/.../hf_jp_ii_exh_30121988_chistifideles.laici_po.htm>. Acesso em: 30 out. 2014.

_____. *Exortação apostólica pós-sinodal Pastores dabo vobis*. Disponível em: <www.vatican.va/.../hf_jp_ii_exh_25031992_pastores-dabo-vobis_po.htm>. Acesso em: 11 jan. 2015.

_____. *Carta encíclica Ut unum sint*. Disponível em: <www.vatican.va/holy.../hf_ip-ii_enc_25051995_ut-unum-sint_po.html>. Acesso em: 12 jan. 2015.

_____. *Carta apostólica Novo Millennio Ineunte*. Disponível em: <www.vatican.va/...paul_ii/hf_ip-ii_apl_20010106_novo-millennio-ine...>. Acesso em: 30 out. 2014.

_____. *Discurso de Abertura da XIX Assembléia do CELAM, Porto Príncipe*. Disponível em: <www.vatican.va/...ii/.../1983/.../hf_ip-ii_spe_19830309_assemblea-celam_po.html>. Acesso em: 1º set. 2014.

_____. *Homilia do Rito de Beatificação Solene de João XXIII*. Disponível em: <<http://www.vatican.va/holyfather/jonhpaulii/homilies/2000/documents/hfipiihom20000903beatification.po.html>>. Acesso em: 12 abr. 2014.

JOÃO XXIII. *Discurso de abertura do Concílio Vaticano II*. 11 de outubro de 1962. Disponível em: <http://www.vatican.va/...xxiii/.../hf_j.xxiii_spe_1921011.opening-council_p...>. Acesso em: 21 maio 2014.

LIBÂNIO, João Batista. *Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento*. Palestra proferida em 2005. Disponível em: <<http://www.jlibânio.com.brConcilio>>. Acesso em: 22 mar. 2014.

LIMA, Luis Alves. *Mensagem do Sínodo 2012*. Disponível em: <www.cnbb.org.br/imprensa/noticias/10747-integra-da-mensagem-final-do-sinodo>. Acesso em: 11 jul. 2014.

_____. *A alegria do Evangelho. Exortação Apostólica. Cap. III: o anúncio do Evangelho*. Disponível em: <www.cnbsul1.org.br/.../EVANGELII-GAUDIUM-LUIZ-A-LIMA-04-o5-...>. Acesso em: 04 jul. 2014.

LINEAMENTA. Sínodo dos Bispos. *XIII Assembleia Geral Ordinária*. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/synod/docum>. Acesso em: 25 jun. 2014.

_____. Sínodo dos Bispos. XIII Assembleia Geral Ordinária. *A nova evangelização para a transmissão da fé cristã*, n. 10. Disponível em: <www.vatican.va/.../rc_synod_doc_20110202_lineamenta-xiii-assembly_>. Acesso em: 19 nov. 2014.

MAGISTER, Sandro. *Conjuntura da semana. Evangelii Gaudium*. O programa de um pontificado. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/cepat-conjuntura-da-semana-evangelii-gaudium-o-programa...>>. Acesso em: 8 jul. 2014.

_____. *Alegria e dores do magistério de Francisco*. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/530405-alegria-e-dores-do-magistério-de-francisco>>. Acesso em: 31 jul. 2014.

MANZINI, R. *Gaudium et Spes: diálogo permanente com o mundo*. Disponível em: <www.sapientia.pucsp.br/tde_arquivos/34/.../Rosana%Manzini>. Acesso em: 23 out. 2014.

METALLI, Alver. As reformas com o Método Guadalupe. *Vatican Insider*, 19 nov. 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/User/AppData/Local/Temp/Low/OYVB51US.htm>. Acesso em: 10 maio 2014.

MONROY, Felipe. *Reflexões sobre a Evangelii Gaudium: a revolução da ternura*. Disponível em: <<http://www.aleteia.org/pt/religiao/conteudo-agregado/exortação-apostolica-evangelii-gaudium-19034001>>. Acesso em: 4 jul. 2014.

NICOLÁS, Adolfo. *Sínodo sobre a nova evangelização, luzes e sombras*. Entrevista com Adolfo Nicolás. Disponível em: <<http://www.unisinos.br/noticias/515073-sinodo-sobre-a-nova-evangelizacao-luzes-e-sombras-entrevista...>>. Acesso em: 26 jul. 2014.

NOCETI, Serena. *Francisco e a Igreja que virá: análise dos especialistas*. Disponível em: <file:///C:/Users/User/AppData/Local/Temp/Low/ZYAFONA5.htm>. Acesso em: 4 jul. 2014.

OLIVEIRA, Pedro Ribeiro. *A viagem do Papa ao Brasil representou sua recepção pela Igreja da América Latina e Caribe*. Entrevista com Pedro Ribeiro de Oliveira. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/522303-entrevista-especial-com-pedro-de-oliveira%20>>. Acesso em: 27 ago. 2014.

PAOLI, Arturo. *O privilégio à caridade: as grandes novidades da Evangelii Gaudium*. Disponível em: <<http://www.mssps.org.br/evan.pdf>>. Acesso em: 4 jul. 2014.

PILIA, A. A teologia do povo do Papa Francisco. *Roma Sette*, 31 mar. 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/User/AppData/Local/Temp/Low/JELS1ZLQ.htm>. Acesso em: 2 set. 2014.

PINHO, José Eduardo Borges. *Gaudium et Spes: a novidade do Concílio Vaticano II vista de dentro e de fora da Igreja Católica*. Disponível em: <www.snpcultura.org/gaudium_et_spes_novidade_concilio_vaticano_v...>. Acesso em: 5 maio 2014.

PORTAL JESUÍTAS BRASIL. Disponível em: <http://www.jesuitasbrasil.com/jst/conteudo/visualiza_1o12.php?pag=;portaljesuitas;paginas;visualiza_1o1...>. Acesso em: 30 jul. 2014.

ROCHA, Sérgio. *Bispo que ajudou escrever mensagem do Sínodo dá detalhes*. 27 de outubro de 2012. Disponível em: <<http://novaevangelizacao.wordpress.com/category/sinodo-dos-bispos-2/>>. Acesso em: 23 jul. 2014.

_____. *Sínodo dos Bispos: como terminou?* 29 de outubro de 2013. Disponível em: <<http://www.cnbb.org.br/articulas/dm-sergio-da-rocha-/10698-sinodo-dos-bispos-como>>. Acesso em: 23 jul. 2014.

RODRIGUES, Eduardo Benes Sales. *Do Concílio Vaticano II às nossas Diretrizes atuais*. Disponível em: <www.cnbb.org.br/outros/dm-eduardo-benes-de-sales-rodrigues/12964-do-concilio-vaticano-ii-as...>. Acesso em: 7 out. 2014.

SANSON, Cesar; LANGER, André. *Conjuntura da Semana. Evangelii Gaudium. O progresso de um pontificado*. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/cepat/cepat-conjuntura/526592-conjuntura-da-semana-evangelii-gaudium-o-pontificado>>. Acesso em: 08 jul. 2014.

SBARDELOTTO, Moisés. *Um estilo evangelizador: o horizonte eclesial da Evangelii Gaudium*. Disponível em: <file:///C:/Users/User/AppData/Local/Temp/Low/VU62LHDV.htm>. Acesso em: 4 jul. 2014.

SIQUEIRA, Djalma Lopes. *Evangelii Gaudium, por um novo dinamismo evangelizador*. Disponível em: <www.diocese.sjc.org/evangelii-gaudium-por-um-novo-dinamismo-evangelizador>. Acesso em: 6 jul. 2014.

SPADARO, Antonio. *Conjuntura da semana. O papa Francisco e o 'magistério das entrevistas'*. Disponível em: <file:///C:/Users/User/AppData/Local/Temp/Low/AK7XGOAM.htm>. Acesso em: 4 jul. 2014.

SUESS, Paulo. *A nova evangelização blindada pelo Catecismo Universal. Proposição do Sínodo sobre a evangelização e transmissão da fé*. Disponível em: <file:///C:/User/AppData/Local/Temp/Low/9AE4U6ZV.htm>. Acesso em: 23 jul. 2012.

TORNIELLI, Andrea. *Uma conversão pastoral para toda a Igreja. Vatican Insider*, 26 nov. 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/User/AppData/Local/Temp/Low/HNIWQTPP.htm>. Acesso em: 10 jul. 2014.

_____. *Sairá uma encíclica a quatro mãos*. 13 de junho de 2013. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/520989-saira-uma-enciclica-a-quatro-maos-afirma-o-papa-francisco>>. Acesso em: 30 jul. 2014.

VALENTE, Gianni. *Francisco. A alegria do Evangelho para reformar a Igreja. Vatican Insider*, 25 nov. 2013. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/526064>>. Acesso em: 6 jul. 2014.